Mário Mesquita a partir de hoje no «DL»

A GÉNESE DA NOVA CLASSE POLÍTICA

«Será possível fundar uma democracia parlamentar a partir de uma revolução, conduzida por militares, num País com um rendimento anual per capita inferior a dois mil dólares?»

Ler *«Crónica sem notícias dentro»* na pág. 3

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 489 Quinta-feira, 15 de Outubro de 1987 Preço 45$00

BAIXA NA BOLSA DEPOIS DE CAVACO

Causas prováveis: muita gente a vender papel à procura de liquidez para investimentos em novas OPV's e dificuldades levantadas à especulação após o fim da regra dos 20%

O mercado oficial de acções da Bolsa de Valores de Lisboa encerrou ontem em queda: foi maior o número de descidas que de subidas verificadas. Como razões prováveis para este facto mencione-se a necessidade por parte de alguns investidores de vender papel para se prepararem para as OPV's que se aproximam e uma progressiva adaptação às novas condições de funcionamento do mercado - o fim da regra dos 20 por cento, embora não afaste completamente a possibilidade de especular, levanta entraves à actividade meramente especulativa de muitos investidores. Entretanto, anunciam-se para Dezembro maiores descidas das cotações, pois muitas empresas terão de vender o seu papel, ou parte dele, para poderem apresentar balanços saudáveis. **Pág. 11**

A tragédia de Goiânia

«Chernobyl» brasileiro ameaça Uruguai, Paraguai e Argentina

Uma cápsula de 100 gramas do pó radioactvo «Césio 137» não só provocou a contaminação, por pelo menos 50 anos da cidade brasileira de Goiânia, como ameaça agora os países vizinhos do Brasil, o Caribe e mesmo a zona sul dos Estados Unidos.. Foi um dos mais graves acidentes nucleares da história, apenas superado pelo de Chernobyl.

Págs. 12 e 13

Salvos das chamas 11 recém-nascidos

«Parto» de fogo na Maternidade Alfredo da Costa

Um incêndio destruiu esta madrugada a Unidade de Cuidados Intensivos da Maternidade Alfredo da Costa, mas os 11 recém-nascidos que aí se encontravam foram salvos pelo pessoal de serviço. Esta manhã não havia ainda um cálculo dos prejuízos em equipamento danificado, mas o secretário de Estado da Saúde autorizou a Administração a substituí-lo o mais rapidamente possível sem abertura de concurso público. O administrador Morais Sarmento admite que a reconstrução daquela unidade esteja concluída dentro de dez dias. As obras deverão arrancar ainda hoje mas com uma orientação diferente da prevista no projecto de bneficiação da Maternidade que já se encontrava elaborado e na posse do Governo. Até que os trabalhos estejam concluídos, os bebés que necessitarem de cuidados especiais terão de ser assistidos na Magalhães Coutinho e nas maternidades do Hospital de Santa Maria e do Restelo. **Pág. 8**

As incumbadoras alinhavam-se esta manhã nos corredores da Alfredo da Costa até à transferência dos bebés para outras maternidades

Base de Beja: Portugal procura obter melhores condições da RFA

A pretensão da RFA de facilidades na base de Beja para treino dos seus pilotos de helicópteros poderá ser recusada pelo Governo português nas próximas negociações entre Lisboa e Bona. O comando alemão da base iniciou já acções de sensiblização junto de entidades civis de Beja visando as desejadas facilidades. Lisboa reagíu, porém, com frieza e, segundo fonte ministerial contactada pelo «DL», só elevadas compensações materiais e financeiras poderão, eventualmente, facilitar as pretensões alemã-federais.

Pág. 4

FA's MOVIMENTAM-SE PARA CONSEGUIREM NO NOVO O.E. VENCIMENTOS SUPERIORES AOS DA FUNÇÃO PÚBLICA

Pág. 11

Parlamento reabre hoje

PRÓXIMA SESSÃO SERÁ MARCADA PELA REVISÃO CONSTITUCIONAL

Recomeçam hoje os trabalhos parlamentares de uma sessão legislativa que sem dúvida será marcada pela revisão constitucional. Esta tarde, numa sessão–relâmpago os deputados aprovarão apenas um voto de pesar pela morte do social–democrata José Meireles. Logo de seguida, será a vez dos líderes parlamentares se reunirem tendo em vista a elaboração da agenda para os próximos dias.

Quanto à revisão constitucional, o CDS foi o primeiro grupo a apresentar o respectivo projecto e agora os restantes partidos têm 30 dias para entregarem os seus.

Para já sabe–se que o Partido Socialista irá apresentar um conjunto de leis que qualifica de «paraconstitucionais», cuja consagração considera indispensável para a obtenção dos necessários consensos para a revisão (ver notícia nesta página». Desse grupo de normas fazem parte a Lei Eleitoral, a Lei Orgânica da Assembleia da República e o Regimento.

Como é dc conhecimento geral, são precisos os votos de dois terços dos deputados para a revisão de qualquer artigo da Constituição. Socialistas e sociais–democratas têm juntos o número suficiente dos deputados necessários. Interessante será agora verificar não só até que ponto serão possíveis os entendimentos entre os dois partidos, mas também, e sobretudo, a forma como o PS irá fazer valer o peso dos seus 58 lugares no Parlamento.

Ainda há dois dias o próprio Cavaco Silva disse numa entrevista à RTP que «a chave da revisão é assegurada pelo Partido Socialista». Isto poderá ter vários significados: a assunção pelo PSD de que nada pode fazer sem o PS; que os sociais–democratas se preparam para responsabilizar os socialistas ante a opinião pública caso o processo não se desenrole da forma por eles desejada; ou pode indiciar apenas a vontade do partido do poder em manter uma relação privilegiada com o Partido Socialista.

Mas em matéria de revisão constitucional, o PS não terá tarefa fácil. Disso é exemplo o recente questionário entregue pela direcção do partido aos membros da Comissão Nacional. Parece evidente o propósito dos dirigentes socialistas: esvaziar iniciativas dispersas das várias tendências numa altura em que assumiu algum impacto a «carta–aberta» da nova minoria agora liderada por Gonelha, João Soares e Jorge Campinos.

Quanto ao projecto de revisão do PSD, que deverá ser entregue durante a primeira quinzena de Novembro, a palavra–chave será «desideologizar». Na entrevista de Cavaco Silva acima referida, o líder do PSD condenou abertamente a inscrição do socialismo como meta no Texto Fundamental, enquanto Correia Afonso, um dos vice–presidentes do PSD e actual líder parlamentar da bancada social–democrata, referiu à Antena Um que um princípio a eliminar será o da «irreversibilidade das nacionalizações.

Quanto à eliminação do cargo de Ministro da República para as Regiões Autónomas, e apesar de tal poder ser caro a certos sectores da Madeira e dos Açores, tal parece estar fora de causa. De resto, Cavaco Silva foi claro ao frisar que «o cargo foi útil».É no entanto dfe admitir que algumas das suas funções possam vir a ser reformuladas.

Tanto os renovadores como os comunistas, mantêm no segredo dos deuses a sua disponibilidade quanto a alterações em matéria de revisão. O PRD viu reduzidíssimo o seu campo de manobra, mas o PCP não deixará de tudo fazer para tentar inviabilizar os efeitos dos consensos que o PS e o PSD venham a encetar. Aqueles dois partidos têm grupos de trabalho a funcionar e irão também apresentar projectos.

Lei Orgânica

Entretanto o gabinete do Presidente da Assembleia da República já distribuiu aos grupos parlamentares um texto tendo em vista a revisão da Lei Orgânica do Parlamento.

O documento será agora apreciado por uma comissão constituida pelos deputados Silva Marques, Raul Junqueiro, Manuel Maia, Marques Júnior, Basílio Horta, Maria Santos e Corrgedor da Fonseca. Esta comissão tem 15 dias para o estudar antes de ser levado a plenário.

Freitas requereu regresso ao CDS

Freitas do Amaral, depois do encontro de segunda–feira com Adriano Moreiro, não perdeu tempo e, ontem mesmo, requereu, em carta ao actual presidente dos centristas, o seu reingresso no CDS.

«Retomar a militância activa no CDS» é a intenção manifestada pelo fundador daquele partido que pretende que a sua inscrição seja transferida da concelhia de Cascais para a de Lisboa, onde tem agora residência permanente.

É do seguinte teor a carta de Freitas do Amaral, que abandonou o partido em 1985 para se candidatar à Presidência da República:

Sr. Inspector e meu Estimado Amigo:

«Quando em 26 de Abril de 1985 anunciei a intenção de me candidatar à Presidência da República, entendi dever dar à minha candidatura um carácter nacional e suprapartidário.

«Com o conhecimento prévio do então Presidente do Partido, Dr. Francisco Lucas Pires, dirigi uma carta à Comissão Concelhia de Cascais, onde me encontrava inscrito, a fim de assumir a condição de independente para o efeito da referida candidatura.

«Tendo cessado os pressupostos que justificaram essa posição, e sendo meu desejo retomar a militância activa do CDS — partido de que fui fundador e, durante quase nove anos, presidente —, venho solicitá–lo por este meio a V. Exa.. Mais requeiro que a minha inscrição seja transferida para a Comissão Concelhia de Lisboa, onde agora resido.

«Apresento a V. Exa. os meus melhores cumprimentos

Diogo Freitas do Amaral.

Através de comissão parlamentar

PS quer inquérito às verbas do Fundo Social Europeu

O PS poderá vir a propôr a constituição de uma comissão parlamentar de inquérito sobre os modos como estão a ser geridos os fundos provenientes da CEE. A iniciativa foi ontem anunciada, em conferência de Imprensa, pelo líder parlamentar socialista, Jorge Sampaio, sob o argumento de que «as medidas anunciadas pelo Governo neste domínio surgem como nitidamente insuficientes para apuramento das responsabilidades políticas».

O dirigente socialista anunciou ainda que o seu partido vai apresentar já no início da sessão legislativa projectos de lei sobre regionalização, política de desenvolvimento florestal e ainda um projecto de código cooperativo.

Na ocasião, Sampaio deu especial ênfase ao facto de a actividade parlamentar não se esgotar na actividade legislativa, razão pela qual defendeu que o grupo parlamentar do seu partido terá «um particular empenho no exercício da acção fiscalizadora da Assembleia da República».

Jorge Sampaio afirmou que «o respeito pelas regras mínimas da democracia política implica, nomeadamente, que o Governo recuse o recurso sistemático ao automatismo das decisões que a maioria lhe garante e aos pedidos de autorização legislativa que subtraiam ao debate as grandes questões, limitando drasticamente a capacidade de intervenção da Assembleia no domínio legislativo».

Neste ponto, o deputado socialista referiu o pedido de autorização legislativa do Governo sobre reforma fiscal, afirmando que «não faz sentido que ela se faça por essa via».

Sobre revisão constitucional, Jorge Sampaio escusou–se a divulgar as propostas concretas do seu partido, afirmando que os socialistas apresentarão «no prazo determinado» o seu projecto, acrescentando ainda que «não houve qualquer contacto com o PSD sobre aquela matéria». Defendeu, no entanto, a necessidade de determinadas leis, que qualificaou de «paraconstitucionais», entre as quais incluiu a Lei Eleitoral, e que considerou merecerem um debate simultâneo com o processo de revisão constitucional.

«O PS não dissocia a revisão da discussão e aprovação de um conjunto de leis paraconstitucionais que assegurem um real equilíbrio e preservem as condições de efectiva alternância democrática», acrescentou.

Sobre a lei orgânica da Assembleia da República, o PS entende que ela «é imperiosa» e que «não pode deixar de ser entendida como uma lei de natureza paraconstitucional», mas que «se oporá firmemente a quaisquer tentativas de partidarização da administração» do Parlamento e recusará com vigor «qualquer tipo de partilha de lugares e influências».

Jorge Sampaio anunciou ainda que as grandes linhas pelas quais o seu partido se propõe pautar a sua intervenção na próxima sessão legislativa serão «aprofundadas e desenvolvidas» nas jornadas parlamentares a realizar de 23 a 25 de Outubro.

Fernando Amaral recebeu em Belém a Grã-Cruz da Ordem de Cristo

«É uma pessoa de grande simplicidade e modéstia e foi com muito brilho Presidente da Assembleia da República», considerou Mário Soares sobre Fernando Amaral, ontem condecorado em Belém com a Grã–Cruz da Ordem de Cristo.

Referindo a circunstância de Fernando Amaral ter exercido o cargo de Presidente da Assembleia da República na última sessão legislativa com a «unanimidade de todos os grupos parlamentares», o PR frisou tratar–se de «caso único nos anais da nossa democracia».

«Foi— acrescentou Soares— a maior homenagem que o Parlamento lhe podia prestar».

Visivelmente emocionado, e supreendido pela «elegante traição do Presidente da República», Fernando Amaral citou Garret(«tenho de falar e ainda estou escutando») e sublinhou aceitar a condecoração com «uma pontinha de orgulho, não tanto por mim, mas pela dignificação e prestígio de um orgão ao qual tive a honra de pertencer».

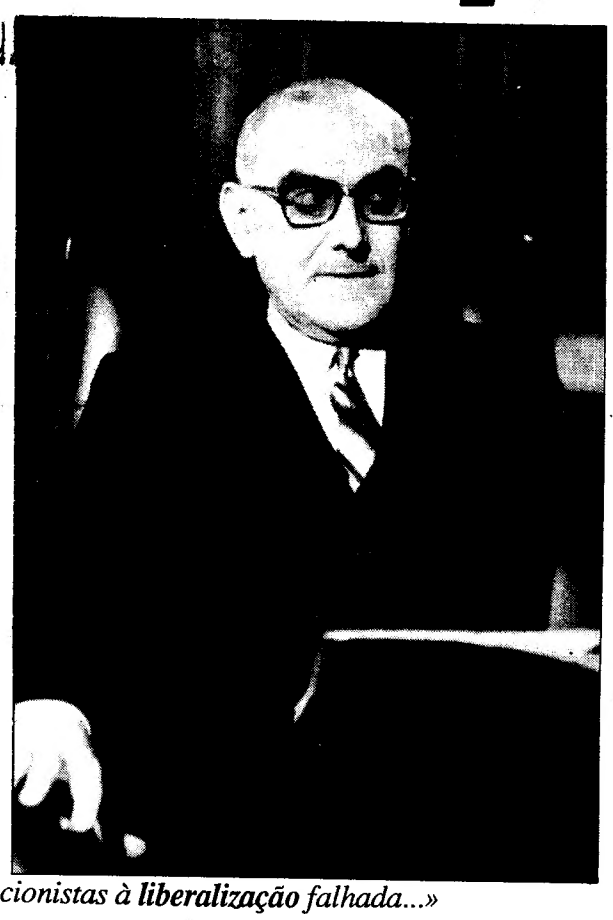
À cerimónia, que foi seguida de um jantar de homenagem oferecido por Mário Soares, assistiram o actual presidente da AR, Vítor Crespo, o Primeiro–Ministro, Cavaco Silva, o Ministro para os Assuntos Parlamentares, António Capucho, os líderes dos grupos parlamentares e o chanceler das antigas ordens militares, marechal Spínola.

CRÓNICA

SEM NOTÍCIAS DENTRO

A génese da nova classe política

Mário Mesquita



*«Origem da **nova classe política**: das lutas oposicionistas à **liberalização** falhada...»*

Rever ideias feitas

Será possível fundar uma *democracia parlamentar* a partir de uma revolução, conduzida por militares, num País com um rendimento anual *per capita* inferior a dois mil dólares?

Os modelos norte-americanos, concebidos, sobretudo, em função da América Latina, integraram com dificuldade a evolução portuguesa pós-25 de Abril...

Este tema foi debatido em Washington, no colóquio sobre Portugal efectuado, em Maio passado, no Wilson Center. A comunicação apresentada por Thomas Bruneau (Universidade McGill), sob o título revelador «Portugal e a Democracia – Uma Transição Inesperada», traduz, *a posteriori*, a perplexidade norte-americana perante os rumos políticos do nosso país após o 25 de Abril. O caso português abalou, segundo Bruneau, três *dogmas* dos analistas políticos norte-americanos:

— as *rupturas revolucionárias* não conduzem a regimes democráticos;

— as *intervenções militares* tendem a perpetuar a presença das Forças Armadas nos órgãos de Poder;

– a *pobreza* e o *subdesenvolvimento* económicos impedem a existência de democracias parlamentares.

O caso português obrigou a rever ideias feitas. Entre as causas apontadas para a excepção portuguesa, mereceu destaque o papel dos dirigentes políticos: «a definição e a consolidação, tão rápida, do novo sistema de Governo deve muito aos interesses e perspectivas comuns à *nova classe política*», sublinhou Thomas Bruneau.

Os políticos portugueses, geralmente maltratados nos *media* nacionais, receberam, no colóquio de Washington, louvores e aplausos pela sua *homogeneidade, juventude e consciência dos interesses comuns*.

Uma pergunta incómoda

Como foi possível gerar, no caldo da cultura de um regime fascista, esta nova *elite* política democrática? Quem colocou a questão, nestes termos, foi Nancy Bermeo (Universidade Princeton). Em seu entender, o novo pessoal dirigente (democratic class of tecnocrats) teve o mérito de impedir uma reacção antidemocrática no período pós-revolucionário de 1974-1975.

Falsamente ingénua, a pergunta suscitou respostas divergentes. Freitas do Amaral sustentou que, para explicar a criação da *nova classe política democrática* é necessário ter em conta a natureza do salazarismo: *«um regime autoritário,* mas não *totalitário»,* em sua opinião. O antigo candidato à Presidência da República considerou que, sob o antigo regime, não obstante as restrições à liberdade de expressão, existia abertura cultural na Universidade, na Igreja, na actividade editorial, nos contactos internacionais...

A formação da nova classe política, na perspectiva de Freitas do Amaral, deveu-se, também, à capacidade de bom relacionamento entre homens políticos, provenientes de diferentes famílias ideológicas. Exemplificou com o diálogo iniciado, nos anos «quentes» de 1974-1975, entre Amaro da Costa e ele próprio, por um lado, e Mário Soares, pelo outro.

A sua intervenção suscitou, naturalmente, polémica. Rainer Eisfeld (Universidade de Osnabrück, RFA) contestou-a frontalmente, lembrando os exilados políticos, os livros apreendidos, os professores expulsos. António Barreto defendeu que a génese da nova *classe política democrática* radicou em três fases distintas: os movimentos e as lutas da oposição democrática; a liberalização marcelista; o antigonçalvismo de 1974-1975.

Na sua comunicação, António Barreto havia sublinhado que «a democracia nasce à esquerda», enquanto ao «centro» e «à direita» (a Igreja Católica e os empresários) a adesão ao regime democrático «traduz principalmente o esforço contra os comunistas», o que «foi certamente um progresso, mas tardio, parcelar e com deficiências».

Fascínio e timidez

O tema da nova classe política em Portugal é fascinante para os universitários norte-americanos. Compreende-se porquê.

Os Estados Unidos não conheceram experiências fascistas ao longo da sua história. A cena política norte-americana nunca foi dominada pela luta entre partidos socialistas ou comunistas e partidos conservadores. As próprias estruturas partidárias não tiveram nem têm a influência que possuem na Europa.

Ao fascínio dos americanos correspondeu a timidez das análises dos intervenientes portugueses. A pergunta de Nancy Bermeo obteve resposta, mas as hipóteses avançadas estiveram longe de suscitar o debate que mereciam. Talvez ninguém estivesse interessado em que a *crispação,* proveniente de heranças políticas antagónicas, subisse à tona de água, quebrando o verniz das boas maneiras. A prudência é desculpável, porque não é tarefa fácil controlar e gerir o potencial explosivo do passado político.

Será lícito deduzir-se que à vida política portuguesa subjaz um pacto de silêncio sobre o passado? Nem tanto. Mas, no Wilson Center, a questão foi abordada *ao de leve,* com *discrição.* Como convinha. Apesar de tudo, ficou claro que a *nova classe política* nasceu – não só das margens de *tolerância* do regime – mas, também, da sua natureza *intolerante e despótica.*

PRÓXIMO TEXTO:
«Salazarismo: a memória dividida»

Post Scriptum

O leitor desculpará, mas a tradicional carta de intenções do *número um* da secção vai reduzida a *post scriptum.*

Esta «Crónica sem notícias dentro» assumirá duas formas alternativas: texto único subdividido em capítulos (caso das três primeiras, dedicadas ao tema da *memória política em Portugal)* ou conjunto de notas autónomas. Em qualquer das hipóteses, sucederá, com frequência, que a matéria-prima utilizada seja a observação crítica dos *media,* quer se trate de livros, revistas, jornais ou televisão.

O nome da secção inspira-se num livro de Carlos Drummond de Andrade intitulado «De notícias e não-notícias se faz a crónica». Com efeito, só por excepção, acaso ou engano haverá notícias dentro desta crónica semanal, enviada da Bélgica para o «Diário de Lisboa».

Fica a dívida registada, em jeito de homenagem, tímida e sem valor, a Drummond de Andrade, mas ressalva-se que a inspiração se confina ao título. As crónicas de Drummond são textos literários, enquanto esta «Crónica» se quer apenas jornalística, embora fabricada com «não notícias»: reflexões, comentários, recensões ou notas de viagens.

Sim ou não à extinção dos Ministros da República? PSD tem dúvidas...

O PSD não tomará qualquer posição futura sobre a proposta de extinção do cargo de Ministro da República sem que Cavaco Silva reuna com João Jardim e Mota Amaral. Quem tal garante são fontes sociais–democrats madeirenses, citadas pela «Lusa» em correspondência do Funchal.

A decisão final sobre a extinnção deste cargo, que terá de ser incluída nos debates sobre a revisão constitucional, é da competência dos órgãos nacionais do PSD — leia–se: de Cavaco Silva. Este, ao que consta, estaria inclinado a ceder aos desejos dos sociais–democratas insulares, mas, ao mesmo tempo, não deseja que a questão seja excessivamente empolada, já que poderá prejudicar um acordo com o PS sobre outros aspectos da Lei Fundamental que Cavaco quer ver alterados.

Também na Madeira e nos Açores — reporta a «Lusa» — existe algum receio que a questão possa afectar a concretização de outras reivindicações, designadamente quanto ao alargamento da autonomia, pelo que existe, à partida, disposição para a deixar cair, se for caso disso.

O assunto, tratado em Lisboa, em Setembro último, numa reunião de Cavaco Silva com João Jardim e Mota Amaral, desenvolveu–se depois através de contactos do primeiro–ministro com os actuais Ministros da República, Rocha Vieira (Açores) e Lino Miguel (Madeira).

Estes, a solicitação de Cavaco Silva, elaboraram documentos sobre as funções e importância dos respectivos cargos. Um e outro (Lino Miguel num documento de 10 páginas e Rocha Vieira num outro de 40) defenderam não apenas a continuação do cargo, como o seu reforço.

Dada a «delicadeza» desta questão, círculos políticos insulares levantam já uma hipótese alternativa à extinção pura e simples do cargo: a existência de um único Ministro da República, responsável pelas duas regiões autónomas.

Questão de verbas?

LISBOA PODERÁ RECUSAR À RFA TREINOS DE HELICÓPTEROS EM BEJA

O Governo português poderá recusar as facilidades de treino de helicópteros que a Força Aérea alemã-federal pretende incluir nas proximas negociações para a utilização da base de Beja, apurou o DL junto de fonte ministerial.

Apesar de o pedido formal estar previsto apenas para o início(antes do fim do ano) das negociações entre responsáveis dos dois países, o comando alemão da base tomou algumas iniciativas em Beja visando preparar um clima favorável às suas pretensões, como foi o caso do acordo de cooperação com o hospital local para evacuação de doentes em helicóptero.

A situação não agradou ao comando português da base que, após contactos com a hierarquia militar e com responsáveis governamentais da Defesa, chamou à atenção o comandante alemão- federal. Este terá reagido em termos considerados incorrectos, admitindo-se já a existência de pressões portuguesas no sentido da sua substituição.

Com os seus aeroportos civis e militares sobrecarregados e atendendo à forte densidade populacional do país, os responsáveis militares da RFA têm procurado no exterior alternativas para o treino de helicópteros. Esteve prevista a participação na construção de uma base na Turquia, mas a ideia foi abandonada dados os custos e o tempo de concretização do projecto. Daí que Bona tenha procurado já criar as condições para uma mais ampla utilização da base de Beja.

Registe-se, porém, que a recusa admitida por Lisboa às pretensões da RFA não é totalmente pacífica, dependendo—segundo outra fonte governamental contactada pelo DL— das verbas a acordar com Bona nas próximas negociações.

Governo compra aviões de treino

O ministro do Comércio e Turismo, Ferreira do Amaral, assina hoje no gabinete do Ministro da Defesa, na presença de Eurico de Melo, um contrato de aquisição de 18 aviões de treino «Epsilon École», considerados «económicos e eficientes».

A compra, da ordem dos dois milhões de contos, é financiada em grande parte pelo acordo luso-francês de utilização da base de rastreio de satélites da ilha das Flores.

Criados a pedido da Força Aérea francesa, os referidos aviões, tipo monoplano, de trem de aterragem «triciclo», pesam, cada um, 932 quilos e suportam 230 litros de combustível. Numa missão normal de treino, este avião gasta 55 litros de combustível numa hora.

Os produtores, a firma «Aeroespatiale», consideram que os referidos aparelhos podem manter-se ao serviço durante 20 anos. Cada modelo tem duas cabinas, uma atrás da outra, para dois pilotos que podem comunicar via rádio com estações terrestres, com outros aparelhos por meio de sistemas VHF e UHF e, entre si, pelo sistema interfónio de bordo.

JC elege membro para organismo internacional

Francisco Gamboa, membro da comissão de relações internacionais da Juventude Centrista(JC), foi eleito para a direcção da Juventude Democrata Cristã europeia (JDCE), com um mandato de dois anos.

Segundo nota da JC, a eleição de Gamboa teve lugar durante o congresso dos jovens democratas cristãos europeus, que decorreu em Lugano(Suiça) entre 8 e 11 do corrente mês.

O congresso, que reuniu cerca de 500 participantes, aprovou as resoluções apresentadas pela Juventude Centrista relativas «ao direito à autodeterminação de Timor-Leste» e, acrescenta o comunicado da JC, à «necessidade de diálogo entre as partes envolvidas no conflito angolano com vista à obtenção da paz».

Partidos reagem à entrevista de Cavaco Silva

PCP quer "responsabilidade idêntica"

O PCP considerou' ontem «pertinente e justificado» que a RTP «propicie aos partidos da oposição uma possibilidade de comunicação com a opinião pública idêntica» à oferecida ao Primeiro-Ministro Cavaco Silva na sua entrevista de terça-feira à noite, ao programa «Primeira Página».

A secção de Informação e Propaganda do Partido Comunista afirma que Cavaco Silva «voltou a mostrar-se exímio na ocultação dos reais poblemas do povo e do País, na distorção das realidades e situações e na mistificação das realidades». O PCP acrescenta que Cavaco Silva voltou a camuflar os reais objectivos e consequências da política do seu Governo com um discurso e uma postura acentuadamente demagógica».

O PRD, pelo seu lado, diz que «a entrevista Primeiro-Ministro trouxe aos portugueses muita propaganda mas muito pouca informação».

No comunicado da Comissão Directiva dos renovadores aponta-se que «a grande maioria das questões concretas apresentadas pelos entrevistadores ficaram sem resposta», acusando Cavaco Silva de não ter sido capaz de indicar as grandes linhas que defende para a revisão constitucional, os critérios de prioridade para as privatizações, ou o conteúdo da reforma educativa.

A Comissão Directiva do PRD refere ainda que «afirmações deste tipo são as qu os portugueses escutam de todos os partidos políticos, principalmente nas campanhas eleitorais».

Também a CGTP comentou ontem a entrevista do Primeiro-Ministro e presidente do PSD ao programa «Primeira Página» da RTP-1. A Comissão EXECUTIVA DA Intersindical acusou Cavaco Silva de nada ter dito «sobre problemas sociais tão graves como o desemprego, os salários em atraso e o trabalho infantil» e de não se ter pronunciado «sobre a actualização dos salários mínimos e salários da Função Pública nem sobre os aumentas das pensões de reforma e das pensões sociais».

A Comissão Executiva da CGTP - Intersindical Nacional referia ainda que a entrevista «pode dar votos mas não resolve os problemas nacionais».

Costa Brás comenta

O comissário da Alta Autoridade contra a Corrupção, Costa Brás, em resposta á entrevista do Primeiro-Ministro, afirmou estar de acordo com a dissolução do organismo que dirige, desde que «as suas competências sejam distribuídas», e de que se acautele o «sigilo dos documentos» à sua guarda. Costa Brás comentava para a Radiogesto, de Lisboa, a afirmação de Cavaco Silva de que «os peritos jurídicos acham aquele cargo um pouco aberrante porque entra no domínio dos tribunais».

Finalmente, a UDP acusou o Primeiro-Ministro de ter aproveitando a entrevista para «fazer pressão» sobre o PS em matéria de revisão constitucional. Cavaco Silva, segundo a UDP deu a entender que a viabilização do País depende da aceitação pelo PS de «todas as medidas propostas pelo PSD», o que considera como uma tentativa para «fazer ajoelhar» os socialistas.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUIZO ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando o réu QUINTINO CARLOS MONTEIRO, c/ última residência conhecida na Av. General Barnabé António Ferreira n.º 26, Negrais-Sintra para no prazo 10 dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual move o Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, sob pena de ser condenado no pedido e pelos motivos constantes do duplicado que se encontra à sua disposição na secretaria deste Juízo.
Acção Sumária n.º 4041 2.ª Secção.
Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP
Réu QUINTINO CARLOS MONTEIRO.

Lisboa, 1 de Outubro de 1987
O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
O Escrivão de Direito
(assinatura ilegível)

«D.L.» 15/10/87 - 1.ª pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DO 12.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio.
Execução de Sentença n.º 2799/B 1.ª Secção.
Exequentes: Companhia de Seguros Império, E.P.
Executado: Camionagem Ideal Boavista de Leiria, Ld.ª, com sede em Boavista – Leiria.

Lisboa, 8 de Outubro de 1987.

O Juiz de Direito,
Adélio André

O Escrivão Adjunto,
Leontina Caeiro

«D.L.» — 15/10/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que começará a contar da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio.
Execução de Sentença n.º 10688/B 1.ª Secção.
Exequentes: C.ª de Seguros Império, E.P.
Executado: SOCIEDADE AGROPECUÁRIA CAMPINA DA IDANHA, LDA., com sede em Ladoeiro — Idanha-a-Nova.

Lisboa, 1 de Outubro de 1987.

O Juiz de Direito,
José David Pimentel Marcos

O Escrivão Adjunto,
Francisco Antunes do Nascimento

«D.L.» — 15/10/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.
Execução sentença n.º 1614/B 1.ª Secção. Exequentes – Companhia de Seguros Império, E.P. Executado – Américo Antunes Silva, Lda, com sede na Quinta da Bogalheira, Lote 13, r/c Camarate.

Lisboa, 1 Outubro 1987

O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)

A Escrivã-Adjunta,
Leonor

D.L. 15/10/87 – 1.º Pub.

FERDINANDO BOTELHO SANTOS, L.DA

Sede: Rua de Morais Soares, 55, loja, Lisboa
Capital social: 60 000$

Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 41 008. Titular do cartão de pessoa colectiva n.º 500349908.

Certifico que, por escritura de 31 de Julho de 1987, lavrada de fl. 94 v.º a fl. 96 do livro de notas para escrituras diversas n.º 300-C do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, Camilo Luciano de Oliveira Dias, Filipe de Jesus Matias, Hermenegildo Oliveira Dias e Manuel Barata Hipólito, como sócios da referida sociedade, aumentaram o capital social com a quantia de 440 000$, por meio de incorporação de reservas livres de igual montante, atribuídas aos sócios em partes iguais, ou seja, 110 000$ a cada um, ficando o capital assim elevado para 500 000$ e alteraram o artigo 3.º do pacto da dita sociedade, que passou a ter a seguinte redacção:

3.º

O capital social é de 500 000$, encontra-se integralmente realizado, em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração, e corresponde à soma de quatro quotas, de 125 000$, uma de cada sócio.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

20.º Cartório Notarial de Lisboa, 24 de Agosto de 1987. – A Escriturária Superior. *(Assinatura ilegível)*

D.L. 15/10/1987

1.º Encontro sobre História da Educação

INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS DESCURAM OS SEUS ACERVOS DOCUMENTAIS

As instituições portuguesasgeral prezam pouco os seus acervos documentais. Material precioso como actas, ofícios, entre outros, é considerado «papéis velhos» e vai para o lixo. Muito especialmente as instituições educativas incorrem nesse erro.

«É tarefa ingrata e confrangedora em Portugal encontrar documentos da história recente da Educação», afirmou-se na primeira sessão de trabalhos do primeiro encontro sobre História da Educação em Portugal que ontem começou na Fundação Gulbenkian e termina amanhã.

Definido como a «primeira manifestação pública da actividade da Biblioteca de Ciências da Educação da Gulbenkian» pelo prof. Ferrer Correia, administrador do pelouro da Educação da Fundação, o encontro visa fazer um balanço da investigação realizada nas últimas décadas naquele domínio e a sua comparação com a actividade desenvolvida noutros países.

Na primeira sessão de trabalhos ficou bem vincada a quase inexistência de arquivos, a arrumação negligente de material importante para os investigadores e para a história da Educação do nosso país, ou mesmo o desaparecimento de documentos.

Fernando Castelo Branco sugeriu até que deste encontro «deveria sair qualquer coisa como, por exemplo, um apelo para que as instituições cuidem dos seus acervos documentais».

Mas o desamor deste país pelos testemunhos da história da Educação foi particularmente evidente na intervenção do professor António José Candeias que referiu o caso de uma escola-oficina criada pela Maçonaria onde ainda se converva material pedagógico feito por alunos e professores. Esse material está empilhado num espaço exíguo para arrumos, quando a própria escola deveria há muito ter sido aproveitada como museu.

Ao apresentar a comunicação «A história do ensino primário em Portugal: balanço da investigação realizada nas últimas décadas», o prof. António Sampaio da Nóvoa frisou que, apesar de tudo, a investigação da história do ensino primário que começou na década de 70 conheceu grande incremento na década presente. «Retomou-se a tradição histórica dos finais do século XIX nos finais do século XX», sublinhou, acrescntando que então como agora a formação dos professores teve lugar de relevo no quadro das preocupações educativas. Todavia, a maior parte dos trabalhos de investigação tem incidido na história das instituições. Quanto à história das ideias pedagógicas, das práticas escolares e dos actores da Educação (os alunos) são vertentes menos tratadas pelos investigadores, particularmente as duas últimas.

Sampaio da Nóvoa referiu-se á Biblioteca -Museu do ensino primário «que está moribunda» e devia ser objecto de debate no encontro e ao facto de muitos documentos da responsabilidade de pedagogos portugueses estarem ainda em mãos das respectivas famílias.

Outra comunicação, apresentada por Jaime Reis (da área de economia), inseriu aspectos da história da Educação na história da Economia e na História em geral.

Entre outras afirmações relevantes, Jaime Reis sublinhou que o baixo nível educacional do povo português «é um dos mais poderosos factores do nosso atraso económico».

Tomando como ponto de partida os meados do século XIX, o orador indicou que por essa altura a taxa de analfabetismo em Portugal era muito mais elevada do que a dos países do Norte da Europa e semelhante aos países pobres do Sul. Mas à medida que o século foi avançando, Portugal fo ficando para trás mesmo em relação aos seus vizinhos pobres.

Tal como noutros países o investimento do Estado na escolarização visava moldar as «almas» e não desenvolver nas crianças as capacidades técnicas capazes de produzir riqueza.

Concluiu Jaime Reis que a «tranquilidade relativa que o Estado português gozou no século XIX terá sido a principal razão do investimento comedido na educação», e explicou que, ao contrário de outros países, em Portugal o Estao não teve de enfrentar problemas internos linguísticos, étnicos, religiosos, etc. nem contestação interna nem ameaças externas.

O professor António José Candeias abordou o contributo para a educação do movimento operário entre 1914 e 1919 e até finais da década de 20 e o conceito da educação expresso no Congresso da Confederação Geral do Trabalho em 1925, em Santarém. A central sindical reinvindicava a implementação de uma rede educativa alternativa à oficial quer pelo conteúdo quer pelo modelo pedagógico. Preconizava a educação integral que teria como pano de fundo o racionalismo pedagógico.

Para o estudo desta fase é muito importante a consulta da imprensa operária de que António José Candeias salientou o jornal «A Batalha».

Um "Dicionário de Educação" traduzido por um tal Camilo Castelo Branco

Paralelamente aos trabalhos do Encontro sobre História da Educação en: Portugal, está patente uma exposição de material bibliográfico, nacional e estrangeiro, sobrea matéria.

Entre esse material, pertencente à Biblioteca das Ciências da Educação da Fundação Gulbenkian, encontra-se o primeiro volume (assaz volumoso) de um «Dicionário Universal da Educação e Ensino», de E. M. Campagne, «trasladado a português e ampliado (...)» por Camilo Castelo Branco.

O precioso volume foi editado em 1886 pela Livraria Internacional de Ernesto CHARDRON, DO Porto e é referenciado como sendo «útil à mocidade de ambos os sexos, às mães de família, aos professores, aos directores e directores de colégios e aos alunos ue se preparem para exame.»

Salvador Caetano "avança" em Land Cruiser

Itália: já foram exportados mil Espanha: saiu agora o primeiro

Foi apenas há cerca de um ano que a Salvador Caetano, I.M.V.T., S.A., em reunião com os Órgãos de Comunicação Social, anunciou o início da produção local da primeira viatura fabricada na Europa com o apoio técnico da Toyota: o Toyota Land Cruiser 250 Turbo Diesel. Agora, com compreensível orgulho, aquela importante Empresa – uma vez mais nas suas instalações fabris de Ovar e pela voz do seu Presidente do Conselho de Administração, Salvador Caetano – anunciou a exportação da 1000.ª unidade daquele modelo para o mercado italiano, um dos mais exigentes em viaturas «todo-o-terreno». Isto significa que Salvador Caetano tinha razão em acreditar, desde o início, que os seus objectivos de exportação se concretizariam.

Como é normal em projectos industriais de grande envergadura – como é o caso – o sucesso dos resultados finais não pode atribuir-se apenas a uma entidade mas sim a um conjunto de Empresas que, num empenhamento verdadeiramente solidário, se constituem como equipa viva e actuante. Daí, que seja importante e justo destacar:

— **A TOYOTA ITALIANA** que, mercê da sua dinâmica de vendas e da sua rede de concessionários, permitiu que fosse possível celebrar, em tão curto espaço de tempo, a exportação da 1000.ª unidade do Toyota Land Cruiser;

— **A TMC – TOYOTA MOTOR CORPORATION** – cujo constante apoio técnico, evolução tecnológica e suporte comercial, garantiu a oferta de um produto fiável e competitivo;

— **A VM – STABILIMENTI MECCANICI, VM, SPA** – que, garantindo uma elevada quantidade nos motores produzidos, contribuiu para a valorização de um produto que leva a marca de um dos maiores fabricantes mundiais: a TOYOTA;

— **Os fornecedores locais** – tendo salientado há um ano atrás o concurso de numerosos fabricantes nacionais da indústria horizontal de componentes, a Empresa Salvador Caetano considerou que, neste momento, teria de reafirmar a confiança que neles depositara sendo seu entendimento que esta celebração é, igualmente, a recompensa pela aposta que fez neste projecto.

Se, em termos industriais, há que considerar o projecto como um êxito para o nosso País, é, igualmente, de salientar que, em termos de balança comercial entre Portugal e a Itália, o saldo favorável ao nosso País de cerca de 19 500 milhões de liras (na altura da exportação da 1000.ª unidade) é extraordinariamente significativo e merecedor de justificado destaque. Acrescente-se que as previsões do volume de viaturas a exportar para o mercado italiano, em 1988, apontam para as 1000 unidades, o mesmo estando previsto para os anos seguintes.

A necessidade imperiosa de exportar uma viatura de origem europeia de modo a que as restrições das autoridades italianas se não fizessem sentir, tornou indispensável o concurso de todas as entidades, atrás citadas, num projecto comum que acabaria por não se limitar à exportação para a Itália. Daí, que o empresário Salvador Caetano – com a mesma alegria e o mesmo orgulho com que há cerca de um ano se referiu aos Órgãos de Comunicação Social a exportação da primeira unidade Toyota Land Cruiser, para Itália, e agora assinalou a comemoração da saída da 1000.ª para aquele País – tenha anunciado, nesta reunião, a exportação da 1.ª viatura Toyota Land Cruiser 250 Turbo Diesel, para Espanha.

Na oportunidade, Salvador Caetano sublinhou que, conforme tinha vindo a ser divulgado, a estratégia de exportação da Empresa que criou e a que preside, apontou, desde o início, para o alargamento dessa actividade a diversos mercados europeus tendo, para tal, tomado em consideração, entre outros, o mercado espanhol que se encontra, como é sabido, em fase de franco desenvolvimento, em particular no segmento de viaturas «todo-o-terreno».

Em relação ao mercado do País vizinho, a previsão do volume de exportações aponta para um total de 750 unidades até final de 1986 e de 1000 unidades em 1989 e anos seguintes.

No agradável encontro realizado nas instalações de Ovar ficou claramente sublinhado que a Empresa Salvador Caetano, com base no trabalho até agora realizado e nas perspectivas de exportação a que atrás aludimos, está firmemente determinada a prosseguir na sua contribuição, já altamente significativa, para uma maior consolidação nos mercados europeus (e... não só, possivelmente) da qualidade dos já prestigiosos e consagrados produtos Toyota.

VINTE UM & PROENÇA, LIMITADA

DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura, de 18 de Setembro de 1987, lavrada de folhas 78 a folhas 80 v.°, do livro n.° 120-D, das notas deste Cartório, foi aumentado o capital social da sociedade em epígrafe, com sede em Lisboa, na Rua do Benformoso, número duzentos e oitenta e quatro, primeiro andar esquerdo, com a importância de 6 500 000$00, por incorporação de reservas, sendo 1 601 671$00 por incorporação de reservas de reavaliação e — 4 898 329$00 por incorporação de reservas livres, aumento este subscrito por todos os sócios na proporção das respectivas quotas, ou seja, em partes iguais. Que, em virtude daquele aumento de capital foi alterado o artigo 3.° do contrato social, mas foi também alterado o artigo 2.° e o artigo 10.°, passando todos a terem a seguinte redacção:

ARTIGO SEGUNDO: — O objecto social consiste no comércio por grosso de louças e vidros, esmaltes, artigos de utilidades e ménage.

ARTIGO TERCEIRO: — O capital social é de oito milhões de escudos, totalmente realizado, correspondendo à soma de cinco quotas iguais, de um milhão e seiscentos mil escudos, cada uma, pertencendo uma a cada um os sócios.

ARTIGO DÉCIMO: — Apurados os resultados do exercício, os lucros líquidos, depois de deduzida a percentagem legal para reserva legal, serão divididos pelos sócios, na proporção das suas quotas sociais, salvo se, por deliberação tomada em assembleia geral, forem afectos, total ou parcialmente à constituição ou reforço de reservas livres.

Está conforme.

Lisboa, dezoito de Setembro de mil novecentos e oitenta e sete

O escriturário superior,
Ass. ilegível

«DL» 15/10/1987

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.° 66 520 para "SERINGA E RECIPIENTE DISPONÍVEL PARA A MESMA"

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.° – Esq.
1000 LISBOA
Telefs. 65 13 39 – 65 46 13
69 28 15

TRIBUNAL JUDICIAL DO 17.° JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio.

Execução Sumária n.° 3885 2.ª Secção.

Exequentes: C.ª SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

Executado: JOSÉ JOAQUIM DA SILVA PEIXOTO, residente em Gapoa – Celeirós – BRAGA.

Lisboa, 12 de Outubro de 1987.

O Juiz de Direito,
António Correia de Abranches Martins

Pel'O Escrivão de Direito,
(assinatura ilegível)

«D.L.» — 15/10/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

5.° Juízo — 1.ª Secção

ANÚNCIO

No dia 27 do próximo mês de Outubro, pelas 11 horas, se procederá a arrematação em hasta pública, em primeira praça, e pelo maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo dos bens penhorados nos autos de carta precatória n.° 751, vinda da 3.ª secção do 16.° Juízo Cível da comarca de Lisboa e extraída da Execução de Sentença n.° 3173/B em que é exequente COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP e executada ALBERTINA MARTINS NEVES PALMA, residente na Praceta Luís de Camões, torre 306, 2.° C, Cacém, dos bens seguintes:

Um móvel estilo séc. XVII, com cinco gavetas, cinco armários e duas cristaleiras, uma mesa rectangular com oito cadeiras, também do séc. XVII, tudo em bom estado de conservação avaliados em 160 000$00.

Sintra, 1 de Outubro de 1987

O JUIZ DE DIREITO
Adérito Pereira Brazão de Carvalho

O ESCRIVÃO-ADJUNTO
Eduarda Palma

«D.L.» 15/10/87 – 1.ª Pub.

INATEL

TEATRO DA TRINDADE

IV FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR

Dia 16 de Outubro às 21 Horas
NOITE COIMBRÃ
Fados: *Conjuntos de Guitaras e Cantares de Coimbra*

Dia 17 de Outubro às 18 Horas
MÚSICA CORAL
Coral Beul-Heupelzen da R.F.A.
Choral Phidellius

Dia 18 de Outubro às 16 Horas
CONCERTO
Banda da Guarda Nacional Republicana

ENTRADA GRATUITA

POPULAÇÃO DA PÓVOA

LINHA DO NORTE ESTEVE QUASE A SER "CORTADA" NA QUINTA-FEIRA

Júlio Rodrigues

Fotos de José Tavares

Utentes da CP que todas as manhãs entram na Estação da Póvoa de Santa Iria — a tal que todos temos na memória por via do trágico acidente ferroviário de 5 de Maio de 1986 — desistiram, à última hora, de bloquear a Linha do Norte naquela vila, como outros o fizeram há nove anos, na passada quinta-feira. Foi mais uma manhã de desespero, com os comboios a circularem com consideráveis atrasos. Póvoa de Santa Iria é um caso raro na circulação ferroviária nacional: nunca os seus utentes têm direito a sentar-se, na direcção de Lisboa. Aos atrasos das composições, que se repercutem nos seus postos de trabalho, junta-se-lhes a falta de condições.

Celestino Bernardino ao «DL»: «a CP, no caso dos horários, põe sapateiros a tocar rabecão e o resultado é o que se vê»

Um mar de gente, de manhã e à noite, entra e sai do comboio, e nem sequer entra no que pretende

Póvoa de Santa Iria: nem sequer há relógio para contabilizar os atrasos

«Há vinte anos que viajo na CP e nunca me sentei», dizia 5.ª feira um dos milhares de utentes dos seus serviços, cliente certo do «comboio-operário». Um comboio muito especial, como a sua designação. Vem do Entroncamento, e para nele viajarem, há pessoas que se levantam às 4 da manhã. Agarram-no — na esperança de chegar a horas ao emprego, em Lisboa — naquela estação e dormem, dormem, até Lisboa. É tal a prática que só acordam ao chegar ao destino. Ninguém os acorda. Raramente chegam a horas, desde que os homens da Divisão de Transportes alteraram, em Abril deste ano, os horário dos comboios.

«Não se tratou, neste caso, de mudar os horários de Inverno para Verão e vice-versa», lamentou-se Celestino dos Santos Bernardino, que diz ter assistido ao «nascimento» do «operário», pouco depois de Abril de 1974. «O que os senhores da CP fizeram, demonstrando não perceber nada de comboios nem de horários, foi complicar a vida a quem trabalha, que tanto pode demorar duas horas nos comboios, na vinda e volta, como demorar seis, que foi o que em parte nos aconteceu quinta-feira.

Os responsáveis da CP alhearam-se, é este o termo, da avaria de um comboio de mercadorias perto de Santarém, em Mate Miranda, que ficou retido na via desde as 4 horas da madrugada de 5.ª-feira. Pouco depois, o «comboio-operário», e outros que o seguiam procedentes do Entroncamento (partidos do Porto, da Beira Alta e de Madrid) reforçavam a sua cauda. E o «mercadorias» no seu lugar. Quando, por fim, foi removido, rebocado, já havia quase duas horas de atraso.

5.ª-feira de manhã pandemónio na linha

Foi o cabo dos trabalhos, o diabo à solta, ao longo de toda a linha, entre Santarém e Póvoa de Santa Iria. Sorte tiveram os utentes que tomaram os comboios-tranvias partidos de Vila Franca de Xira, ao princípio da manhã. Mas nem todos, porque a muitos, jeito dá é entrarem no «operário». Mas qual operário, qual quê, na quinta-feira de manhã?!

Ficou espelhado acima: alguns dos utentes da Póvoa de Santa Iria decidiram bloquear o comboio, de modo a chamar a atenção da opinião pública, dos responsáveis da CP e do Governo para a situação que diariamente lhes sai na rifa. Comboios atrasados, uma composição (que é favor dizer-se que chega ali apinhada, porque nela não cabe sequer uma agulha) com capacidade para seiscentas pessoas, mas que transporta o triplo ou o quádruplo e deixa seis vezes mais de pessoas impotentes na estação: enfim, o quadro não é nada animador.

Mais grave se torna quando se constata — e o repórter está habilitado para o afirmar — que, pela manhã fora, aumenta o número de composições e diminuem os atrasos. Se isto não é gozar com os utentes, de que se tratará, afinal?

Protestos não faltam

«Os senhores da CP andam de carro, esses que fazem os horários, que decidem do número de composições e carruagens. Deviam era viajar connosco, e não virem quando — o que é raro — circulam duas composições e não há atrasos», acrescenta Celestino dos Santos Bernardino, cliente da CP há mais de quinze anos. «Ainda me recordo que pagava 400 escudos pelo passe. Hoje gasto 7580 escudos e sou mais mal servido», atalha. E não mente, porque, a seu lado, Maria João Loureiro da Costa Coelho, que com ele entra na estação de Santarém, confirma o último montante. Aproveita para «lavrar» também o seu protesto por tudo quanto se passa nesta linha, que aqui se situa entre Azambuja e Lisboa, mas que, como vimos, é mais vasta. Pelo menos, quanto aos primeiros comboios da manhã, de que o «operário» é um caso.

Era o comboio que, antes de Abril de 1974, transportava os operários da CP que do Entroncamento e estações seguintes se dirigiam para Lisboa, sobretudo Santa Apolónia e Campolide (oficinas da CP). A falta de composições e o aumento de passageiros aconselhavam uma alteração, vindo esse comboio a ser facultado aos utentes dos Caminhos-de-Ferro Portugueses e parando em todas as estações, entre Entroncamento e Campolide.

Bem andaram todos até Abril deste ano. Com os novos horários, tudo se veio complicar. Hoje em dia, contam-se pelos dedos (queixam-se todos) as vezes em que chega a horas a Moscavide (onde larga boa parte dos utentes), Braço de Prata (onde saem muitos e outros entram). Areeiro (onde despeja outra grande parte de utentes), Entrecampos, Rego e Campolide. «Desde Abril que não temos hipóteses de cumprir o nosso horário de trabalho, porque o «operário» atrasa-se sempre. Atrasaram a sua partida cinco minutos e o comboio da Beira Alta meia hora. Ora, como este circula sempre atrasado, vem passá-lo ao Setil, a Azambuja ou ao Carregado. É o tal problema dos comboios com prioridade, e fica um trabalhador retido, à espera, para chegar tarde ao emprego», acrescenta Celestino Bernardino, que desce em Moscavide.

Dar o lugar a quem o espera

Antes de se apear, contudo, cumpre religiosamente uma «obrigação»: cede o seu lugar a Maria Carolina do Nascimento, funcionária da FAP, que, para azar seu, raramente chega a tempo de apanhar a carrinha de serviço da Força Aérea Portuguesa, em Entrecampos. «O comboio

JÁ NÃO AGUENTA A CP

Conceição Gonçalves Roque: «há dias em que digo adeus às pessoas, porque nem sequer posso entrar»

Póvoa de Santa Iria: os que não têm lugar no «operário» ficam à espera do próximo, que poderá vir mais atrasado devido aos comboios de longo curso

O 'DL' viajou no 'operário' e ouviu queixas dos utentes

devia chegar à estação às 7 horas e 45, o mais tardar, se bem que o horário aponte para as 7.38. Como nem sempre chega, ou raramente isso acontece, esperam-me até às 7.50. Depois avançam, porque não sabem a que horas lá estarei», acrescenta.

Cada um dos passageiros do «operário» transporta consigo um fardo: o do desespero, aliado à impotência. «Nas outras linhas não acontecem odisseias como esta, porque os passageiros da Linha de Sintra ou da de Cascais não tinham a mesma paciência que nós», diz Aristides Cipriano de sua justiça, ao lado de Maria Carolina Nascimento. Tem inquestionável autoridade para isso: viaja no «operário» há sete anos e também se levanta cedo, bastante cedo, pela fresquinha.

Foi no «operário» que 6.ª feira viajámos, na esperança — como acontece quase todas as sextas-feiras, e também às segundas — de o fazer numa composição, com os passageiros encostadinhos uns aos outros, sem nesga para respirar, sentindo o arfar do vizinho do lado, companheiro de infortúnio numa viagem com a CP.

Não aconteceu bem isso, mas quase: como atrás se diz, nenhum dos utentes da Póvoa de Santa Iria apanhou lugar vago. Se havia algum em Alverca, ficou ali coladinho ao primero que chegou.

Não há bancos para ninguém

Nos outros comboios, transvias, muitos deles, o quadro é o mesmo, de manhã e ao fim da tarde: há lugar (sentado) para os primeiros, pelo que os outros viajam de pé. Muito sofrem as grávidas nesta linha. E as crianças. É que há quem pague passe à CP (social ou outro) há muitos anos e tenha inscritas na agenda as vezes (por ano) em que viaja sentado. Os responsáveis da CP ignoram, desprezam, amachucam e ofendem os utentes da Linha da Azambuja. E mais: até aos que se levantam mais cedo e se deitam (ou comem) mais tarde, porque entram no Entroncamento, Mato Miranda, Santarém, Cartaxo-Virtudes e noutras estações.

São os passageiros da noite, como alguns lhes chamam. Alguns, bem entendido, dos utentes da CP. De comboios onde se fazem amizades, por entre discussões de futebol, de política de vez em quando, emblema ao peito quando se aproximam eleições ou o chuto na bola está em força. E onde, por vezes, também se travam discussões, porque todos querem ter a razão de seu lado. Não fora os atrasos da CP, mais a crónica falta de condições e, pelo que ouvimos, viajar nesta linha seria agradável. Assim, não: o desespero nunca foi aliado da calma, nem os nervos e o descontrolo, da tolerância.

Quem diariamente viaja na Linha da Azambuja, entre esta estação e Lisboa (Santa Apolónia/Campolide), perde, seguramente, um terço da sua vida nos comboios. Mais atraso, menos atraso, em pé quase sempre (se vive na Póvoa ou em Vialonga), sentado quando o rei faz anos — como por graça se diz —, revolta-se interior e exteriormente. Deixa sair pelos poros toda a sua ira. Mas os utentes do Entroncamento e de Santarém, esses nem sequer vivem 2/3; esses vegetam, com o respeito devido ao seu «modus vivendi». Não há coração que resista, sendo muitas as doenças de alto risco em que incorrem, desde a cardiopatia isquémica ao aneurisma, valha-nos Deus.

Celestino Bernardino sofre mais com a CP que com a TAP, onde trabalha, e disse ao DL» — por causa dos sucessivos atrasos e arrelias da suas viagens — que está a encarar seriamente a hipóteses de rescindir o contrato com a TAP-Air Portugal. Outros não poderão trilhar o mesmo caminho, a fazer a mesma opção.

Tudo frio lá em casa

Exemplos não faltam, alguns fixados pelo repórter: quarta-feira, à noite, cerca de mil passageiros da Linha de Azambuja chegaram a casa e encontraram as batatas, a sopa e a carne, bem frias. Bem sabemos que isso não é problema: os fogões (a gás) são para o que são, servem para o que servem. Mas também não viram — os que gostam de futebol — o Portugal-Islândia. E porquê (perguntará o leitor)? Por pouca coisa: é que o comboio que sai de Santa Apolónia às 20 horas e 30 avariou, trezentos metros depois de largar. Note bem, leitor amigo: para o fazer recuar, o inspector Cordeiro e o pessoal nele em serviço, andaram de Cila para Caribde, de Ceca para Meca, para que uma máquina o fosse atrelar. Telefonemas e mais telefonemas, a mostrar-nos que a estrutura da CP é pesada, burocrática, e que as máquinas, os comboios e tudo o mais começam por emperrar nas secretarias, nos gabinetes, no confortável repouso de muitos e muitos funcionários. E, claro, na própria estrutura, na dilaceração das hierarquias, na sobreposição de funções e responsabilidades. Demorar mais de uma hora para fazer voltar à base um comboio que havia circulado trezentos metros (e que um profissional via nitidamente que não estava bom) não lembra a ninguém.

Quarta-feira à noite: atrasos e burocracia

Mas aconteceu, quarta-feira, à noite, em Santa Apolónia, com o n.º 2843, que isto de comboios implica números. Partiu já atrasado — como sempre — cerca de meia hora, porque tinha chegado muito depois da hora. São os crónicos e inconcebíveis atrasos em cadeia. Depois, deu o badagaio. Quem pensava chegar a casa (em Vila Franca de Xira) às 21.12, terá franqueado o ombral uma hora e cinco mais tarde.

Sérgio Pereira da Silva, transtornado, não resistiu a dois protestos mais veementes, um deles relacionado com o trágico acidente de 5 de Maio, em que esteve envolvido e, por isso mesmo, hospitalizado. «Nunca me perguntaram se precisava de alguma coisa, nem sequer me foram ver. Trataram-me, a mim e a todos os outros, com desprezo», realça.

Mário Rodrigues, com destino a Alverca, tinha perdido o comboio das 7 horas e 47 por pouco. Julgava viajar no das 8.30 e chegar ao seu destino a tempo de calçar as pantufas e acompanhar o jogo (note-se que nessa noite a RTP associou-se à CP). Mas não: quando desembarcou em Alverca deve ter soltado um suspiro de alívio muito forte. Como o José Fonseca, outro dos passageiros que não se cansou de vergastar na desordem que reina na CP, ligada à falta de material que, naturalmente, não dá quaisquer garantias a quem gosta de viajar na (e com a) CP.

É claro que numa empresa com linhas e ramais onde há carris com quase cem anos de vida e um milhão de travessas por substituir, tudo é possível. E quando os maquinistas dependem dos sinais que não se vêem já em qualquer país da CEE (do princípio do século), a tragédia pode acontecer. E já aconteceu, por mais de uma vez. A última, na linha da Azambuja, em 5 de Maio de 1986...

Mal ficaria que ao que atrás fica dito não acrescentássemos mais isto: ontem e terça-feira à noite, o mesmo comboio (que raramente sai de Santa Apolónia à hora) das 20.30 atrasou-se substancialmente. Para muitos nem houve «Roque Santeiro» nem «Bullit». Ninguém compreende é a razão por que a CP insiste em manter horários que diariamente espezinha.

Virgínia Rodrigues faz um esforço enorme, todos os dias, para resistir a todas as suas «ondas»: é estudante-trabalhadora, corre do emprego para a Estefânia, está farta de tudo isto, mas não tem alternativas. E se perde o comboio nº 2843 (que às vezes sai de Santa Apolónia às 20.30, de facto) protesta contra o facto do comboio a seguir, partir do mesmo ponto uma hora depois. «É assim que a CP serve quem trabalha? É uma vergonha viver na nossa zona (Póvoa-Alverca-Alhandra-Vila Franca) com os transportes que temos.»

Há quem passe 1/3 da vida entre o Entroncamento e Lisboa

«Passageiros do sono» ocupam o «comboio-operário» entre o Entroncamento e Lisboa

Câmara reclama

As últimas alterações aos horários dos comboios tranvias foram feitas no passado dia 27, sem que delas ninguém tivesse conhecimento. Ninguém é uma forma de dizer, claro: nenhum dos passageiros/ utentes da CP. Quando vieram cá para fora, não faltaram protestos. Um erro crasso nesse aspecto ficou por corrigir: o dos passageiros do ramal de Tomar, cujo primeiro comboio chega a Lisboa já depois das nove horas, na melhor das hipóteses. Para o apanhar, há quem se levante às 4 da manhã.

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira não perdoa, quando se trata de tomar posição sobre os transportes que não servem a sua população. Voltou a fazê-lo recenteente. O município acusa a CP de elaborar horários «que não têm em conta os interesses das populações. Esta Câmara não pode, mais uma vez, deixar de denunciar esta acção», diz uma nota tornada pública, a qual exige que a CP «tome medidas no sentido de melhor servir os seus utentes quer com horários quer com composições». Reclama ainda que os comboios circulem com «lugares suficientes para os milhares de trabalhadores que se deslocam do concelho e para o concelho, para se dirigirem aos seus locais de trabalho».

Fogo "nasceu" esta madrugada na Alfredo da Costa

PESSOAL SALVOU TODOS OS BÉBES DA UNIDADE DE CUIDADOS INTENSIVOS

A avaria de um ventilador da Unidade de Cuidados Intenivos da Maternidade Alfredo da Costa está na origem do incêndio que esta madrugada destruiu parcialmente aquele serviço para bebés. Os onze recém-nascidos que aí se encontravam foram imediatamente retirados pelo pessoal auxiliar e médico da unidade: cinco foram transferidos para outras maternidades de Lisboa e seis permanecem na Alfredo da Costa, mas noutro sector.

Os quatro que foram para as maternidades Magalhães Lima, S. Francisco Xavier e do Hospital de Santa Maria não ficaram na Alfredo da Costa por falta de espaço na Unidade de Prematuros. o secretário de Estado da Saúde reuniu-se esta manhã, naquela popular maternidade lisboeta, com a sua administração.

O curto-circuito originado pela avaria do ventilador provocou um incêndio que em poucos instantes inutilizou o essencial do equipamento daquela unidade. O administrador Morais Sarmento não tinha ainda ideia, esta manhã, sobre a extensão dos prejuízos, nem sabia do estado em que o equipamento ficou. Admitiu ao «DL», contudo, que nem tudo esteja em condições de funcionar como até aqui.

Morais Sarmento prevê que a reconstrução da Unidade de Cuidados Intensivos se possa parcialmente conseguir em dez dias, iniciando-se hoje mesmo os trabalhos de recuperação. Aquele serviço estava em vias de ser melhorado, de passar por obras de beneficiação, as quais o acidente desta madrugada deverá apressar. «Vontade de recuperar este serviço, o mais depressa que possamos, não nos falta. Esta manhã, foi-nos prometido auxílio para isso. Iremos tentar o máximo da nossa capacidade», disse Morais Sarmento ao «DL».

Aquisição de material sem concurso público

O administrador da Maternidade Alfredo da

Costa considera que as obras a levar a cabo na unidade afectada estavam previstas a curto e médio prazo e «não são nada de transcendente». No entanto, devido ao sinistro desta madrugada, terão outra orientação.

O secretário de Estado da Saúde reuniu-se esta manhã com a administração da maternidade de modo a apresentar o programa da rápida reconstrução do serviço afectado, encontrando-se na posse de todos os elementos. Aliás) frisou Morais Sarmento —, aquele membro do Governo tinha já em seu poder o projecto das obras de beneficiação da maternidade. Costa Freire autorizou a aquisição urgente de material sem entraves de maior, desinadamente o do concurso público.

«Somos optimistas, porque temos muita capacidade de resposta para todos os problemas que se nos põem. Não é auto-elogio, é a verdade dos factos, atestada dia a dia por médicos, enfermeiros e pessoal auxiliar, todos os funcionários. Por isso, esperamos que a reconstrução da unidade afectada não demore muito tempo. E não demorará», acrescentou o administrador da Alfredo da Costa.

A evacuação dos onze bebés, como acima se disse, foi rápida: um médico e duas funcionárias avisaram o restante pessoal ali de serviço que retirou os recém-nascidos sem dificuldades de maior e atacou as chamas. Quando os BSB chegaram havia ainda pequenos focos de incêndio que debelaram em poucos instantes.

Chamas destruíram sete ventiladores

As chamas destruíram, como atrás se diz, parcialmente, a Unidade de Cuidados Intensivos e grande parte do seu equipamento. Foi essa a razão por que o secretário de Estado da Administração da Saúde autorizou a aquisição do mais premente, mesmo sem concurso público, de modo a simplificar, em tempo, essa operação.

Sete ventiladores (que ajudavam os bebés a respirar) e uma bateria foram danificados pelas chamas, cujo fumo causou algum pânico na maternidade. A situação foi normalizada pouco depois. Aliás, a presença quase permanente de pessoal de enfermagem no local permitiu o imediato ataque ao incêndio e o salvamento de todas as crianças — afirmou Morais Sarmento.

Os cinco transferidos para as maternidades de Santa Maria (2), Restelo (1) e Magalhães Coutinho (2) careciam de equipamento especial, na ocasião indisponível na Unidade de Prematuros da Alfredo da Costa.

Pesqueiro espanhol apresado nos Açores

O Comando Naval dos Açores anunciou o apresamento do pesqueiro espanhol «Cruz de Almena» quando este se encontrava «em preparativos para a pesca» dentro da zona económica exclusiva afecta ao arquipélago.

O «Cruz de Almena» foi interceptado e apresado na terça-feira pela corveta «João Coutinho» a 130 milhas a sudoeste da ilha do Faial.

«O barco navega sob escolta para o porto da Horta onde está previsto atracar hoje ao princípio da tarde» — adiantou o Comando Naval dos Açores.

Catorze mil contos para remodelar tribunais

O Ministério da Justiça vai gastar, em remodelação e restauro de tribunais judiciais do Continente e Regiões Autónomas, 14 100 contos, disse uma fonte daquele ministério.

Trata-se de um primeiro passo no processo de resolução das carências com que se debate o parque judiciário, e que afectam, por vezes de forma significativa, a actividade dos tribunais portugueses.

Os tribunais abrangidos por esta medida são os tribunais judiciais de Rio Maior, Vila Verde e Flores (Açores), o Tribunal do Trabalho do Porto e a Casa do Magistrado de Angra do Heroísmo.

Falhas na corrente eléctrica

Uma perturbação da frequência da rede nacional de electricidade causou ontem falhas de energia eléctrica em diversas zonas da área de Lisboa, informou a EDP.

A zona da Calçada de Carriche esteve sem energia eléctrica entre as 22 e 25 de ontem e as 00 e 27 de hoje, de acordo com um informador da EDP.

Registaram-se também falha de energia noutras zonas da Grande Lisboa, como foi o caso da Pontinha, Loures e Odivelas.

Traficantes respondem em Setúbal

Treze indivíduos, entre os quais três espanhóis, e um indiano, começaram ontem a ser julgados no Tribunal de Setúbal, acusados de pertencerem a uma rede de droga.

Segundo a acusação, a rede dedicava-se a introduzir em Portugal dezenas de quilos de haxixe e outros estupefacientes, no valor de milhares de contos, e era chefiada por José Gomes Pires Coelho.

A sessão de abertura apenas serviu para identificar os réus e ler as acusações.

Os réus são: José Gomes Pires Coelho, Natália Figueiredo Santos, Miguel Jorge Silva, António Paulo Lopes, José Francisco Viegas, Ahmed Bechario, Aldemar Martins de Noronha, Maria de Fátina Urbano de Almeida, Javier Antepazo Pena, Andrez Navarro Garcia e Joaquim Perez Martinez.

Não compareceram ao julgamento, José Pedro Valente, e Maria de Lurdes Fontoura, que se encontram em liberdade,

O julgamento que se prevê venha a durar todo o mês prossegue no dia 20 de Outubro.

Guarda da PSP condenado por agressão

O Tribunal Judicial de Setúbal condenou ontem um agente da PSP na pena de quatro meses de prisão, remível a multa de 300 escudos diários, por agressão a um cidadão.

O guarda Valdemar Moisão, era acusado de em 11 de Junho de 1986 ter espancado, no pátio da primeira esquadra (comando) da PSP de Setúbal, Jorge Adôa, com «socos e pontapés, sem motivo que tal o justificasse».

O agente da PSP embora tenha confessado a acusação, alegou que ela tinha sido mais leve do que a referida pelo queixoso.

Nas alegações, o Ministério Público, classificou o facto como «agressão 'sui generis'» e o advogado de acusação Pinto de Oliveira disse que «a agressão teve lugar um mês depois de o provedor de justiça ter denunciado violências policiais em várias esquadras da PSP em Lisboa».

Paralelamente ao processo-crime, corre na PSP de Setúbal, um processo disciplinar contra o agente Moisão.

Iate roubado apreendido no Funchal

Foi ontem apreendido no porto do Funchal, pelas autoridades marítimas, o iate «Galabiat» de 14 metros de envergadura que havia desaparecida de marina de Mónaco no dia 14 de Setembro último.

A embarcação de matrícula suíça chegou à Madeira sob bandeira alemã, e com o nome de «Go-On», elementos falsos que não evtaram a apreensão e a captura do tripulante solitário, Rosendal, de 38 anos, natural da Alemanha Federal, que escalou Episa, Mediterrâno, e Vilamoura no Algarve antes de tocar o porto do Funchal, cujas autoridades estavam já alertadas.

O detido foi presente ao juiz de Instrução Criminal que lhe confirmou a prisão.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Senhores administradores:
Faz hoje precisamente um ano que quiseram honrar-me com a presidência deste nobre Conselho **(Telefone)** *Está? Estou, sou eu, querida, então, há alguma novidade? Estou bem, querida, estou óptimo, palavra de honra, o coração está a portar-se que nem um valente. Mas por que é que ia mentir-te? Podes ficar descansadinha, querida. Olha, telefona à Marta que vá aí ver contigo* **Os Imigrantes.** *Pensa nisso. Ciao!* **(Pousa o auscultador)...***que me quiseram honrar com a presidência deste nobre conselho. Desde então, a nossa empresa tem continuado a singrar, apesar dos ventos adversos que...* **(Telefone)** *Sim, querida, não tem importância, o que é? Não, não me esqueço do Corcadone, podes ficar descansadinha. Eu próprio passo pela farmácia. São os comprimidos verdes, claro que são os comprimidos verdes, os azuis são para a tensão e os brancos para a enxaqueca. Eu sei, eu sei. Não te esqueças de telefonar à Marta. Ciao!* **(Pousa o auscultador)...***Dos ventos adversos que têm soprado de vários quadrados, perdão!, de vários quadrantes. Refiro-me, como devem calcular, à nova conjuntura criada pela...* **Telefone)** *Sou eu, sou. O quê? Ah, o fiambre! Fizeste bem em telefonar-me, olha que nem me passava pela ideia, de qualquer maneira eu antes de sair telefonava-te. Vou tomar nota, espera aí um bocadinho. Duzentos gramas, tipo inglês, sem gordura. Vou repetir para veres se está certo: duzentos gramas, tipo inglês, sem gordura. Ciao, ciao.* **(Pousa o auscultador)** *Tipo inglês...Que raio de mania! Em que é que o tipo inglês há-de ser melhor que o tipo português? Como ia dizendo, a nova conjuntura criada pela entrada...* **(Telefone)** *Sim, querida. O que? A tia Rosalina faz anos? Olha que não me lembrava completamente. Deixa, não me esqueço. Não, deixa, eu tenho o número na agenda. Olha, vê lá que o indicativo é o 061, agora só tem um zero, dois é para a rede internacional. Ciao!* **(Pousa o auscultador)** *A nova conjuntura criada pela nossa entrada...Demónio! Que raio é a cor dos comprimidos? São os brancos ou os verdes?* **(Levanta o auscultador)** *Ò Margarida, liga-me aí depressa para a minha casa.*

(PANO)

Alerta de Octávio Dias Garcia

SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA ESTÁ A CONVERTER-SE EM TERCEIRA INSTÂNCIA

O presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Octávio Dias Garcia, alertou ontem que este órgão está a converter-se praticamente em terceira instância, em consequência do «tão desajustado regime de recursos».

O conselheiro Octávio Dias Garcia, 69 anos, vigésimo sétimo presidente do Supremo Tribunal de Justiça, falava após ser empossado para segundo mandato, na sequência de reeleição em 26 de Julho pelos 34 juízes que compõem o plenário do Supremo.

Na mesma cerimónia, perante o pleno, com a presença do secretário de Estado da Justiça, procurador-geral da República e ex-presidentes do STJ, Acácio de Carvalho e Almeida Borges, foi também empossado vice-presidente o conselheiro Augusto Vítor Coelho, 67 anos.

Ambos foram eleitos em 28 de Julho. O mandato é de três anos, mas em Março haverá novas eleições para presidente e vice-presidente do STJ porque o conselheiro Octávio Dias Garcia atinge o limite de idade.

Na pequena intervenção que fez após ser empossado, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça salientou o esforço exigido aos membros do Tribunal e prometeu reforçar o «sentimento de companheirismo» a que atribuiu papel relevante para o STJ cumprir a missão de julgar em definitivo.

De dificuldades do STJ falou também o conselheiro Manuel Alves Peixoto, decano dos juízes do Supremo, e que nessa qualidade conferiu posse ao presidente em nome do plenário.

O conselheiro Manuel Alves Peixoto começou por elogiar as qualidades pessoais do presidente e o seu trabalho à frente do Supremo, designadamente o «impecável» relacionamento com os restantes poderes, «prestigiando o seu Tribunal e os seus juízes».

Supremo está mal de instalações

Falou depois de problemas de instalações, falta de biblioteca em condições, ausência de um corpo de juristas que apoie o trabalho dos juízes e do volume de trabalho.

Como exemplo da carência de instalações observou que o gabinete do presidente fica num sítio de passagem dos juízes, que não há sala para reunirem em simultâneo as quatro secções do Tribunal, que os juízes, por falta de equipamento, ali têm de «suar no Verão» e «tiritar no Inverno».

O número de recursos e a falta de condições levam a que os juízes já não possam dar vazão, retardando a sua apreciação ou colocando-os na prateleira, disse ainda.

O conselheiro Manuel Alves Peixoto assinalou ainda que o boletim do Ministério da Justiça regista atrasos de um ano e defendeu a criação de uma revista especialmente dedicada à publicação de acórdãos, com periodicidade quinzenal ou mensal.

O Supremo Tribunal de Justiça, com duas secções cíveis, uma de crime e outra social, está para tratar de problemas de trabalho, aprecia anualmente uma média de mil processos, disse à agência Lusa o secretário do Tribunal.

A Constituição da República define o Supremo Tribunal de Justiça como «o órgão superior da hierarquia dos tribunais judiciais, sem prejuízo da competência própria do Tribunal Constitucional».

Conselho de Comunicação Social

Lusa: nomeação do director carece de parecer prévio

O Conselho de Comunicação Social acaba de afirmar que a nomeação do director de Informação da Lusa carece do seu parecer prévio —e, assim, o CCS deliberou por unanimidade, requerer à Direcção-Geral da agência esclarecimentos por não lhe ter solicitado parecer, para a nomeação do referido quadro.

Alberto Carvalho é o jornalista em questão. O Conselho de Comunicação Social fundamenta a sua atitude na Lei 23/83, de 6 de Setembro, na análise da constituição do capital social da Lusa e do sistema de definição da maioria da sua assembleia geral e nos estatutos da própria agência, bem como no parecer da Assessoria Jurídica da Assembleia da República.

Sucede, no entanto, que a lei acima mencionada estabelece que o Conselho de Comunicação Social exerce a sua competência «sobre os órgãos de comunicação social pertencentes ao Estado e a outras entidades públicas, ou entidades directa ou indirectamente sujeitas ao seu controlo económico».

O que significa que o mesmo diploma considera englobadas nesta categoria todas as publicações periódicas, agências noticiosas e canais da Rádio e Televisão, cuja propriedade ou exploração pertença ao Estado e a outras entidades públicas, ou em cujo capital tenham maioria entidades directa ou indirectamente sujeitas ao seu controlo económico. Logo: a Lusa está no âmbito da competência do CCS.

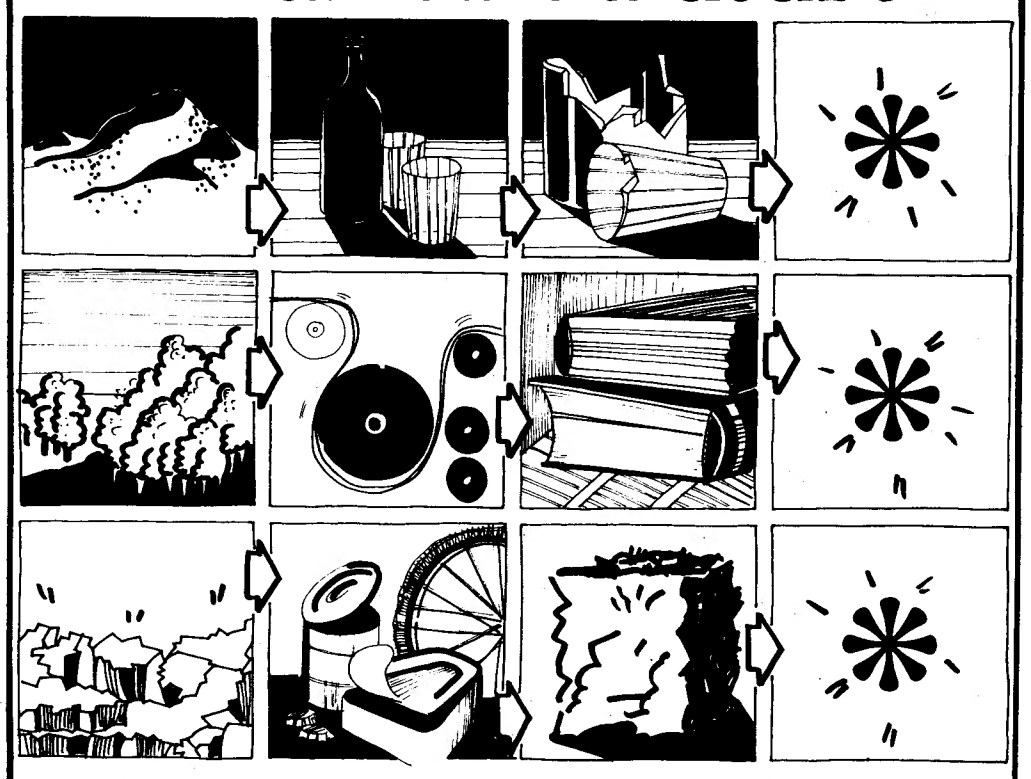
"Falcão do Minho"

Semanário regional nas bancas de Viana do Castelo

«Falcão do Minho» é o nome do novo hebdomadário regional que a partir de hoje, dia 15, vai surgir nas bancas de Vi do Castelo e de Braga.

O novo jornal regional, que pretende estender a sua cobertura e distribuição a todos os concelhos dos distritos de Braga e Viana do Castelo, e a alguns concelhos limítrofes do distrito do Porto, tem 24 páginas e sairá às quintas-feiras.

Deitar Fora é Gastar o Futuro



Os resíduos, também designados por desperdícios, detritos ou "lixo", são o resultado do acto de rejeição, de "deitar fora o que não se utiliza".
Acontece, porém, que: com o aumento e a diversidade de bens de consumo; com a crescente utilização de embalagens de plástico, papel, metal e vidro para a comercialização dos produtos; com o desenvolvimento industrial, incorporando muitas vezes uma variedade de substâncias perigosas para a saúde pública, as gerações de hoje têm vindo a conhecer um aumento exponencial da quantidade e diversidade de resíduos.
"Deitar fora o que não se utiliza", ocupando o pouco espaço disponível face ao crescimento demográfico, consumir os recursos, alguns irrenováveis outros limitados, criará certamente problemas à sobrevivência e à qualidade de vida das futuras gerações.
Poder-se-á pois perguntar, se assim continuarmos, o que encontrarão os nossos filhos?
Um acumular de "lixo" disperso por todo o espaço disponível, um esgotamento quase total dos recursos naturais e uma degradação de todos os eventuais recursos ainda existentes.
É pois um dever desta geração, que ainda foi privilegiada neste domínio, suportar os custos necessários para que a próxima geração encontre um ambiente, pelo menos, tão bom como esta geração encontrou.
Recuperar os resíduos é a resposta!!!!!!!
Uma resposta que traz consigo grandes benefícios económicos, evitando a saída de divisas e criando simultâneamente novos postos de trabalho.

Reciclar é Preservar a Vida!

ANO EUROPEU DO AMBIENTE
COMISSÃO NACIONAL PARA O ANO EUROPEU DO AMBIENTE
Direcção Geral da Qualidade do Ambiente

cerexport
cerâmica de exportação, s.a.

OFERTA PÚBLICA DE VENDA DE 131 250 ACÇÕES

Faz-se público que se irá efectuar uma oferta pública de venda de 131 250 acções nominativas da Empresa CEREXPORT — Cerâmica de Exportação, S.A., correspondentes a 25% do seu capital social, com o valor nominal de 1000$00, em sessão especial da Bolsa de Valores de Lisboa, a realizar no próximo dia 19 de Outubro. Esta operação será efectuada nas seguintes condições:

1. O preço mínimo de venda é de 2500$00 por acção.
2. As ordens de compra deverão respeitar os seguintes requisitos:
   — O preço unitário para cada uma das ordens de compra deverá ser divisível por 50$00 e sempre igual ou superior ao preço mínimo de venda;
   — Só serão aceites ordens de compra de 10 ou múltiplos de 10 acções;
   — As ordens de compra deverão indicar explicitamente as quantidades pretendidas e os preços para elas oferecidos, não sendo aceites ordens «ao melhor»;
   — As ordens de compra deverão ser transmitidas aos Correctores adstritos à Bolsa de Valores de Lisboa, até ao dia 16 de Outubro de 1987.
3. A operação será realizada segundo o processo de leilão, nos termos dos n.ºs 8.º e 9.º da Portaria n.º 532/81 de 29 de Junho. As ordens serão satisfeitas em sentido decrescente de escalões de preço oferecido até atingir o escalão que iguala ou excede o total de acções a alienar. Neste último escalão proceder-se-á a rateio proporcional às quantidades pretendidas.
4. O pagamento deverá ser efectuado a contado, nos termos do Decreto-Lei n.º 8/74, de 14 de Janeiro. A entrega dos títulos será também efectuada nos prazos normais de liquidação de operações da Bolsa, ressalvados os condicionalismos previstos no Art.º 24.º do Decreto-Lei 408/82 de 29 de Setembro, no caso da ordem de compra não ter sido transmitida através de uma instituição financeira.
5. Não existem ordens de preferência estatutárias a observar.

As acções em venda estão representadas em títulos de 10 acções.
Foi já requerida a admissão à cotação destas acções nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto.
O prospecto informativo da operação poderá ser obtido na sede da CEREXPORT — Cerâmica de Exportação, S.A., na Bolsa de Valores de Lisboa, junto dos correctores a ela adstritos ou aos balcões das instituições financeiras abaixo indicadas.
A oferta pública de venda das 131 250 acções será tomada firme, ao preço de Esc. 2500$00, por um Sindicato Financeiro liderado pelo MDM, Sociedade de Investimentos, S.A., e formado pelas seguintes instituições:

— Banco Pinto & Sotto Mayor
— Banco Português do Atlântico
— MDM, Sociedade de Investimentos, S.A.

Os elementos referentes à empresa, designadamente os estatutos, relatórios, balanços e contas dos exercícios de 1984, 1985 e 1986, bem como o prospecto da emissão podem ser consultados na sede da CEREXPORT, na Bolsa de Valores de Lisboa ou aos balcões das instituições financeiras acima referidas.

Operação liderada por

MDM
MDM Sociedade de Investimentos, S.A.

INSTITUTO SUPERIOR DE MATEMÁTICA MODERNA

RUA DAS FLORES, 59 – 1200 LISBOA
RUA GIL VICENTE, 138 – 4100 PORTO

• CURSO SUPERIOR DE INFORMÁTICA, ESTATÍSTICA E INVESTIGAÇÃO OPERACIONAL

(Aprovado oficialmente pelo Despacho 130-A/MEC/86, publicado no D.R., II Série, de 19/8/86)

INFORMAÇÕES:

LISBOA:
Rua Vítor Córdon, 41-47
☎ 36 88 37 e 37 17 83

PORTO:
Rua da Alegria, 939
☎ 48 00 19 e 49 54 75

Saber a Valer

Nome _____

Idade _____ Profissão _____

Morada _____

Localidade _____

Cod. Postal _____ Telefone _____

Tem televisor ? _____ Nº Licença _____

IMPORTANTE:
Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos CTT e enviar para Concurso SABER A VALER Apartado 4.317 - 1.508 Lisboa Codex.

SABER e VALER

CONCURSO RTP

nome da equipa _____

chefe da equipa _____ idade _____

morada _____

localidade _____ cod. postal _____

telef. _____

2º elemento _____ idade _____

morada _____ telef. _____ cod. postal _____

1º convidado _____ idade _____

2º convidado _____ idade _____

RECORTE PELO TRACEJADO
PREENCHA COM LETRAS MAIUSCULAS Cole num Postal dos C.T.T e envie para CONCURSO "SOBE e DESCE"
APARTADO 4.289 - 1.507 LISBOA - CODEX

Como destino turístico de qualidade

AGENTES DE VIAGENS ESPANHÓIS INTERESSAM-SE PELO ALGARVE

Os agentes de viagens espanhóis estão interessados em inscrever o Algarve como destino turístico de qualidade nos seus programas de vendas para o exterior. Esta foi a ideia geral colhida junto dos cerca de 300 agentes do turismo espanhol pelos seus parceiros e hoteleiros algarvios em recente viagem de promoção efectuada pela Região de Turismo do Algarve por diversas cidades do país vizinho.

«O Algarve oferece hoje a qualidade que a Costa do Sol, na Andaluzia, não te para oferecer» —disse o presidente dos agentes de viagens para a Região de Granada, Manuel Alonzzo Rodriguez.

Rodriguez adiantou, contudo, que apesar do Algarve ser «uma região interessante, é ainda muito pouco conhecida entre nós».

Dificuldades de comercialização e problemas estruturais do mercado espanhol de viagens, no domínio da organização do turismo de grupo, foram as razões, apontadas para a «dificuldade de penetração do Algarve naquele país».

A sensibilização dos agentes turísticos algarvios para as potencialidades do mercado espanhol e a adopção de uma política de «maior agressividade promocional» são as acções apontadas como necessárias a curto prazo.

Nesse sentido o vogal da Comissão executiva da Região de Turismo do Algarve, António Fiadeiro, declarou que «muitos agentes algarvios não se terão apercebido, ainda,que o mercado espanhol pode constituir a prazo uma aposta, senão alternativa, pelo menos, fortemente concorrencial com os grandes mercados tradicionais de oferta».

«Apesar do seu carácter eminentemente excursionista, o mercado espanhol ocupa hoje o primeiro lugar nas entradas gerais de estrangeiros em Portugal, pretendendo-se atraí-lo para períodos de permanência mais alargados entre nós.»

Para António Fiadeiro, «necessário criar as condições para que o turita espanhol venha em maior número ao Algarve e por mais tempo», uma vez que «o seu período de permanência nos nossos meios de alojamento, é sensivelmente metade do dos restantes estrangeiros».

Segundo um inquérito de fronteira, a permanência média geral dos turistas que visitaram Portugal em 1986, foi de 8,1 dias, enquanto os espanhóis, ocupando o quinto lugar, registam uma média de 4,8 dias durante o referido ano.

O montante de dormidas de espanhóis no Algarve foi, no ano transacto, de 139 508, correspondendo apenas a 2 por cento do total das 7 843 549 dormidas de estrangeiros em igual período em Portugal.

No que respeita ao número de entradas no país em 1986, a Espanha — com 9 960,2 milhares de visitantes —ocupa o primeiro lugar, seguindo-se o Reino Unido, com 1 069,1 milhares, a Alemanha (430,3), a França e a Holanda com 350,1 e 171,7, respectiamente.

Desagregando as entradas gerais por tipo de visitante, a Espanha registou um total de 2 611,9 milhares de turistas, sendo os restantes 7 348,2 milhares simples excursionistas.

Comparativamente com o número de entradas, a Espanha é o terceiro cliente nas dormidas globais da hotelaria (068 795), contra 1 856 078 dormidas dos alemães federais e 5 548 513 dos ingleses.

Na opinião do director do Centro de Turismo de Portugal em Madrid (CTP) a proximidade física dos dois países «explica a forte percentagem de visitantes excursionistas espanhóis».

Segundo Nuno Mendes de Almeida, «normalmente são visitantes de regiões fronteiriças ou perto delas, os quais aproveitam os fins-da-semana ou feriados prolongados para se deslocarem em compras ou simples passeio ao nosso país, não necessitanto de estadas muito prolongadas».

Nuno Mendes de Almeida considera «o turista espanhol um bom turista, porque tem poder aquisitivo e é um bom consumidor», havendo todo o interesse em desenvolver acções de captação de novas correntes mais afastadas das linhas de fronteira».

Agentes espanhóis e portugueses entendem que o estabelecimento de ligações aéreas directas entre Faro e as cidades espanholas mais importantes será «uma via insubstituível para atrair ao Algarve os turistas que procuram na qualidade uma alternativa à Costa do Sol».

Neste contexto, os operadores portugueses participantes nesta jornada em Espanha salientaram que, na prática, «o turismo algarvio, mais do que a quantidade, está interessado numa política virada para a valorização da qualidade da oferta do mercado interno».

Esta política passa por incrementar a procura externa qualificada sensibilizando «o turista com poder de compra» junto de segmentos de mercado de regiões como Sevilha, Granada, Madrid, Barcelona, Oviedo e Corunha.

Nas suas declarações, o director do «CTP» em Madrid salientou também que a inexistência de uma ponte sobre o Guadiana constitui igualmente um forte obstáculo à entrada por terra de mais pessoas, incluindo estrangeiros que visitam Espanha.

«Se a ponte do Guadiana, em fase de iníciode construção, estiver concluída por ocasião das comemorações da Exposição Universal de Sevilha, em 1992, o Algarve poderá beneficiar significativamente dos visitantes que ali se deslocarem» — sublinhou Mendes de Almeida.

Agricultores de Soure apreensivos

Está perdido metade do arroz da região do Baixo Mondego

Metade da produção de arroz do Baixo Mondego está praticamente perdida, em consequência da chuva que tem caído na região. Chuva em demasia não ajuda à recolha do cereal. Por isso, os agricultores do concelho de Soure, sobretudo os que cultivam os vales dos rios Arunca e Pranto, estão bastante apreensivos quanto ao seu futuro. O presidente do município diz que os orizicultores da região enfrentam uma situação de quase calamidade.

Firmino Ramalho calcula que metade da normal produção orizícola esteja perdida e que os prejuízos, a partilhar por alguns milhares de lavradores, atinjam mais de 350 mil contos.

Muitos destes homens da lavoura irão, segundo o autarca, enfrentar situação económica difícil, «dada a limitação dos «plafonds» de crédito que impede a renovação de empréstimos com vencimentos fixos».

Nos cerca de mil e quinhentos hectares que, no concelho de Soure, estão afectados ao arroz, são enormes as áreas semeadas de arroz e alagadas pelas águas dos rios Pranto e Arunca, que – por muito assoreados – as não escoam. As máquinas não podem manobrar nesses terrenos, onde alguma ceifa vai sendo feita em condições sobre-humanas por mulheres que ganham 1500 escudos por dia.

Marcílio Santos, agricultor de Pedrógão do Pranto, que cultiva um hectare de arroz, disse à Lusa que, nesse espaço, onde habitualmente recolhe cerca de sete mil quilos, não vai nesta safra obter «nem coisa que se pareça».

Após o fim da regra dos 20 por cento e a intervenção de Cavaco

MERCADO OFICIAL DE ACÇÕES EM BAIXA

A Bolsa de Valores de Lisboa encerrou ontem em baixa, no que respeita ao mercado oficial de acções, e com tendências mistas nos restantes mercados. Foram transaccionados, ao todo, 244.277 títulos no valor de cerca de 2,6 milhões de contos, números que correspondem a aproximadamente metade dos valores record registados na terça-feira.

Recorde-se que nessa sessão record, que durou mais de 12 horas, mudaram de mão mais de 500 mil títulos num valor total superior a 5,4 milhões de contos, o que foi visto como uma consequência imediata do abandono da regra dos 20 por cento - que impedia a realização de transacções sempre que as ordens de venda não cobrissem pelo menos um quinto das de compra, ou vice-versa. Em consequência do abandono desta regra, os corretores defrontaram-se com a necessidade de proceder a demorados rateios e a um maior número de transacções.

No entanto, também na sessão de terça-feira, tinham sido registadas 37 descidas no mercado oficial de acções, e, na globalidade do mercado bolsista, haviam ocorrido 48 por cento de subidas e 41 por cento de descidas, equilíbrio relativo que prosseguiu a tendência de dias anteriores de algum abrandamento dos preços.

Na sessão de ontem do mercado oficial de acções desceram 36 dos 88 papéis cotados, sendo que apenas duas dessas descidas não atingiram a variação diária máxima admitida. No mesmo mercado, registaram-se ontem 29 subidas (24 com a variação máxima) enquanto 13 títulos mantiveram a sua cotação e outros dez não se transaccionaram. Os mercados de títulos de participação, de cautelas de acções e não oficial de acções, denotaram ontem tendências mistas de subidas e descidas.

Agravamento das descidas lá para Dezembro

Esta evolução pode ser interpretada quer como uma adaptação progressiva do mercado às novas condições de funcionamento, quer como uma reacção às declarações televisivas do primeiro-ministro expressando preocupação perante alguma sobrevalorização e especulação excessiva no mercado bolsista. Pode ainda ser vista como uma acção dos investidores no sentido de adquirirem liquidez que lhes permita participar na maré de OPV's que se aproxima.

Outra explicação possível é o facto de o abandano da regra dos 20 por cento privar certos investidores de um dos seus principais instrumentos de actuação, dificultando a aposta na especulação.

Entretanto, observadores anunciam para o final do ano um acentuar das descidas das cotações, em resposta à necessidade de muitas empresas se desfazerem de grande parte das suas imobilizações (?) financeiras antes da elaboração dos balanços que, nalguns casos, poderiam apresentar uma saúde financeira bastante duvidosa devido ao excessivo peso das suas carteiras de títulos.

Silêncio ou mando evacuar a sala !

Ainda em consequência do prolongamento da sessão de terça-feira por mais seis horas do que o normal, a jornada de ontem apenas se iniciou às duas da tarde, tendo por isso terminado perto das 21h 30m. Por outro lado, as novas regras de funcionamento do mercado continuam a atrair à Bolsa de Lisboa assistência em número bastante superior ao de anteriores sessões. O público voltou ontem a encher por completo o espaço que lhe está reservado e o seu entusiasmo levou mesmo o secretário geral da Bolsa, Rui Ambrósio, a ameaçar suspender a sessão se não fosse possível restabelecer o silêncio na sala.

Com o objectivo de regularizar as condições de funcionamento da Bolsa de Lisboa, a respectiva comissão directiva decidiu que as sessões de hoje e amanhã decorrerão apenas da parte da tarde, a partir das 14 horas - tal como, aliás, já aconteceu ontem. Os corretores têm assim até terça-feira para normalizar as suas situações, resolvendo os problemas respeitantes à recepção e organização das ordens de compra e venda.

Álvaro Dâmaso empossado amanhã

Entretanto, Álvaro Dâmaso, antigo secretário regional das finanças do Governo regional dos Açores, será amanhã empossado como novo presidente da comissão directiva da Bolsa de Valores de Lisboa. Álvaro Dâmaso, deputado do PSD, substituirá Carlos Rosa que foi convidado, e aceitou, exercer «altas funcões na função pública» no âmbito do ministério das Finanças do qual é quadro superior, disse à Lusa uma fonte oficial.

A posse será dada pelo ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, que aproveitará para fazer uma «importante intervenção sobre o mercado de capitais», disse a mesma fonte. A posse do auditor geral do mercado de títulos, nova figura criada pelo actual Governo, decorrerá dois ou três dias depois. Para este lugar o Governo escolheu o actual presidente do Banco Borges e Irmão, Pires de Matos.

Militares querem ganhar mais

A alteração dos vencimentos das Forças Armadas poderá contemplar aumentos significativamente superiores aos da Função Pública, acabando, de facto, a equiparação com as categorias da administração civil que tem sido regra desde 1981, soube o «DL» junto de fontes militares.

De acordo com as nossas fontes, as propostas de alteração das tabelas de vencimento foram já entregues ao Ministério da Defesa e tenderiam para aumentos substanciais que, nalguns casos, iriam até trinta contos.

No sentido de preparar a opinião pública para aumentos desta importância, estaria mesmo a ser desencadeada uma campanha que, segundo as nossas fontes, incluiu a publicação num diário de grande expansão de um artigo, onde se salientava a diferença entre as tarefas desempenhadas por civis e militares, vencendo ambos o mesmo ordenado.

A publicação deste texto, que se destinava a justificar aumentos mais elevados para os militares, foi aguardada, segundo sabemos, com alguma ansiedade nos meios castrenses.

Abordado sobre esta questão pelo «DL», um porta-voz do Estado Maior General das Forças Armadas remeteu qualquer esclarecimento para o Ministério respectivo, adiantando que todas as propostas já haviam sido feitas há muito tempo, sem indicar, contudo, se iriam no sentido apurado pelo «DL».

O assessór de imprensa do Ministério da Defesa pouco nos adiantou sobre o assunto, não desmentindo todavia que a proposta de novas tabelas em discussão aponte no sentido acima referido. «É natural que haja propostas e que se queira ganhar mais, mas a questão é prematura dado que nem se quer foram aprovados os aumentos da Função Pública e tudo ainda está em discussão», disse-nos a mesma fonte. O porta-voz acrescentou que, de facto, os aumentos têm coincidido com os civis, e que a alteração dessa situação é um assunto que se arrasta há muito tempo.

Inflação nos últimos 12 meses foi de 9,7%

A taxa de inflação registada nos últimos doze meses — Setembro de 1987/ Setembro de 1986 —, sem habitação, foi de 9.7 por cento, anunciou ontem o Instituto Nacional de Estatística.

Em Agosto, a taxa de crescimento anual da inflação desceu pela primeira vez, nos últimos 15 anos, abaixo da barreira dos 10 por cento.

A taxa de variação dos preços, em Setembro, aumentou 0,3% comparada com o mês anterior.

Falta luz verde do Conselho de Ministros

Comissão da CEE aprovou apoios à indústria portuguesa

A Comissão Europeia aprovou ontem um pacote financeiro de cerca de dois mil milhões de ECU's (320 milhões de contos) destinado a um programa de modernização da indústria portuguesa nos próximos cinco anos.

A decisão foi tomada na reunião semanal da instituição, que excepcionalmente se realiza em Estrasburgo, França, e só parcialmente é que corresponde às expectativas do Governo português.

Do total concedido pela CEE para o quinquénio 1988-1992, 50 por cento será coberto pelos diferentes fundos estruturais da comunidade (regional, social e outros), coisa que o Governo de Lisboa pretendia evitar, dependendo a criação de mecanismos de financiamento directos, do tipo dos aprovados para o Plano de Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa.

A restante metade poderá ser mobilizada sob a forma de empréstimos, em condições mais favoráveis, junto do Banco Europeu de Investimentos (BEI) e do Novo Instrumento Comunitário (NIC).

O NIC é gerido conjuntamente pela Comissão e pelo BEI e destina-se a apoiar as pequenas e médias empresas industriais.

Para o próximo ano, será mobilizado um total de 400 milhões de ECU's, destinado ao lançamento dos programas operacionais, aprovou a Comissão.

Daquele montante, 200 milhões de ECU's serão financiamentos comunitários a fundo perdido cobertos pelos fundos estruturais. A outra metade corresponde a participação portuguesa nos projectos.

No primeiro ano do programa, a Comissão assegura a concessão de mais de 60 milhões de ECU's que o «mínimo garantido» a Portugal no âmbito do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER).

«Para melhor salientar a prioridade que concede ao desafio da modernização industrial de Portugal, a Comissão Europeia permitirá que os projectos portugueses beneficiem em 1988 de um aumento de 60 milhões de ECU's em relação ao 'mínimo garantido' a Portugal no quadro do Fundo Regional», justifica o órgão executivo da Comunidade.

De acordo com um porta-voz da instituição, o programa aprovado «é uma antecipação a favor de Portugal no quadro da reforma dos fundos estruturais» proposta pela Comissão.

O programa terá quatro vectores prioritários: modernização de infra-estruturas de base, rforço da base da formação profissional, financiamento de investimentos produtivos e acções de aumento da produtividade.

No âmbito das infaestruturas, a Comissão salienta, como exemplo, a aceleração dos trabalhos da auto-estrada Setúbal-Braga e respectivos acessos.

A conclusão da obra prevista para 1995 e, de acordo com a Comissão, poderá ser terminada três anos antes, no quadro do programa aprovado.

A indústria portuguesa — salienta a Comissão está confrontada com um duplo desafio: deve modrnizar as estruturas numa altura em que os seus parceiros da Comunidade se adaptam de forma rápida à nova tecnologia mundial.

De acordo com fontes portuguesas, o programa aprovado pela comissão «mantêm o princípio das adicioalidades financeiras defendido pr Portugal».

Trata-se de um bom passo no sentido da satisfação das pretensões portuguesas», comentaram as fontes, sem mais pormenores, que remeteram para uma análise mais detalhada sobre o assunto a fazer aquando da apresentação do programa.

O pedido de um Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portugesa (PEDIP) foi apresentado à Comunidade Europeia pelo anterior ministro da Indústria, Santos Martins, e nunca foi aceite pela Comunidade enquanto plano específico.

Na altura, a Comissão propôs como alternativa um Programa Naciona de Interesse Comunitário (PNIC) previsto no quadro do FEDER, nunca colocando, no entanto, em causa a validade de um prograa de apoio àindústria portuguesa.

Nos finais de Junho deste ano, o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, garantiu, ao Primeiro-ministro português, Cavaco Silva, o seu empenho pessoal na obtenção de um programa de apoio à indústria de Portugal sem se comprometer em relação à sua caracterização jurídica.

A decisão sobre o assunto, prevista para a reunião semanal da Comissão da última quar-ta-feira, foi adiada para ontem devido problemas quanto ao financiamento dos adicionais financeiros, consagrando-se finalmente a solução de financiamento através dos fundos estruturais.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA (Por Unidade)	VENDA (Por Unidade)
ÁFRICA DO SUL (rand)	54$55	60$55
ALEMANHA FED. (marco)	78$20	79$40
ÁUSTRIA (xelim)	11$10	11$30
BÉLGICA (franco)	3$563	3$813
BRASIL (cruzado)	1$350	2$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	108$45	110$95
(notas de 5 a 1000)	108$95	111$45
DINAMARCA (coroa)	20$40	20$80
ESPANHA (peseta)	1$149	1$269
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141$75	145$25
(notas de 5 a 1000)	142$25	145$75
FINLÂNDIA (marka)	32$50	33$10
FRANÇA (franco)	23$45	24$15
HOLANDA (florim)	69$50	70$60
IRLANDA (libra)	211$10	215$10
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	$952	1$007
NORUEGA (coroa)	21$40	21$90
REINO UNIDO (libra)	235$35	239$85
SUÉCIA (coroa)	22$25	22$75
SUÍÇA (franco)	94$30	95$80
VENEZUELA (bolívar)	3$412	4$412

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Soldados israelitas encostam à parede jovens palestinianos do campo de refugiados de Anata, depois de terem sido detidos

Um homem armado, que procurava a sua antiga namorada, entrou numa fábrica da cidade britânica de Bristol e abriu fogo indiscriminadamente causando a morte de duas pessoas, disse a Polícia. Mais tarde foram encontrados em sua casa os corpos de duas mulheres que se crê serem da mãe e da irmã. O gás da casa estava aberto e, dado o perigo iminente de explosão, a Polícia mandou evacuar a área. O indivíduo, identificado como Kevin Weaver, de 24 anos, entrou na sala de computadores da fábrica Alexandra Workear em Patchway, um subúrvio de cidade de Bristol, 176 quilómetros a Oeste de Londres, e exigiu que a sua antiga namorada o acompanhasse, relataram testemunhas. Face à sua recusa o homem abriu fogo com uma espingarda e atingiu mortalmente dois empregados. Um deles morreu a caminho do hospital.

Membros da políca espanhola junto a um do norte-americano em Barcelona, que foi atingido pela O atentado, que fez oito feridos ligeiros, foi reivin independentistas da Catalunha

Arias defende negociações com os "contras"

O presidente da Costa Rica, Oscar Arias, que foi distinguido com o Prémio Nobel da Paz, disse numa entrevista hoje publicada em Nova Iorque que o governo da Nicarágua tem de negociar directamente com os «contras» e estabelecer um acoprdo de paz. « Agora mais do que nunca vou insistir em que é indispensável um cessar–fogo negociado na Nicarágua se quisermos alcançar a paz na América Central», disse Arias ao «New York Times». O presidente da Costa Rica obteve este ano o Prémio Nobel da Paz por ter sido o autor e promotor do um plano de paz regional assinado em Agosto pelos cinco presidentes centro–americanos. O plano de paz apela para negociações entre os governos da América Cemtral e os dirigentes dos movimentos de guerrilha. Mas Managua recusou negociar directamente com os «contras», apoiados pelso Estados Unidos. Em contrpartida, os sandinistas afirmaram–se dispostos a manter conversações com a administração norte–americana. O «Newu York Times» cita Arias como tendo dito que, se o governo de Daniel Ortega não chegar a acordo com os rebeldes, o plano de paz poderá fracassar.

Desarmamento: Londres quer mais "glasnost"

A Grã–Bretanha instou quarta–feira o bloco soviético a ser mais aberto quanto ao seu poderio militar, como condição essencial para que se verifiquem conversações sérias de desarmamento. Timothy Eggar, delegado britânico na principal comissão política da Assembleia Geral da ONU, disse que a concentração de forças convencionais na Europa era superior à verificada em qualquer outra região e que ambos os lados deveriam partilhar uma base de referência comum. Os aliados ocidentais foram bastante elucidativos acerca dos seus posicionamentos e recursos militares, comentou Eggar, acrescentando que os países do Pacto de Varsóvia tinham fracassado em fronecer informação correspondente. «Maior abertura e troca de infomação em questões militares, maior «glasnost» é um pré–requesito essencial para verdadeiras negociações», declarou Eggar, apoiando–se na expressão russa que significa abertura e se tornou no símbolo das reformas políticas empreendidas na URSS por Gorbachev.

PC francês expulsa candidato presidencial

Pierre Juquin foi ontem expulso do Partido Comunista Francês, dois dias após ter anunniado a sua candiadtura às próximas eleições presidencias, quando já existia um candidato oficial comunista- André Lajoinie. Com a expulsão de Juquin, o PCF, muito debilitado nos últimos anos, parece encaminhar–se para uma nova crise. Antigo porta–voz do partido, Juquin, 57 anos, abandonou o Comité Central em Junho por discordar da política seguida pelo PCF, mas manteve–se no partido como militante. Fontes políticas afirmam que a exclusão de Juquin poderá precipitar um série revés no seio do PC farncês e dividir a esquerda através da criação de uma alternativa aos comunistas e socialista. Na segunda–feira, liderando um movimento dissidente reformista. Juquin anunciou formalmente a intenção de se candidatar às presidenciais do próximo ano.

Na sequência do acidente nuclear de Goiânia

CONTAMINAÇÃO AMEAÇA PAÍSES VIZINHOS DO

O Uruguai, Paraguai e Argentina, que têm extensas fronteiras com o Brasil, podem sofrer os efeitos do acidente nuclear verificado em Goiânia pela fuga do pó radioactivo «Césio 137», caso a contaminação atinja as bacias do rio da Prata e do Amazonas. Peritos brasileirros afirmaram, entretanto, que a radioactividade não será eliminada da cidade de Goiânia durante os próximos 50 anos.

Alípio Dias Neto, professor do Centro de Medicina Nuclear da Universidade de São Paulo, afirmou ontem que se os especialistas da Organização Internacional de Energia Atómica (OIEA) e do Brasil não adoptarem medidas drásticas de isolamento dos focos de radioactividade, a contaminação poderá propagar–se a outras zonas, a milhares de quilómetros de distância.

Dias Neto sublinhou que as chuvas torrenciais que caíram sobre Goiânia nas últimas semanas arrastaram a radioactividade dos focos de contaminação para os afluentes e rios que passam por esta cidade, capital do Estado de Goiás.

O cientista acrescentou que muitos destes rios desembocam em grandes correntes fluviais com as do rio Paraná, qure formam um sistema com afluentes da bacia do rio da Prata. A radioactividade do «Césio 137» pode desembocar igualmente noutras correntes que comunicam com a bacia do Amazonas, através da qual chegaria aos países do Caribe e, cinclusivamente, à zona sul dos Estados Unidos, prosseguiu Dias Neto.

A radioactiviade já afectou outras cidades brasileiras, como São Paulo, onde a comissão investigadora detectou seis focos de radiação em carregamentos de papel vendidos por uma fábrica de Goiânia

Peritos brasileios afirmaram,. entretanto, que a radioactividade não será eliminadada da cidade de Goiânia nos próximos 50 anos, durante os quais se receia a detecção de mais casos de cancro e de leucemia e o nascimento de crianças com deformações.

Até ao momento, 26.000 pessoas foram sujeitas a rastreio por organismos especializados, 68 estão internadas e 10 delas apresentam altos indices de radioactividae, tendo poucas possibilidades de sobreviver.

O acidente nuclear brasileiro- registado a 12 de Outubro quando foi retirado de um edifício em ruinas um equipamento de radioterapia que dispunha de uma cápsula de

Dose de barbitúricos terá sido a causa da morte de Barschel

Uma dose de barbitúricos e tranquilizantes, detectada no estômago do alemão–federal, Uwe Barschel, cujo cadáver foi encontrado, vestido, na banheirra de um quarto de hotel em Genebra, terá sido a causa da morte deste político, segundo revelou ontem a polícia de genebra. Barschel foi o primeiro–minsiutro do Estado de Schleswig -Holstein até ao mês passado, altura em que foi obrigado a demitir–se devido a um escândalo político sem precedentes na história da RFA.

O porta–voz da polícia, Marcel Vaudroz, declarou, em conferência de imprensa, que o «relatório médico afirma terem sido encontrados cinco medicamentos diferentes no estômago de Barschel, todos eles pertencendo à classe dos tranquilizantes e barbitúricos».

Contudo, a análise química relativa à quantidade dos produtos ingeridos não está ainda completa o que impede a polícia de, por enquanto, determinar se foi ou não suicídio.

A tese de suicídio foi a primeira a ser apontada quando, no domingo, o corpo de Barschel foi encontrado por dois jornalistas da revista alemã–federal «Stern». Os resultados preliminares da autópsia levantaram depois a hipótese de um ataque cardíaco, enquanto a família de Barschel continua a afirmar que o políto democrata–cristão foi assassinado.

Ontem, a inpensa suiça levantava mais dúvidas sobre a morte de Barschel. O diário «La Suisse», citando fontes bem informadas, diz que Barschel foi visto pela recepcionista do hotel «Beau Rivage», onde foi encontrado morto, com uma toalha molhada em redor do pulso.

Segundo as mesmas fontes, o político alemão–federal pediu ao serviço de quartos do hotel, na noite de sábado, uma garrafa de vinho «Beaujoloais», que lhe foi servida no quarto, mas o empregado que a serviu não encontrou a garrafa no dia seguinte.

O jornal refere, por outro lado, que os dois jornalistas da «Stern» que encontraram o cadáver estiveram muito tempo no quarto de Barschel. Os jornalistas negaram que tivessem feito fotografias do cadáver, mas a «Stern» já anunciou que publica na sua edição de hoje un número especial com fotos do corpo do político.

Uwe Barschel demitiu–se a 25 de Setembro do cargo de primeiro–ministro do Estado de Schleswig–Holstein na sequência de um escândalo que custou ao CDU de Helmut Kohl a maioria absoluta que ali detinha desde há 37 anos. Barschel era acusado de ter mandado espiar o seu rival social–democrata à chefia do Estado e de ter orquestrado uma campanha de difamação contra Engholm. Barschel negou estas acusações e supôe–se que tnha ido a Genebra para se encontrar com alguém que lhe prometera provas que poderiam confirmar a sua inocência.

China proíbe a entrada de estr no Tibete

O governo chinês suspendeu o geios no Tibete com excepção grados em grupos turisticos com cisão ligada por observadores ac região.

A decisão foi anunciada pelo dos Negócios Estrangeiros, Li Ji do é que o governo reabriria a laias, até há pouco promovida c

A transprotadora aéra estatal s lhetes aos estrangeiros que pre bete individualmente.

A polícia, em Lhasa, capital teis que os hóspedes estrangei mente devem abandonar a regiã

Esta nova decisão do gover rentemente, que não será perm grupos e que depois dos grupos a região a área será encerrada a

Os Estados Unidos an apoiam as propostas do Dalai lítico dos budistas tibetanos, independente por considerare tence à China.

a um dos sectores do consulado ido pela explosão de uma bomba. i reivindicado por dois grupos

DO BRASIL

110 gramas de «Césio 137»- foi considerado pela Organização Internacional de Energia Atómica e a Organização Mundial de Saúde como um dos mais graves da história, apenas superado pelo de Chernobyl.

O presidente brasileiro José Sarney, deslocou-se ao local onde se verificou a fuga radioactiva. Envergando um fato especial, Sarney avistou-se com os doentes contaminados e prometeu a ajuda necessária para indemnizar as famílias afectadas pelo acidente. O presidente brasileiro apresentou, entretanto, um projecto de lei ao Congresso, segundo o qual cada Estado será responsável pelos seus detritos nucleares.

estrangeiros

endeu ontem a entrada de estrancepção para os que estejam intecos com viagem já reservada, delores aos recentes protestos mna

da pelo porta-voz do Ministério s, Li Jinhua, que não disse quanriria a remota região dos Himaovida como destino turistico.

estatal suspendeu já a venda de biue pretendam deslocar-se ao Ti-

capital do Tibete, avisou os horrangeiros registados individuala região.

governo significa também, apaá permitida a formação de novos grupos já com reservas visitarem rada a estrangeiros.

anunciaram, entretanto, que não Dalai Lama, lider espiritual e poanos, para a criação de um Tibete derarem que aquele território per-

Cimeira da Commonwealth

Sanções a Pretória dividem Grã-Bretanha das suas ex-colónias

Uma comissão de alto nível, ontem criada, procura ultrapassar divergências existentes na Cimeira da Commonwealth, em Vancouver, quanto à sanções a aplicar à África do Sul. A divisão entre a Grã-Bretanha e as suas ex-colónias quanto à abordagem da situação na África Austral deverá, segundo observadores em Vancouver, ser acirrada quando à questão do endividamento externo dos países em desenvolvimento for tratada. Aliás o tema África do Sul, segundo os mesmos observadores, não deixará de ser tratado até ao final da cimeira, previsto para o dia 17.

A comissão de alto nível é presidida pelo ministro canadiano dos Negócios Estrangeiros, Joe Clark e inclui os ministros dos Negócios Estrangeiros da Austrália, Grã-Bretanha, Guiana, Nigéria, Índia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe, tendo recebido o mandato para estudar os efeitos das sanções já aplicadas a Pretória e verificar a hipótese de implementar medidas de apoio aos países vizinhos da África do Sul.

A ideia expendida pela comissão no sentido de encorajar o diálogo entre Pretória e as organizações anti-apartheid não foi bem recebida pelos Primeiros-Ministros da Grã-Bretanha e da Índia, respectivamente Maragaret Thatcher e Rajiv Gandhi, que consideraram inútil um novo diálogo com o Governo sul-africano.

Para Gandhi, «a única maneira de destruir o apartheid sem um terrível banho se sangue é a imposição de sanções».

Pelo seu lado, Thatcher exortou a comunidade britânica a aumentar a assistência financeira aos países da Africa Austral cujas estradas e vias férreas estão a ser destruídas por uma agressão sul-africana intensificada.

O Canadá propôs que a comunidade britânica «adopte» um porto e um caminho de ferro em Moçambique, ideia a que a Grã-Bretanha reagiu com frieza, alegando que já está envolvida na reabilitação das vias de transporte daquele país africano.

Moçambique, que assiste à cimeira das antigas colónias e domínios da Grã-Bretanha como observador, é, para muitos dos seus vizinhos da Commonwealth, a única alternativa à África do Sul para as exportações e importações.

A agenda da cimeira para hoje inclui debates sobre a dívida externa dos países mais pobres.

Pretória rejeita acusações

O Presidente sul-africano, Pieter Botha, pediu aos dirigentes da comunidade britânica que deixem a África do Sul reformar a sua política racial e tentem antes melhorar a sorte dos Estados negros vizinhos.

Botha discursava no congresso provincial do Natal do seu Partido Nacional, em Amanzimtoti, onde apareceu inesperadamente.

«Sugiro que se concentrem nas questões e nos métodos para restabelecer a boa ordem, desenvolvimento e prosperidade nos Estados da África Austral e nos deixem resolver os nossos próprios problemas», sublinhou Botha.

Anteriormente, um comentário difundido pela emissora oficial sul-africana, que geralmente reflecte as posições de Pretória, rejeitou as críticas que lhe foram dirigidas no primeiro dia de trabalhos da cimeira de Vancouver, ridicularizando a política de direitos humanos vigente na Grã-Bretanha e em algumas ex-colónias britânicas.

Despedimentos

A maior companhia mineira da África do Sul, a Anglo Americano Corporation, anunciou que despediu 4.000 trabalhadores negros, depois de uma greve de um mês numa das suas fábricas de aço.

O conglomerado siderúrgico e mineiro disse que os operários foram despedidos da subsidiária Highweld Steel and Vanadium, em Joanesburgo Oriental, depois de terem rejeitado uma oferta de aumentos salariais e recusado dar uma data para o termo da greve. A empresa anunciou ter iniciado em seguida um novo processo de admissão de operários.

Familiares das crianças mortas no rebentamento do míssil iraniano numa escola iraquiana manifestam-se os tentando cartazes dos jovens falecidos.

Golfo

Liga Árabe condena ataque iraniano a Bagdad

A morte de dezenas de crianças em Bagdad, causada por um míssil iraniano, constitui uma «violação flagrante dos preceitos do Islão e dos princípios humanos mais elementares», afirmou o secretário-geral da Liga Árabe, Chedli Klibi.

Num comunicado publicado em Tunis, Klibi sublinha que essa agressão é um testemunho mais das «intenções hostis do regime de Teerão contra Bagdad, ignorando todos os valores a respeitar tanto em tempo de guerra como em tempo de paz».

Esta agressão contra o povo iraquiano - conclui o comunicado - deve incitar a comunidade internacional em geral, e os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU em particular, a intensificar os esforços para a adopção de medidas de dissuasão que ponham fim à guerra.

Esta madrugada, um míssil iraniano atingiu um superpetroleiro pertencente aos EUA, mas de bandeira liberiana, provocando um incêndio a bordo, segundo fontes ligadas à navegação no Golfo.

Por outro lado, e de acordo com as mesmas fontes, também se registou um ataque iraquiano contra um petroleiro igualmentede bandeira liberiana, o «Pegasus 1», utilizado pelo Irão para transportar petróleo em águas do Golfo.

Combates prosseguem no Sri Lanka

Militantes tamil lançaram granadas e morteiros contra soldados indianos em combates casa-a-casa travados ontem na cidade de Jafna, revelou uma fonte militar do Sri Lanka.

Segundo a mesma fonte, 77 indianos e mais de 500 civis e rebeldes tamil morreram no decurso de cinco dias de combates.

Por outro lado, fontes indianas referem que 57 dos seus soldados morreram e 215 ficaram feridos nos referidos combates, enquanto os meios de comunicação social estatizados do Sri Lanka afirmam que 240 guerrilheiros morreram e cerca de 400 ficaram feridos.

Numa altura em que os combates se intensificam, Nova Deli rejeitou conversações com o principal grupo separatista, os Tigres de Libertação do Eelam Tamil, alegando o desrespeito deste pelo cessar-fogo que entrou em vigor após a assinatura de um acordo de paz entre a Índia e o Sri Lanka, no passado dia 29 de Julho.

Desde o início dos combates pela independência da nação tamil, morreram pelo menos 6.000 pessoas no Sri Lanka.

24 HORAS

Avião da Cruz Vermelha cai em Angola

A queda de um avião da Cruz Vermelha no centro de Angola causou a morte das seis pessoas que seguiam a bordo do aparelho - disse à agência Lusa uma fonte da Comissão Internacional da Cruz Vermelha (CICV). Uma equipa de socorros encontra-se no local e prevê-se que ainda hoje se inicie um inquérito por peritos suíços e angolanos para determinar as causas da queda do aparelho. O avião, um «Hércules» fretado a uma companhia de Basileia para o transporte de socorros e alimentos para as populações do planalto de Angola, despenhou-se a 40 quilómetros de Cuito, na província de Bié, de onde tinha descolado. A bordo seguiam uma delegada da CICV, a Suíça Catherine Chappuis, um angolano, Nuno Ferreira, e quatro tripulantyes, dois irlandeses, um britânico e um neo-zelandês.

Mau tempo na Galiza

Os Serviços de Protecção Civil da Galiza lançaram hoje um alerta a toda a população por causa do forte temporal que afecta a região, com ventos de mais de 120 quilómetros, informaram fontes oficiais. A população foi avisada no sentido de evitar circular pelas estradas e adoptar outras precauções. A maior parte dos barcos de pesca encontram-se amarrados nos portos, mas há já a registar um pescador de Pontevedra desaparecido por ter saído para a pesca apesar do temporal. As comunicações estão cortadas entre Vigo e La Corunha e, noutras zonas, estão interrompidas as comunicações telefónicas e o fornecimento de energia eléctrica.

Inundações na Venezuela

Pelo menos 20 pessoas morreram na região Ocidental da Venezuela e outras ficaram desalojadas, quando um rio transbordou do leito, em consequência de chuvas torrenciais, destruindo casas situadas nas margens, informaram bombeiros e funcionários locais. Acrescentaram que a tragédia verificou-se nas pequenas cidades de San Pedro e Santa Apolónia nas margens do rio San Pedro, cordilheira dos Andes. Em Setembro centenas de pessoas morreram na cidade venezuelana de Maracay quando um rio transbordou das margens, dando origem a inundações e desabamentos de terras.

Explosão faz 43 feridos

Uma presumível explosão de gás propano num popular restaurante de Chinatown, em São Francisco, feriu 43 pessoas, causando avultados prejuízos materiais, revelaram fontes policiais norte-americanas. A maior parte das vítimas sofreram queimaduras faciais e intoxicações por inalação do fumo, disse o chefe da equipa médica que assistiu aos sinistrados. A explosão provocou uma violenta chuva de vidros partidos e de estilhaços de outros materiais, envolvendo o restaurante em chamas.

Polícias ocupam bancos

Forças policiais peruanas ocuparam dois bancos e uma sociedade financeira cujos proprietários resistiam à intervenção governamental prevista pela lei da nacionalização que entrou em vigor na segunda-feira. A Polícia ocupou as sedes do Banco de Crédito, da Financeira de Crédito e do banco Miese, situadas no centro de Lima. Os polícias foram recebidos com assobios e com os empregados e directores dos bancos a cantar o hino nacional, os quais permaneciam nos seus postos de trabalho, apesar do Governo ter suspenso por 48 horas as suas actividades.

Terrorista em tribunal

O sírio Hassan El-Ali, presumível membro do grupo Al-Fatah Abu Musa, é hoje julgado em Madrid sob a acusação de ser o autor de um atentado contra a companhia aérea israelita El Al, disseram fontes judiciais. O atentado, em que ficaram feridas 12 pessoas, ocorreu no aeroporto da capital espanhola em 26 de Junho de 1986. O Ministério Público pede para Hassan várias penas, num total de 190 anos de prisão, sob a acusação de pertencer a um grupo armado, de praticar actos de terrorismo e de se envolver em tentativas de homicídio, incluindo fabrico e posse de explosivos.

Nigéria desmente Renamo

O embaixador da Nigéria em Maputo, Sundey Ogundele, afirmou que o seu país não presta qualquer tipo de auxílio militar a Moçambique, apesar de apoiar este país na busca da paz para a região. Ogundele, em declarações à Lusa, disse que o comunicado da Renamo, divulgado em Lisboa, em que é referida a descoberta de provas de envolvimento nigeriano em Moçambique, não tem qualquer fundamento, pois o seu auxílio não é extensível a esta área.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LOURES
ANÚNCIO

CARTA PRECATÓRIA N.º 334 – 1.ª Secção – 1.º Juízo

No próximo dia 29 de Outubro, pelas 10 horas no Tribunal Judicial da Comarca de Loures, nos autos de Carta precatória vindos do 5.º Juízo Cível – 2.ª Secção e extraída do processo n.º 6733/B em que é Exequente COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO E.P. e Executado JOSÉ FRANCISCO COELHO VARELA, residente na Rua do Cimo da Vila, n.º 22 em Unhos, hão-de ser postos em praça para se arrematarem ao maior lanço oferecido acima do valor indicado, os seguintes bens móveis: uma mobília de sala de jantar composta por mesa desdobrável, oito cadeiras com fundo empalhado, cristaleira com gavetas e quatro armários em baixo e outros quatro em cima, de estilo D. Maria, em bom estado de conservação, um frigorífico tipo arca congeladora vertical, marca Philips, com seis gavetas em médio estado de conservação, um móvel de sala de estar, com cinco elementos de linhas direitas, de cor castanha, com uma cristaleira bar e três gavetas, roupeiro e cama, em médio estado de conservação, um jogo de sofás em veludo de cor castanha composto por sofá cama e dois maples, em mau estado de conservação, um radiador a óleo marca Ibiza, com dez elementos, uma mesa de centro de estrutura metálica cromada de tampo de vidro de 10 mm de espessura, em médio estado de conservação, um aparelho de televisão, a preto e branco, marca Philips com ecrã de 51 cm, bastante usado, um guarda fato de cor preta, estilo antigo, com três portas, em regular estado de conservação, para garantia de pagamento da quantia exequenda de Esc: 114 521$00, havendo ainda um crédito reclamado pelo Centro Regional de Segurança Social de Lisboa, no valor de 100 000$00

Dos bens é fiel depositária JOAQUINA MARGARIDA REBOXO VARELA, residente na Rua Cimo de Vila, n.º 22 – Unhos

Loures, 1 de Outubro de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
(Rui Hilário Mauricio)
A Escriturária,
(Maria João Real Silva)

D.L. 15/10/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO
3.º Juízo – 2.ª Secção

O DOUTOR MANUEL JOAQUIM OSÓRIO, Juiz de Direito do Terceiro Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Manda anunciar que pela segunda secção deste Juízo, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho, com processo sumário, registados sob o n.º 174/86, em que são autor António Miguel Ferreira Mota, residente na Rua D. Manuel I – Vivenda Silva – Serra da Luz, em Odivelas e «RÉ» SOTRIX-CONSTRUÇÕES E COMÉRCIO DE ALUMÍNIOS, LIMITADA», com sede em parte incerta e com última sede conhecida na Rua das Portas de Santo Antão, n.º 117 - 3.º, em Lisboa, estando nestes autos designado o dia 9 de Fevereiro do ano de 1988, pelas 9.30 horas para se proceder a audiência de discussão e julgamento, devendo o legal representante da firma Ré comparecer pessoalmente neste Tribunal sito na Av.ª Almirante Reis, n.º 130 - 4.º Dt.º, em Lisboa no dia e hora acima designados, apresentando em julgamento as suas testemunhas, nos termos do art.º 88.º do CPT.

– Lisboa e Tribunal do Trabalho, aos 6 de Outubro de 1987.

O Juiz de Direito
(Ilegível)

A Escriturária
LÍDIA PROENÇA

«DL» – 15/10/87 – 2.ª Pub.

9.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO
Proc. 2098

O Doutor Baeta de Queiroz.

Faço saber que pelo Juízo de Direito desta Comarca e terceira secção correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última puiblicação do Anúncio, citando os credores desconhecidos do executado António Matos da Costa, residente na Rua de Timor, n.º 150, S. Gemil, Águas Santas, Maia – Porto, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução de Sentença movida por Companhia de Seguros Império, E.P., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente afixado.

Lisboa, 2 de Outubro de 1987.

O Juíz,
Baeta de Queiroz

O Escrivão de Direito,
Marques da Silva

«D.L.» — 15/10/87 — 1.ª Pub.

CLÍNICA MÉDICO-DENTÁRIA REPÚBLICA

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Competência a Preços Acessíveis
Aberto aos sábados e domingos

Urgências sem marcação
Av. da República, 99-5.º-Esq.º (ao Campo Pequeno)
Telef. 760569

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORN. de 2 Fibroscópios
– Serv. de Pediatria ..... Conc. Púb. 7/87-IE
FORN. de Aparelho RX Rodado c/Intensificador de Imagem e Cadeia de TV
– Serv. de Urologia ..... Conc. Púb. 9/87-IE
FORN. de 6 Monitores Cardíacos
– Serv. de Medicina II – UCIGE ... Conc. Púb. 8/87-IE
FORN. de Mesa Operatória Radiotransparente
– Serv. de Urologia ..... Conc. Púb. 10/87-IE
FORN. de Monitor de Hemodiálise c/Purificador de água
– Serv. de Pediatria ..... Conc. Púb. 11/87-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terão lugar nos dias 4, 7 e 10 de Novembro às 10 e 11 horas no referido Serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 12 de Outubro de 1987

O Director do Serviço de Aprovisionamento
Dr. António Moço

ULISSEIA ÓPTICA, LIMITADA

A-1258
2 Ext.
c.a.
Sede: Rua Augusta n.º 188, freguesia de São Nicolau, em Lisboa.
Capital: Quatrocentos mil escudos.
Matriculada na Conservatória de Registo Comercial de Lisboa, sob o n.º 30 678, a fls. 79v.º do liv.º C-75.
DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA LÍDIA RODRIGUES MAIA DEVESA:

— /// —

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 de Setembro findo, lavrada de fls. 87 a 88v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 63-J, deste Cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe:

A) MARIA DA GRAÇA ALVES PEREIRA DA SILVA SANTOS, natural da Guiné-Bissau, casada sob o regime de comunhão geral com o outorgante da alínea B), residente em Lisboa, na Rua Jorge Barradas, 217, 7.º-A; e

B) GASPAR ANTÓNIO DOS SANTOS JÚNIOR, natural de Faro, da freguesia da Sé, casado sob o indicado regime de bens com a outorgante da alínea A) com ele residente deliberaram por unanimidade elevar o capital social de SESSENTA MIL ESCUDOS para QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, mediante a incorporação no capital social de Reservas Legais no montante trezentos e quarenta mil escudos, que ficaram distribuídas pelos dois sócios na proporção das suas quotas, correspondendo ao sócio Gaspar António dos Santos Júnior a importância de trezentos e onze mil setecentos e cinquenta escudos e à sócia Maria da Graça Alves Pereira da Silva Santos, a importância de vinte e oito mil duzentos e cinquenta escudos; e, em consequência do aumento de capital ora titulado a redacção do artigo segundo do contrato de sociedade vigente passa a ser a seguinte:

SEGUNDO

O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado, em dinheiro e nos valores do activo, constantes da escrita e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de trezentos e sessenta e seis mil setecentos e cinquenta escudos pertencente ao sócio Gaspar António dos Santos Júnior; e uma de trinta e três mil duzentos e cinquenta escudos pertencente à sócia Maria da Graça Alves Pereira da Silva Santos.

Ainda pela mesma escritura mais deliberaram por unanimidade exonerar da gerência da sociedade, a partir daquela data, a sócia MARIA DA GRAÇA ALVES PEREIRA DA SILVA SANTOS, acima identificada.

— /// —

Está conforme. Lisboa, um de Outubro de mil novecentos e oitenta e sete.

O 3.º Ajudante
Maria Antonieta Cordeiro da Silva Sucena

«DL» 15/10/1987

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
9.º JUÍZO
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da publicação do segundo anúncio citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos, contestar a acção de consignação em depósito, que em extracto é o seguinte: consignar em depósito a quantia de 291 263$00, que a Autora entende dever à ré ou na sua falta aos menores, Micael Costa dos Santos e Andreia da Costa Infante Santos como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à disposição da ré na secretaria deste Tribunal, sendo extinta a obrigação na falta de contestação e a ré condenada em custas. Acção de Consignação em Depósito n.º 2825 – 2.ª Secção. Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, com sede na Rua Garrett em Lisboa. Réu EVELINA BÁRBARA ASSUNÇÃO COSTA SANTOS, com última morada conhecida no país na Urbanização PP-9-lote 170 n.º 16-6.º Esq. Laranjeiro – Almada e actualmente ausente em parte incerta.

Lisboa, 2 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito,
a) António Manuel Pereira

Pel'O Escrivão de Direito,
a) António Lopes Martins

D.L. 15/10/87 – 1.ª Pub.

Ténis

PORTUGAL-ROMÉNIA PARA A "DAVIS"

Portugal tem «poucas hipóteses» de passar a primeira eliminatória da Taça Davis de 1988, em que vai defrontar a ROMÉNIA, provavelmente em Bucareste — comentou o «capitão» da equipa portuguesa, Santos Costa.

O ténis romeno teve o seu período de ouro na década de 70, período em que atingiu a final da competição e contou com alguns jogadores de primeiro plano a nível mundial, casos de Ilie Nastase e Ion Tiriac, actual «manager» do alemão-federal, Boris Becker. «Este ano, os romenos só foram batidos (3-2) pela Dinamarca, finalista da zona europeia, depois de terem «esmagado» a Polónia por 4-1, o que é uma prova da sua capacidade» — referiu o responsável pela equipa portuguesa.

Por seu lado, Portugal foi afastado na 2.ª eliminatória na presente edição pela Áustria (4-1), que posteriormente seria eliminada pelos dinamarqueses (3-2).

Segundo Santos Costa, os principais valores do ténis romeno da actualidade são Florin Segarcianu (número 145 no «ranking» mundial), Adrian Marcu (269) e Andrei Birzu (416), este último especialista em pares, jogadores que constituem habitualmente a equipa da Roménia.

Em relação à preparação da equipa portuguesa para o confronto com a Roménia, Santos Costa referiu que ela se baseará no trabalho individual dos jogadores nacionais mais cotados, que só se reunirão uma semana antes do encontro com os romenos.

João Cunha e Silva e Nuno Marques serão, em princípio, a base da selecção portuguesa, e «prosseguirão o seu esquema de participação em torneios internacionais», pois essa é a «melhor forma de preparação». «Quanto ao outro elemento — adiantou Santos Costa —, só mais perto da data dos jogos poderá ver-se quem está em melhores condições, embora Pedro Cordeiro, se estiver em forma, seja sempre um jogador com que tem de se contar».

Calendário

Grupo Mundial: Suécia - Nova Zelândia; Checoslováquia - Paraguai; México - Austrália; Suíça - França; RFA - Brasil; Dinamarca - Espanha; Itália - Israel: e Índia - Jugoslávia. Jogos da primeira eliminatória 5 e 7 de Fevereiro.

Zona Americana: Grupo Um — Argentina (folga); Equador - Canadá; Chile - Estados Unidos (folga). Jogos a 5 e 7 de Fevereiro.

Ásia/Oceânia: Grupo Um — Coreia (folga); Filipinas - Japão; Indonésia - Tailândia e China (folga). Jogos de 5 a 7 de Fevereiro.

Euro/África: Grupo Um — Zona «A»: Inglaterra (folga) - Finlândia — Bélgica; Nigéria — Hungria e Áustria (folga). Zona «B»: Holanda (folga); Senegal - Bulgária; Roménia PORTUGAL e União Soviética (folga). Jogos de 6 a 8 de Maio.

Zona Americana: Grupo Dois — Uruguai (folga); Cuba - Bolívia; Venezuela - Colômbia e Jamaica - Haiti. Jogos de 5 a 7 de Fevereiro.

Zona Europeia: Grupo Dois — Polónia; Luxemburgo; Grécia; Turquia; Noruega; Mónaco; Chipre e Irlanda (todos de folga). Noruega - Malta de 8 a 10 de Abril, os jogos da segunda mão de 6 a 8 de Maio.

Zona Ásia/Oceânia: Grupo Dois — Hong-Kong (folga); Iraque (folga); Singapura (folga); Síria - Arábia Saudita; Bangladesh (folga); Formosa (folga); Malásia - Sri Lanka e Paquistão (folga). Síria - Arábia Saudita; Malásia - Sri Lanka, jogos a 5 e 7 de Fevereiro. Segunda eliminatória a 8 e 10 de Abril.

Zona Africana; Grupo Dois — Zimbabwe (folga); Camarões (folga); Argélia (folga); Costa do Marfim (folga); Tunisia (folga); Marrocos (folga); Ghana - Quénia; e Egipto (folga). Ghana - Quénia, jogos a 5 e 7 de Fevereiro. Segunda eliminatória a 8 e 10 de Abril.

Modalidades

Basquetebol: Benfica em Israel

O Benfica defronta hoje, em Telavive, a equipa do Maccabi, que na passada temporada disputou a final da Taça dos Campeões Europeus com o Tracer de Milão. Este encontro, entre benfiquistas e os campeões do Israel, enquadra-se na primeira mão da eliminatória inicial da maior competição de basquetebol a nível europeu e a avaliar pela elevada craveira dos opositores benfiquistas, escassas serão as possibilidades da turma portuguesa prosseguir na competição.

Andebol: nacional feminino começa a 21 de Novembro

Dezasseis clubes (repartidos por duas zonas) iniciam em 21 de Novembro a disputa do campeonato nacional de andebol feminino.

Na fase inicial, vigorará o sistema de «poule» a duas voltas, classificando-se para a fase final os dois primeiros de cada zona. A jornada inaugural tem o seguinte calendário:

ZONA NORTE: Madelenense-Quimigal, Beira Mar-Propaganda de Natação, Académico do Porto-Estrela e Vigorosa e Atlético de Sismaria-S. Bernardo.

ZONA SUL: Passos Manuel-CDUL, Spots Madeira-Torres Novas, Encarnação-Ginásio do Sul e Associação Desportiva de Oeiras-Benfica.

Dia Nacional do Atletismo

A Federação Portuguesa de Atletismo promove no próximo dia 31 uma sessão solene (a realizar no Fórum Picoas) destinada a assinalar os 75 anos da Federação Internacional. Esta sessão servirá (também) para entrega de medalhas e diplomas a diversas personalidades e entidades que tenham contribuído para o desenvolvimento da modalidade, entre os quais se destacam: eng. Correia da Cunha (antigo presidente), Fernando Amado (a título póstumo), Rosa Mota, Fernando Mamede, Moniz Pereira, Manuel Viegas (vice-presidente federativo), Manuel Faria (antigo atleta) e Fernando Ferreira (antigo atleta e treinador). Carlos Lopes não está incluído na lista dos contemplados por já o ter sido, em Roma, por altura dos Campeonatos do Mundo.

Hóquei em patins

Portugal venceu a RFA no torneio de Montreux

Portugal venceu ontem à noite a República Federal da Alemanha por 7-0, em jogo da primeira jornada do torneio internacional de hóquei em patins de Montreux.

Ao intervalo a equipa portuguesa triunfava já por 4-0.

Nos restantes encontros da jornada, a Espanha derrotou Angola por 2-1, a Argentina venceu Moçambique por 3-1 e a Selecção de Montreux empatou 2-2 com os Estados Unidos.

Dado o maior número de golos marcados nesta primeira jornada, Portugal comanda a classificação, seguido da Argentina e da Espanha.

Mais brasileiros no nosso futebol

Enquanto jogadores vão chegando treinadores vão partindo

Os treinadores vão na lingada: os jogadores vêm aos cardumes. Depois da rescisão do Farense com Cláudio Garcia e do Portimonense ter despedido Paulo Roberto, chegou a vez do Vitória de Guimarães proceder à controversa e enigmática substituição de René Simões. Deste modo, são já três os treinadores brasileiros a ceder o seu lugar a colegas portugueses o que contrasta com os futebolistas que todos os dias vão chegando à Portela e às Pedras Rubras e, segundo os elementos de que dispomos, encontram-se nos clubes da primeira divisão 98 artistas oriundos do Brasil e possuidores de credenciais bem diferenciadas, mas em terras de Santa Cruz ainda há uns milhares que esperam o aparecimento de qualquer presidente ou mandatário dos clubes portugueses.

Oliveira-Juca: dupla que não se desfaz mesmo com o ingresso do primeiro no Vitória de Guimarães, já que ele continuará a ocupar-se das selecções de «esperanças» e dos «olímpicos»

Brasileiro na Amadora?

Aluísio (29 anos, ponta de lança) poderá ingressar no Estrela da Amadora, onde tem realizado testes sob comando de Meirim. O dianteiro brasileiro actuou ultimamente no Goiás.

Outro na Luz?

Toninho Silva (27 anos, ponta de lança, que actuou no Remo e no Santos) pode vir a integrar o «plantel» do Benfica, se for aceite a proposta de contratação apresentada pelo empresário Luís de Campos.

Três para Belém

De uma assentada, mais três futebolistas brasileiros para o Belenenses: hoje chega Baidek; amanhã teremos Sérginho; sábado virá Batista.

Oliveira perante plano ambicioso

O treinador António Oliveira considera «ambicioso» o projecto do Vitória de Guimarães e manifesta a esperança de que a sua permanência como responsável pela equipa de futebol **«seja por muitos anos». «O convite que me dirigiram é aliciante já que o Vitória de Guimarães é uma equipa de grande prestígio e com um projecto ambicioso»**, afirmou Oliveira que substitui o brasileiro René Simões. Oliveira sublinha que a sua equipa vai lutar **«todos os domingos pelos dois pontos»**, considerando que o título no campeonato da 1.ª divisão é a meta final, pois **«em futebol tudo é possível»**.

Interrogado sobre as razões da escolha de Joaquim Teixeira para seu adjunto, Oliveira respondeu que era um homem da sua confiança e **«um grande técnico»**. Joaquim Teixeira era o responsável-técnico da equipa do Mangualde.

Belenenses empata com Iraque

O Belenenses empatou com a selecção iraquiana (0-0), em jogo particular de futebol, disputado no Estádio do Restelo. A selecção do Iraque (que escolheu Portugal para efectuar o seu estágio para a qualificação para o torneio olímpico de 1988) concluiu o seu plano de trabalhos ao empatar com a equipa de Marinho Peres, num encontro onde a monotonia e a falta de emoção foi a nota dominante. O Iraque revelou-se (apesar de tudo) uma equipa mais agressiva, enquanto Paulo Jorge, Gonçalves, Mapuata e Morais foram os jogadores belenenses em destaque, criando algumas jogadas com princípio, meio e fim.

Nos encontros disputados em Portugal, o Iraque ganhou ao Barreirense e Sporting (por 3-1 e 4-1, respectivamente) e empatou frente ao Oriental (0-0). A turma árabe disputa em Dezembro/Janeiro, o torneio de qualificação para Seul, juntamente com o Kuwait, Arábia Saudita e Catar.

●

No Restelo, árbitrou Pinto Correia (acompanhado por Moisés Fereira e Moreira Miguel) e o Belenenses apresentou-se assim: Justino; Galo, Murça, Rui Gregório e Rodrigues; Paulo Jorge (Flávio), Hilário (Rony), Gonçalves (Jorge Silva) e Luís Reina; Mapuata e Morais.

Iraque: Raad Hamody; Karim Alawy (Haris Mohamed), Adnan Dirchal, Karen Alawy e Gahnim Araiby (Sameer Sahkir); Habib Jafar, Laith Hussein, Saad Kais e Ahmed Radhy; Natik Hasim (Ismail Mohomad) e Hussain Saeed.

Hoje, a equipa principal do Belenenses treina às 16 horas no seu relvado, enquanto às 15 se realiza o encontro Belenenses - Sporting, a contar para o campeonato de Reservas.

●

O Iraque estagiou em Portugal por intermédio do empresário Manuel (Mercury) Barbosa

Chaves-Honved

O alemão-federal Joseph Carly será o árbitro do encontro Chaves-Honved (de Budapeste), da 1.ª mão da 2.ª eliminatória da Taça UEFA. O jogo, que terá como palco o Estádio Municipal de Chaves, inicia-se às 15 horas da próxima 4ª feira, estando prevista a chegada da comitiva húngara ao Aeroporto de Pedras Rubras (Porto) 2ª feira às 15.20.

Entretanto, para melhor conhecimento sobre a equipa portuguesa, chega a Lisboa (no sábado) o técnico principal do Honved, (Bagi Estvan) para assistir ao encontro que o Chaves nesse dia vai efectuar no Estádio do Restelo, com o Belenenses, da 8ª jornada do campeonato nacional. Por sua vez, Raul Águas segue amanhã para a capital da Hungria: vai assistir ao jogo que o Honved irá realizar com o Pecs, no sábado.

Byiaz (Penafiel) na Taça de África

Byiaz novo jogador marroquino do Penafiel, deverá integrar a selecção nacional marroquina na Taça de Áfriça. Sete jogadores marroquinos contratados actualmente por clubes estrangeiros (Espanha, França e Portugal) deverão alinhar já no próximo encontro, que se realiza na Costa do Marfim, no dia 1 de Novembro. Tratam-se dos jogadores Haddaoui, Zaki, Bouderbala, Timoumi, Fadel, Amanallah e Byiaz. Os dirigentes marroquinos estão ainda a negociar a participação desses jogadores (incluindo Byiaz) na selecção marroquina, com vista (mais tarde) aos Jogos Olímpicos de Seul.

A HONRA DE UM DIRIGENTE

Neves de Sousa

Deveríamos estar habituados a tudo, mas a atitude do ilustre empresário e bem realizado presidente do Vitória de Guimarães, sr. dr. Pimenta Machado, ao achincalhar a Comunicação Social quando (com inteiro conhecimento de causa) veio a lume que o treinador René Simões estava com um pé no estribo e seria prontamente substituído por António Oliveira merece (uma vez mais) que a própria massa associativa vimaranense comece a compreender que está a ser dirigida por um cidadão gozão, muito rico, mas talvez por isso imaginando-se com o poder nas mãos: e isso lhe permitir chamar mentirosos aos jornalistas, colocando-os perante o paredão de uma eventual retaliação no Estádio Municipal que vai servindo ao seu clube.

O sr. dr. Pimenta Machado (trato-o por doutor porque me dizem que tem um curso superior) nada aprendeu em matéria de respeito por quem trabalha, provavelmente porque a fortuna lhe apareceu na árvore genealógica. Há uma semana, quando a Imprensa, alguma Rádio e a Televisão deram como eminente a substituição de René Simões, veio apressadamente a terreiro apelidando de «desestabilizadores» estes palermas da Comunicação Social que têm dado guarida aos desabafos, comentários, críticas e dilatado palavreado oco que, sem lhe custar um centavo, ajudam a promoção do nome, apenas (e bem só) porque momentaneamente é presidente de uma das mais prestigiosas colectividades desportivas deste país. Que (convenhamos) merecia outra sorte no seu leme.

Ora o sr. chefe do executivo vimaranense, ao desmentir o que não tinha pontinha de mentira, teria agora de assumir uma atitude vertical: deveria estar presente no acto em que Oliveira rubricou o contrato (que ficara mais ou menos acordado por ocasião do embate Guimarães-Tatabania, pois foi no termo desse jogo que as conversações para a mudança se aceleraram) e, perante os miserandos escribas ter o acto de contricção que se impunha. Afirmar (categoricamente) que fizera um «bluff» sem classe nem categoria, mas pedir desculpa da má jogada. E talvez não se falasse mais nisso e a gozada **malta dos jornais** continuasse a ouvi-lo, com a mesma delicadeza e respeito que eu mostrei quando (ao lado do Ribeiro Cristóvão e após o Porto-Belenenses) o sr. dr. nos garantiu, na rampa das Antas, que poucos minutos antes o técnico Marinho Peres lhe garantira que já estava **«arrependido de ter vindo para o Belenenses»** o que, daí a horas, no comboio para Lisboa, foi terminantemente contestado pelo treinador «azul», igualmente na barbas de testemunhas (Cruz dos Santos e outra vez Ribeiro Cristóvão).

Ficamos (portanto) com uma certeza absoluta em relação ao actual presidente do Vitória de Guimarães. Ficamos nás e todo o Portugal. Provavelmente, também no Brasil vão rir à brava à sua custa. Só que, se um de nós (os papalvos que deram em devido tempo a notícia de dispensa muito próxima de René Simões) tivesse sido despedido do seu jornal, da estação de radiofónica em que honestamente labuta, para além das inevitáveis atitudes a tomar pelo Sindicato dos Jornalistas e pelo CNID, o sr. dr. tinha pela frente um pelotão de processos judiciais por **«danos morais e financeiros»**, a que não podia escusar-se como o fez ontem, desertando do lugar onde era obrigado a dar uma satisfação ao pagode.

Está VEx.ª com muita sorte. Parece que ainda não é desta que tem de sacudir a árvore genealógica para pagar indemnizações. Está com muito azar o Vitória de Guimarães.

Sport-Society

Louletano / / Vale do Lobo apresenta-se

Amanhã, pelas 15 horas, no Restaurante Rotunda (de Vale do Lobo, Agarve) é apresentada à Comunicação Social a turma ciclista que vai representar as cores do Louletano / Vale do Lobo.

Microscópio

Torneio de xadrez de Sesimbra

Na 11.ª e última jornada do III Torneio Internacional de Xadrez a decorrer em Sesimbra, organizado pela Federação Portuguesa de Xadrez e Associação Portugal-URSS com o patrocínio da Câmara Municipal de Sesimbra e Região de Turismo da Costa Azul, verificaram-se os seguintes resultados:

Mark Taimanov - João Cordovil, 1:0; António Fróis - António Fernandes, 1/2:1/2; José P. Santos - John Fedorowics, 1/2:1/2; Bachar Kovatly - Peter Lukacs, 1/2:1/2; António Antunes - Rui Dâmaso, 1:0; Luís Santos - Migel Davies, 0:1.

Classificação Final: 1.º John Fedorowics (EUA), 8 pontos; 2.º Mark Taimanov (URSS), 7; 3.º Peter Lukacs (Hungria), 7; 4.º António Fernandes (Portugal), 6; 5.º Bachar Kovatly (França), 5,5; 6.º Migel Davies (Inglaterra), 5; 7.º José P. Santos (Portugal), 5; 8.º Luís Santos (Portugal), 5; 9.º António Antunes (Portugal), 5; 10.º António Fróis (Portugal).

Ciclismo: Prémios Enervit/Gazeta

A «Helsinn» e o nosso colega «Gazeta dos Desportos» convidam para o «cocktail» onde serão entregues os prémios «Superprestígio Enervit», acontecimento que terá lugar pelas 18 e 30 do próximo dia 20, na Torre de Belém.

PONTA ESQUERDA

Mangualde "versus" Joaquim Teixeira

O Mangualde não ficou satisfeito com o modo como Joaquim Teixeira deixou a colectividade para ser adjunto de Oliveira, em Guimarães. E, enquanto a turma fica entregue a João Cruz (que foi jogador do Salgueiros), o Mangualde procura técnico mas não se coíbe de ameaçar Teixeira com um sólido pedido de indemnização pela intempestiva saída.

Ponta Delgada contra televisão dos Açores

A Associação de Futebol de Ponta Delgada protesta publicamente pela alegada «falta de respeito» da Televisão açoriana, relativamente a provas do calendário desportivo. A Associação contesta, nomeadamente, a transmissão em difrido pelo Centro Regional da RTP do Jogo entre o Vitória Futebol Clube (Setúbal) e o Fc Porto, meia hora antes do início de um encontro da sua iniciativa. Essa emissão efectuou-se em diferido porque (refere a Associação de Futebol de Ponta Delgada) uma transmissão directa do encontro iria prejudicar os Jogos da Associação de Futebol de Angra do Heroísmo.

Maxaquene: derrota na secretaria agrava tarefa do "magriço" Vicente

A Federação Moçambicana de Futebol considerou válido um protesto do Ferroviário da Beira contra o Maxaquene, por utilização irregular de um jogador.

O organismo máximo do futebol moçambicano reconheceu a utilização irregular do guarda-redes, Júlio Mabelane (Gito), que se encontrava suspenso no jogo da fase final do campeonato nacional, efectuado no passado dia e, e que terminou com a vitória do Maxaquene por 1-0.

A decisão possibilita ao Ferroviário ascender ao 1.º lugar da fase final, em igualdade pontual (cinco) com o Matchedje e agrava a condição de «lanterna vermelha» do bi campeão Maxaquene, com zero pontos após a primeira volta.

A equipa de Maputo, que na época passada foi orientada pelo técnico português Rui Caçador, assegurou já os serviços de Carlos Silva e Vicente, provenientes do Belenenses.

Nápoles: derrota em Pisa transformada em vitória

O Nápoles reforçou para três pontos a liderança no campeonato italiano de futebol, na sequência da decisão da Comissão de Disciplina da Federação que lhe deu a vitória sobre o Pisa por 2-0, depois de no terreno ter perdido por 1-0.

A derrota do Nápoles frente ao Pisa por 1-0 ocorreu há três semanas mas o poderoso clube napolitano decidiu protestar o jogo, devido aos incidentes registados na partida, em que o defesa Alessandro Renica foi atingido por um objecto de metal, presumivelmente atirado por um adepto do Pisa.

O Nápoles, que desta forma se tornou a únic equipa invicta do campeonato, somou assim dois pontos, reforçando a liderança para 10 pontos em cinco jogos, mais três que um trio formado pelo Roma, Sampdoria e Fiorentina, enquanto o Pisa, desceu ao penúltimo lugar, agora com apenas um ponto.

DESPORTO

Ontem a bola saltitou em nove palcos

ILUSÕES QUE PERDURAM, DECEPÇÕES QUE SE CONFIRMAM

A contar para a fase de qualificação do campeonato da Europa de futebol, cuja fase final se realizará no próximo ano na RFA, disputaram-se, ontem, nove encontros cujos resultados vieram clarificar algumas posições na tabela, dissipar certas ilusões, alimentar esperanças e demonstrar que certos «quadros» se encontram em fase de crise, como por exemplo, é o caso da selecção francesa que não foi além de um «nulo» a um golo, perante a turma da Noruega.

Vejamos os resultados, a classificação actual e os jogos que restam:

Grupo I
Espanha, 2-Áustria, 0

	J	V	E	D	G	P
Espanha	5	4	0	1	9- 6	8
Roménia	4	3	0	1	12- 3	6
Áustria	5	2	0	3	6- 9	4
Albânia	4	0	0	4	2-11	0

Restantes jogos: Albânia-Roménia e Espanha-Albânia. Áustria-Roménia.

Grupo 3

França, 1-Noruega, 1

	J	V	E	D	G	P
URSS	7	4	3	0	11- 3	1
RDA	6	2	3	1	1- 3	7
França	7	1	4	2	4- 6	6
Islândia	7	2	2	3	4-12	6
Noruega	7	1	2	4	4- 9	

Restantes jogos: 18 Out.: URSS - Islândia e RDA - Noruega. 18 Nov.: França - RDA.

Grupo 4

Jugoslávia, 3-Irlanda do Norte, 0; Inglaterra, 8-Turquia, 0.

	J	V	E	D	G	P
INGLATERRA	5	4	1	0	15- 0	9
Jugoslávia	4	3	0	1	9- 3	6
Turquia	4	0	2	2	0-12	2
Irl. do Norte	5	0	1	4	1-10	1

Restantes jogos: Jugoslávia - Inglaterra e Irlanda do Norte - Turquia, dia 11 de Novembro e Turquia - Jugoslávia (16/12).

Grupo 5

Hungria, 3-Grécia, 0; Polónia, 0-Holanda, 2.

	J	V	E	D	G	P
HOLANDA	6	4	2	0	8- 1	10
Grécia	7	4	1	2	12-10	9
Hungria	7	3	0	4	11-11	6
Polónia	7	2	2	4	8 10	6
Chipre	5	0	1	4	3-10	1

Restantes jogos: 28/10: Holanda - Chipre, 11/11: Chipre - Polónia, 2/12: Hungria - Chipre e 16/12: Grécia - Holanda.

Grupo 6

Dinamarca, 1-País de Gales, 0.

	J	V	E	D	G	P
Dinamarca	6	3	2	1	4- 2	8
País de Gales	5	2	2	1	7- 3	6
Checoslov.	5	1	3	1	5- 5	5
Finlândia	6	1	1	4	4-10	3

Jogo que resta: Checoslováquia-País de Gales (11/11).

Grupo 7

Escócia, 2-Bélgica, 0; Rep. Irlanda, 2-Bulgária, 0.

	J	V	E	D	G	P
Rep. Irlanda	8	4	3	1	10- 5	11
Bulgária	7	4	2	1	12- 5	10
Bélgica	7	2	3	2	13- 8	7
Escócia	6	2	2	2	6- 5	6
Luxemburgo	6	0	0	6	2-20	0

Por disputar — (11 Novembro): Bélgica-Luxemburgo e Bulgária-Escócia. 2 Dezembro: Luxemburgo-Escócia.

Ponto da situação

Grupo 1: a Espanha, com este triunfo sobre os austríacos, mantém aspirações, todavia a Roménia poderá muito bem averbar os pontos em disputa na Albânia e na Áustria e terminar com igualdade pontual com os nossos vizinhos dando como certo que estes vencerão sem dificuldade a Albânia, no encontro de 28 do corrente. Agora é uma questão de pontaria e, neste momento, a Roménia tem coeficiente superior.

Grupo 3: para que a URSS assegure «passaporte» para a RFA resta-lhe empatar (em casa) com a Islândia, já que a RDA mesmo vencendo os dois encontros que faltam somará apenas 11 pontos.

Grupo 4: o encontro Jugoslávia - Inglaterra, marcado para o dia 11 de Novembro, poderá considerar-se decisivo e, enquanto aos jugoslavos só o triunfo interessa, aos britânicos bastará averbar um «nulo».

Grupo 5: apenas a Holanda e a Grécia poderão conseguir o apuramento mas a questão poderá ficar resolvida no dia 28 do corrente, pois não é crível que a selecção «laranja» seja surpreendida pelo Chipre e com esse triunfo somará 12 pontos, ficando o jogo Grécia - Holanda apenas para «cumprir calendário».

Grupo 6: a Dinamarca parece definitivamente apurada, já que se nos afigura muito difícil que o País de Gales triunfe frente à Checoslováquia, mas, se tal suceder, serão os galeses a estarem na RFA.

Grupo 7: para que a Bulgária seja a vencedora do grupo bastará que some um ponto no encontro que a oporá (no seu palco) à Escócia no dia 11 de Novembro.

Outros jogos

OLÍMPICOS: A turma da RFA venceu a Polónia por concludente marca de 5-1. A Dinamarca que venceu os três encontros até agora disputados comanda a respectiva classificação e defrontará a RFA no dia 18 de Novembro.

ESPERANÇAS: Checoslováquia empatou (em Praga) com a Islândia por 4-4 em jogo a contar para a fase de qualificação do grupo 6, mas o encontro apenas serviu para acerto pois a turma checa já se encontrava apurada para a fase final do Europeu.

JUNIORES: Suíça e França empataram ontem a um golo em jogo disputado em Yvernon (Suíça) do grupo 1 da fase de qualificação do campeonato da Europa que integra Portugal. Depois deste jogo a França lidera com 4 pontos em 3 jogos, seguindo-se Portugal (3-2), RFA (2-1) e Suíça (1-4). No mês de Novembro realizam-se os encontros RFA-Portugal (dia 4) e Portugal-França (dia 25).

PARTICULAR: em jogo efectuado em Gelsenkirchen (RFA) a Suécia impôs um empate (1-1) frente aos comandados de Beckenbauer.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 42/87 DE 18 DE OUTUBRO DE 1987

Boomerangue / RDP Centro, 21x 111 11x x21x; Canal Mais / RDP Centro, 21x 111 11x x211; Programa da Manhã / RDP Centro, x1x x11 x12 x2xx; O Algarve, x21 111 11x 2x12; Programa da Manhã / RDP Antena Um, 11x 111 x11 1112; RR /

Frente Desportiva, 111 111 11x 1x12; RR / Bola Branca, x21 1x1 x1x x2xx; RR / Desportò, 111 111 111 1112; Diário de Coimbra, x11 x11 11x 1x1x; Litoral, 211 x11 112 x112; Bola ao Centro / RDP Centro, x1x 111 1x2 x211; Fotogramas / EDP Centro, x11 x11 x12 x2xx; Sintonia Desportiva / RDP Centro, 211 x11 x1x x2xx; Semanário da Região Bairradina, xxx 1x1 x1x 1xxx; A Ordem, 2x1 1x1 111 x212; Ponto de Mira / RDP Centro, 21x x11 x12 x21x; Fora de Jogo / RDP Centro, x11 111 11x x211; Grande Sábado / RDP Centro, x1x x11 112 x2xx; Diário de Lisboa, 111 1x1 x1x 2x12; Programa da Manh/ Rádio Altitude, 2x1 x11 11x xx1x; Jornal de Felgueiras, x11 111 11x x11x; Notícias de Felgueiras, x11 111 11x xx1x; Rádio Totobola, xx1 111 112 x212; Notícias do Douro, x11 111 x1x 1x1x; Rádio Sports, 111 111 11x 1211; Voz do Ave, 111 x11 111 1x11; Ecos de Cacia, x11 111 11x 1x12; Fim de Semana Desportivo / Rádio Guarda, x11 111 x11 22xx; Panorama Desportivo / Rádio Guarda, 111 x11 112 21x2; Pista de Dança / Rádio Altitude, xx1 111 111 121x; Escape Livre / Rádio Altitude, 1x2 211 112 xx12; Notícias de Guimarães, x1x 111 112 211x; Jornal do Fundão, x11 111 111 x21x; Correio de Coimbra, 11x 111 11x 1212; Penalti, 111 x11 112 12x2; Reconquista, 111 2x1 111 x212; Jornal da Lixa, x11 1x1 11x x21x; Jornal de Amarante, 111 111 11x xx12; Notícias de Viana, x1x xx1 111 xx1x; O Mensageiro, 211 111 112 11x1; Tempo de Desporto / RDP Comercial, x11 111 x11 1212; Secção Desportiva / Rádio Comercial, 11x 1x1 112 x21x; Manhã, Manhã / RDP Comercial, 1x1 111 x1x 1x12; Clube da Manhã / RDP Comercial, 211 x11 11x 1212; Jornal de Sintra, 22x 211 21x x111; Folha do Domingo, 2x1 111 112 111x; A Voz do Domingo, x11 111 11x 1xx1; Jornal da Beira, x11 111 11x 1x12; Informação Desportiva / Rádio Altitude, x11 111 11x 1x12; Linhas de Elvas, 211 111 111 x112; Defesa de Espinho, 111 111 11x 12xx; No Estúdio e no Estádio / RDP Antena Um, 2x1 x11 1x2 22x1; Voz de Lamego, 211 x11 11x 2212; Tarde Desportiva / RDP Antena Um, xx1 1x1 x12 x21x; Livre e Directo / RDP Antena Um, xx1 1x1 x12 2211; Eu Sei Tudo, x11 111 112 1112; A Defesa, 11x x11 11x 111x; Maria da Fonte, x1x 111 111 xx1x; Quatro Linhas / Rádio Altitude, 111 111 111 111x; Correio do Vouga, 211 1x1 112 12x1; Disco e Daquilo / Rádio Altitude, 11x 111 x12 1x11; Beira Serra / Rádio Guarda, x11 211 111 x112; O Distrito de Portalegre, 22x 111 x1x 121x; Sons da Madrugada / Rádio Altitude, x1x 111 11x 121x;

Comércio de Leixões, x11 1x1 11x x212; De Tudo Um Pouco, 211 111 11x 1x1x; Jornal de Gaia, x12 111 21x 1x12; Jornal da Graça, 2x2 xx1 11x 12xx; O Primeiro de Janeiro, 211 xx1 x11 xx21; Alvo Desportivo, 111 111 111 1111;Rádio Alvo, x11 111 1xx 111x;Alvo, 111 111 111 1x11; Alvo Suplemento, xxx 111 11x x211; A voz dos Ridículos, 111 111 111 1x11; Placard Desportivo, xx1 1x1 111 1x1x; Música e Desporto, 211 111 11x 121x; Panorama, 21x x21 x1x x2x2.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Covilhã-Setúbal	21	35	21	3	6	3
2. Varzim-Marítimo	60	13	4	9	2	1
3. Espinho-Braga	53	21	3	8	3	1
4. Farense-Rio Ave	54	19	4	8	3	1
5. Académica-Penafiel	61	15	1	9	2	1
6. Benfica-Salgueiros	77	0	0	12	1	1
7. Belenenses-Chaves	57	18	2	8	3	1
8. Guimarães-Elvas	74	3	0	11	1	1
9. Boavista-Sporting	19	38	20	3	6	3
10. Aves-Fafe	37	32	8	6	5	1
11. Tirsense-Leixões	16	25	36	2	4	6
12. U. Madeira-Barreirense	60	16	1	9	2	1
13. Samora-E. Amadora	17	33	27	3	5	4

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
X11 111 11X 121X

Bibliografia desportiva

"A Bola" Magazine

Lançada quase discretamente, sem qualquer alarido nem pompa, «A Bola-Magazine» vai no seu 5.º número mensal, sempre apresentando soberbo aspecto gráfico (trabalho para vinte valores do artista Ribeiro da Silva, igualmente responsável pelo grafismo do «DL») e inserindo reportagens onde as fotos de Nuno Ferrari e os textos do normal corpo de Redacção do nosso colega trissemanário desportivo se conjugam perfeitamente. Como se sabe, um naipe de figuras distinguidas nos campos da popularidade e do apreço escrevem «A Bola»: não admira, portanto, que a equipa chefiada por Vítor Santos consiga um «produto» à perfeita altura da sua tradição e histttorial.

«A Bola-Magazine» deste mês insere um questionário apresentado a Silva Resende e sinteticamente respondido pelo presidente federativo, tem um belo trabalho de Carlos Pinhão sobre o decantado Eusébio (**«Do salvo-conduto ao passaporte diplomático»**), **«As espantosas revelações do campeonato maldito»** (da autoria de Aurélio Márcio), entrevista de António Florêncio com Artur Jorge, muita coisa sobre basquetebol, atletismo e automobilismo, tudo (como fazemos questão de voltar a mencionar) numa revista de verdadeiro tom internacional.

Futebol em revista

Com a esmerada tendência de especialmente divulgar autores ou técnicos estrangeiros, em quase completo alheamento dos valores nacionais, continua a editar-se a revista «Futebol», órgão da Federação da modalidade, com César Grácio na direcção. Desta feita (para não se escapar à regra) apenas Arnaldo José Cunha (A gestão do tempo de treino) e António Barros de Araújo (falando do «Ano internacional do árbitro») são honrosa autorização, a «misturarem-se» com estrangeiros de muito duvidosa capacidade para conquistarem interesses por estas bandas. «Futebol»: projecto apenas para divulgar amigos da estranja? Não acreditamos. Melhor: não queremos imaginar.

Ainda um pormenor delicioso e que certamente fará espantar os «experts» da Imprensa mundial: as fotos aparecem sem qualquer legenda, indicando apenas o seu autor. Dinheiro muito mal gasto que é (afinal) das associações, dos clubes, de quem vai ao futebol ou nele está inserido e merecia um tratamento bem melhor.

«Atletismo»

Terá de aplaudir-se (a mãos ambas) o esforço de M. Arons de Carvalho e da sua turma de colaboradores na confecção da revista «Atletismo», periodicamente a colocar-nos perfeitamente «a la page» com tudo o que vai acontecendo na disciplina-base desportiva. Criticando duramente o prof. Fernando Mota, director técnico nacional **«que está demasiado isolado para ser útil a sua actuação nesse sector com a quase totalidade de treinadores dos atletas da alta competição a contestá-lo fortemente»**, a «Atletismo» entrevista o presidente federativo Carlos Cardoso que garante **«pistas de tartan para o Porto e Viseu (daqui por um ano) e também as pistas de Aveiro, Setúbal e Faro estarão em construção»**, escuta Fernanda Ribeiro (campeã europeia júnior), insere mapas e estudos sobre saltos, corridas e lançamentos, faz (enfim) um excelente serviço à modalidade.

Karpov, 1,5 - Kasparov, 0,5

CAMPEÃO MEDITA OITENTA MINUTOS

Nada menos de 1 hora e 20 minutos levou o actual campeão do mundo, Garry Kasparov, para responder ao 9.º movimento (E3) do candidato Anatoly Karpov, na segunda partida do mundial de xadrez, disputada em Sevilha, e que terminou com a vitória do pretendente ao título.

Embora Karpov consumisse apenas 3 minutos para realizar o citado lance (autêntica novidade teórica, na opinião dos especialistas), Kasparov, que até então somente gastara 4 minutos nos seus nove primeiros movimentos, demorou 1 hora e 20 minutos a responder com D3.

A partida, encerrada com o abandono de Kasparov ao 32.º lance, teve um final em ritmo trepidante, devido ao facto de ambos os jogadores terem consumido a maior parte do tempo de que dispunham nos movimentos do chamado meio jogo e, ao verificar-se a desistência de Kasparov, apenas restava um minuto a cada um dos contendores, das duas horas e meia que lhe correspondem.

De referir ainda que, num dos movimentos que antecederam o desenlace, Kasparov, depois de realizar a sua jogada, se esqueceu de parar o seu relógio. Deste modo os cerca de três minutos que nesse momento tinha de vantagem em relação a Karpov e que tencionava aplicar no movimento seguinte, acabaram por correr a favor do candidato e contra o campeão.

Esta ocorrência foi determinante no desenvolvimento da partida, porque Karpov tinha, em princípio, menos tempo que o seu adversário para efectuar o movimento seguinte, o que não lhe permitia realizar o jogo que acabou por efectuar, até conseguir a vitória.

Numa sucessão de movimentos muito rápidos, nos quais ambos trocaram várias peças, Karpov colocou o campeão à beira do xequemate que, muito embora não tenha chegado a produzir-se, seria inevitável caso Kasparov não tivesse optado pelo abandono.

Os especialistas classificam a partida como muito original e interessante, com um xadrez de grande qualidade, tendo nela ocorrido circunstâncias pouco habituais num torneio desta categoria. A mais estranha de todas foi o já citado período de reflexão de 1 hora e 20 minutos utilizado por Kasparov para responder a um E3 realizado pelo candidato.

Depois desta vitória Karpov soma 1,5 pontos contra 0,5 de Kasparov.

EMPORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	–	–	0.0	—
V. Castelo	19	17	0.0	Chuva
Vila Real	16	15	0.0	Chuva
Porto	18	18	0.0	Ch. Forte
Coimbra	17	17	0.0	Chuva
C. Carvoeiro	19	18	0.0	Encob.
C. Branco	15	15	0.0	Chuva
Portalegre	14	13	0.0	Nevoeiro
Lisboa	19	19	0.0	Chuva
Evora	16	15	0.0	Encob.
Beja	17	15	0.0	Encob.
Faro	19	18	0.0	M. nub.
Sagres	20	18	0.0	Encob.
P. Delgada	20	19	0.0	Aguac.
Funchal	22	20	0.0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 21, Porto 19, Faro 22, Ponta Delgada 21, Funchal 25.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NE

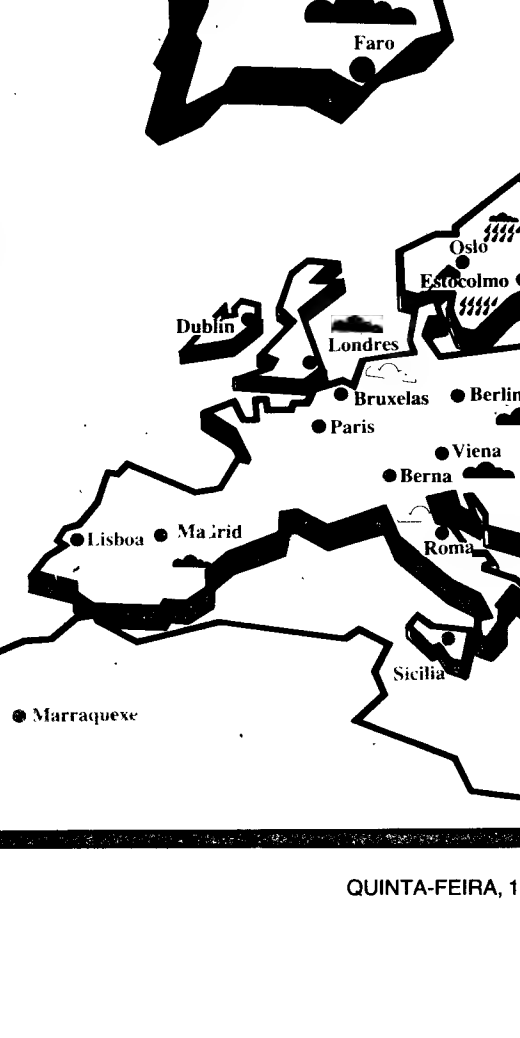
	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	13	13	Encoberto
Londres	10	9	Muito nub.
Paris	–	–	—
Bruxelas	11	10	Pouco nub.
Amesterdão	12	10	Aguaceiros
Genebra	12	11	Chuva
Roma	20	18	Pouco nub.
Oslo	9	8	Aguaceiros
Copenhaga	11	9	Neblina
Estocolmo	9	8	Chuva
Berlim	10	8	Encob.
Viena	9	7	Muito nub.
Varsovia	–	–	—
Atenas	17	15	Pouco nub.
Moscovo	3	2	Muito nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	20	29	Limpo
Joanesburgo	12	20	Chuva
Los Angeles	14	22	Limpo
Montreal	2	12	Nublado
Nova Deli	23	38	Limpo
Nova Iorque	6	13	Limpo
R. de Janeiro	15	34	Nublado
S. Francisco	14	19	Nublado
São Paulo	17	25	Nublado
Toquio	15	23	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu muito nublado. Vento sudoeste moderado a forte, soprando por vezes muito forte nas regiões do Norte. Períodos de chuva mais intensos nas regiões do Norte.

Estado do Mar:
Costa Ocidental – **Mar grosso a alteroso. Ondulação de oeste.**
Costa Sul – **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação sudoeste de um a dois metros.**

AMANHÃ

Céu muito nublado. Vento moderado a forte de sudoeste e períodos de chuva. A partir da manhã diminuição gradual da intensidade do vento e da precipitação.

DEPOIS

Regiões do Norte e Centro: **Céu geralmente muito nublado. Vento sudoeste, por vezes forte, nas regiões do Norte e períodos de chuva.**
Regiões do Sul: **Céu geralmente pouco nublado e vento moderado de sudoeste.**

Nos Açores:

Céu muito nublado. Vento forte de sudoeste rodando gradualmente para noroeste a partir da manhã. Períodos de chuva.

Estado do Mar: **Mar grosso a alteroso. Ondulação oeste.**

Na Madeira:

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de sudoeste. Períodos de chuva fraca.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros, sendo inferior a um metro na costa Sul.**

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
9.04	3,1 m	1.49	2,1 m
22.05	2,9 m	15.29	2,1 m

Amanhã

10.34	3,2 m	3.47	2,1 m
23.22	3,1 m	16.59	1,9 m

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

● Informação da agência Lusa

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Soliloquio

3 de Setembro, quinta-feira

Praça de Touros do Campo Pequeno. Touros de José Luís Pereda para Joaquim Veríssimo, José Luís Cochinho, Jorge de Ourique, Luís Nortada e forcados amadores do Montijo e do Aposento do Barrete Verde de Alcochete.

Segundo consta, o empresário do Campo Pequeno é um homem que ouve as opiniões com ar de respeitosa atenção, e que depois resolve as coisas pela sua cabeça, com escassa participação do que pensam as cabeças dos outros; o que muitas vezes é virtude, mas não invalida a suposição de que provavelmente não ligará importância ao meu conselho de que, obrigado a importar touros de Espanha, evite trazer de lá estes lotes de refugo, como o que esta noite se lidou em Lisboa a nome de José Luís Pereda, de Huelva o ganadero, os touros não sei, se calhar vieram cada um de sua terra, foram filados quando iam para o matadouro, antes disso vocês vão ali dar umas voltinhas no Campo Pequeno, atrás duns cavalos e à frente de uns tipos de barrete. E eles foram, que remédio. O primeiro não chegou a dar voltinhas, saiu a passo, grande e pachorrento, foi até ao meio da arena, ficou a ver a esforçada brega do Albino Fernandes, e as evoluções do duo dos cavaleiros, o Veríssimo e o Nortada, só se animou foi quando viu os do barrete, saiu disparado como um tiro de canhão, o rapaz do Montijo ainda aguentou um pedaço admirável antes de ser despedido, e os da cernelha também não ficaram, o touro foi para o matadouro com o gozo de ver cumprida a sua última vontade, não deixar que o agarrassem nem pela cabeça nem à má fila, já os outros não puderam ter esse gozo, terminaram pegados, logo o segundo deu o exemplo sem grande reacção, acabava de ser enganado por um violino final do diligente Cochicho, quando tocou para a pega, e de dentro da trincheira o cabo dizia para o pegador «Alegra-o bem», como é que o animal se havia de alegrar, tão pequeno e pacífico e aquela malta toda com ar de lhe ir cair em cima. Enfim, a função lá foi andando, o Veríssimo com esse toquezinho delicado do seu toureio, e o Ourique com um desembaraço que promete, e o Nortada com o seu ar de tipo fixe, bregando e cravando com acertos, e para se acabar como tinha começado, o último também foi a duo, e o Cochicho e o Ourique não quiseram ficar atrás dos companheiros, primeiro deitaram fora os tricórnios, só depois começaram o duo propriamente dito, já sabem como é o toureio a duo, um vê se te avias a meter farpas,

ora agora metes tu,
ora agora meto eu,
ora agora metes tu,
metes tu mais eu.

5 de Setembro, sábado

Praça de Touros de Estremoz. Corrida comemorativa dos 25 anos de alternativa de José Maldonado Cortes. Touros de diversas ganaderias para David Telles, José Cortes, José Lupi, João Moura, Paulo Caetano, Frederico Carolino e forcados de vários grupos, no activo e retirados.

O tempo, sempre a actualisar as circunstâncias dos homens. A alguns, como dizia o Filgueiras Soares (e mesmo assim chegou a almirante), o tempo também lhes actualiza as consciências. Mas isso é outra conversa, já que aqui se trata apenas de circunstâncias. Há coisa de dois meses, escrevi eu, a propósito do carácter profissional do meu apreço pelo cavaleiro José Maldonado Cortes, que as nossas relações eram do tipo bom dia — boa tarde — boa noite, nunca tinham metido sequer um copo, uma conversa seguida. E acontece que, hoje, as ditas relações já meteram conversa, e não só um copo, mas um jantar completo, aperitivos, entradas, gaspacho, arrozinho de lulas, e por aí fora, pratos diversos, as travessas rompendo por entre os convidados que quase enchiam o picadeiro da casa, decorado à maneira, casacas, selas, troféus, cartazes por onde se vêem as arenas famosas por onde o Cortes andou, Madrid, Sevilha, Jerez, México, e Acapulco, Baiona, Mont-de-Massan. Foi assim: o cavaleiro ia comemorar os 25 anos de alternativa, com uma corrida na praça de Estremoz, sua terra. Anunciado o festejo, decidi: a essa não vou faltar. Mas sucede que o José Cortes veio ter comigo, gostava que aparecesse, depois do festejo, para jantar em sua casa. Pensei: 25 anos de alternativa fazem-se uma vez, e eu já cá não estarei quando o Cortes cumprir os 50. E fui.

Fui, e até fiquei na cidade, devo dizer que não foi fácil encontrar alojamento em Estremoz, tempo de festas, lá em cima a Pousada estava completa, o solícito recepcionista, num gesto de boa vontade, só me poderia dispensar a suite presidencial, enfim, a coisa não era para tanto, em todo o caso perguntei o preço, eram 26 contos de reis 26, uma noite, suponho que incluía o pequeno-almoço, talvez com brioche ou croissant, muito obrigado, era só para saber, na presidencial Carvalho, digo, na residencial Carvalho também não havia vaga, sobrou este quarto no Alentejano, hotel velhinho, a cair das tripeças, ao lado fica a bomba de gasolina da BP, a do senhor Peças, o que foi apoderado do João Moura, tinha um miúdo, o António Luís, que era uma simpatia, tinha e já não tem miúdo, faz favor, o pai disse-me que ele já mede 1,92, e calça 45, como o tempo muda o tamanho das pessoas, não só as circunstâncias.

O que o tempo perece não mudar é o toureio do José Cortes: um toureio sem idade, à margem de modas e vedetismos, e quando é preciso também de clássicas purezas, um toureio sobrado de recursos para dar a volta aos touros, mesmo àqueles que os outros não querem, o pai de António Luís contou-me que com o Cortes nunca havia problemas nos sorteios, se algum companheiro punha reparos, este touro parece que não vê, e aquele assim, e aquele assado, o Cortes dizia, fico eu com ele, e não era garganta, ficava mesmo, uma das constantes do Cortes é o desembaraço com que resolve na arena os problemas dos touros, dos que parece que não vêem aos que parecem verem de mais, e quantas vezes tendo de resolver ao mesmo tempo o problema do cavalo, que ainda não está posto, sabe-se como o Cortes é mestre no arranjo de montadas, e como quando estão prontas as passa a outro, há-de encontrar um cavalo com que resolva a papeleta, possa fazer da lide espectáculo, preencher de alegre movimento o tempo justo, de tristezas anda o mundo cheio, não é para vê-las que se paga o bilhete.

Foi uma alegria ver tanta gente a pagar bilhete, juntar à tarde luminosa a casa cheia que o José Cortes merecia. A custo encontrei lugar, puxei do bloco, escrevi a frase consabida, enchente até à bandeira, só depois reparei que na praça não havia içada bandeira, também não fazia falta, o que importava era a boa disposição do pessoal, dia de festa, convidativo a fechar os olhos à diminuta presença de algumas rezes lidadas, e às desigualdades impróprias da estrela maior que continua a ser o Moura, e até ao rabo é touro do primeiro curto do Carolino, preferível fixar a lide correcta e medida do pai David, e a classe que o José Lupi trouxe do seu retiro, é pena que o gajo não queira fazer profissão disto, assim dizia um vizinho meu, vendo que o Lupi se quisesse ainda dava cartas, fazia-se triunfador de muitas tardes, não apenas desta, e dois curtos do Caetano, com o touro na querença, o touro não presta, não tem investimento nenhum, isto dizia outro vizinho meu, e com razão, foi o Caetano quem teve de fazer o investimento, por onde era difícil haver saída, e os nomes famosos das ramagens, dos que ainda pegam e dos retirados, relembrança doutros tempos houve na cernelha do Zuzarte e do Simão Comenda, que rabejou com a raça sua, parecia a praça que estalava de palmas, aí, Simão duma figa!

De casaca rosa velho e ouro, José Cortes lidara o segundo da animada tarde. No seu estilo. Com a madurez de um ofício que não perdeu a juventude. Como se este dia fosse apenas mais um, em que toureava na sua terra, a dois passos de casa, entre gente que o viu crescer, como o velhote que ficou a meu lado, andei com ele ao colo, trabalhava lá em casa quando se deu o nascimento, dizia-me com uma ponta de orgulho, por ter tido ao colo aquele cavaleiro que lá em baixo tinha agora uma lápide com o seu nome, uma lápide que não era póstuma, apenas marcava uma passagem no caminho que vai continuar, amanhã toureia em Reguengos, e para a semana na Moita, e depois não sei mais onde nem quantas corridas, a somar às centenas que já somou, com a constância de um artesão que no seu ofício vive, e isso lhe basta.

A colecção europeia de Murilo Mendes

No Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian é hoje inaugurado, às 18 horas, na Sala das Exposições Temporárias, uma exposição da «Colecção Europeu» do escritor Murilo Mendes. Por ocasião desta exposição de obras que pertenceram ao poeta de «Tempo Espanhol», terão lugar na Sala de Exposições Temporárias do Centro de Arte Moderna várias realizações. Uma mesa-redonda, terça-feira, 20 de Outubro, com a participação da prof. **Luciana Stegagno Picchio**, da Universidade de Roma; prof. **Federico Brook**, do Instituto Italo Latino Americano, de Roma; prof.-doutor **David Mourão-Ferreira**; pintor **Fernando de Azevedo**. Às 18.30 horas. Uma visita guiada pela dr.ª **Silvia Chicó**, às 18.30, no **dia 22 Outubro. Um encontro com Murilo Mendes, terça-feira, 27 de Outubro**, às 18.30, no **Auditório III da Fundação Calouste Gulbenkian**. Com a participação do embaixador do Brasil (e também poeta) **Alberto Costa e Silva**; Sofia de Mello Breyner Andresen; e **Luís Miguel Cintra**, que dirá poemas de Murilo Mendes.

LOURES
CÂMARA MUNICIPAL

18 de Outubro de 1987

HOMENAGEM A LOPES GRAÇA

PROGRAMA

14.30 h – Concentração das Bandas do Concelho junto ao Jardim de Loures.

15.00 h – Inauguração da Exposição VIDA E OBRA DO MAESTRO LOPES GRAÇA, nos Paços do Concelho

15.30 h – Início do desfile das Bandas, do Jardim de Loures para o Pavilhão Gimnodesportivo Municipal de Loures, pela seguinte ordem:
Banda Recreativa de Bucelas
Banda da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Zambujal
Banda da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Fanhões
Banda da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Loures
Banda da Associação Musical e Recreativa do Catujal
Banda da Academia Recreativa e Musical de Sacavém
Banda da Sociedade Musical Odivelense
Banda da Sociedade Musical e Desportiva de Caneças

16.30 h – Concerto coral com o Coro da Academia dos Amadores de Música e Coro da Universidade de Lisboa

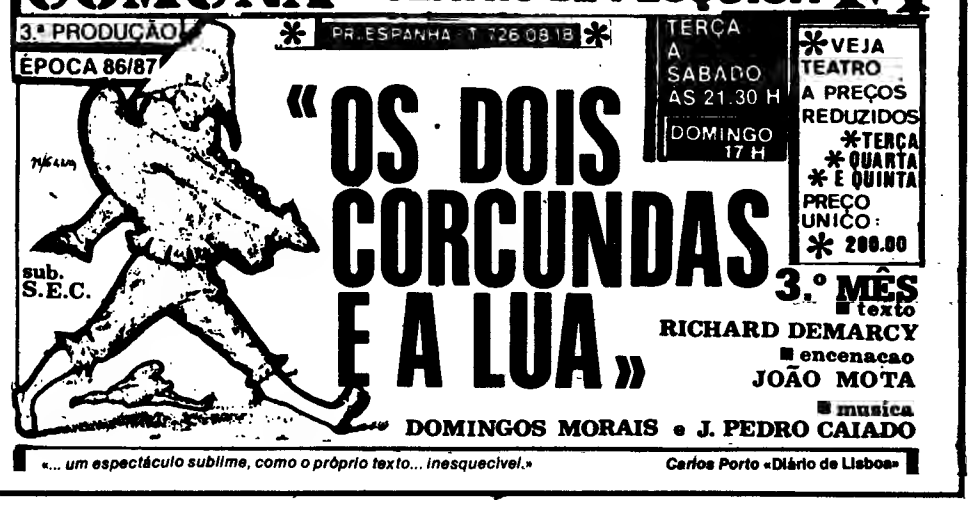
17.30 h – Cerimónia de homenagem ao Maestro Lopes Graça

18.00 h – Intervalo

18.15 h – Concerto conjunto das Bandas do Concelho dirigidas pelo Maestro Vítor Santos, interpretando as seguintes peças:
High Barbaree, de Nelson.
Loures Centenária, de Vítor Santos
Canto do Livre, de Lopes Graça

MUNICÍPIO LIVRE DE ARMAS NUCLEARS

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA



CRÍTICA

RUÍNAS DO INTERIOR

Carlos Porto

CALDERÓN, **de Pier Paolo Pasolini.** *Tradução*: **Mário Feliciano/António Barahona.** *Encenação*: **Mário Feliciano.** *Cenografia*: **José João Freitas.** *Figurinos*: **José Gonçalves.** *Luzes*: **Orlando Worm.** *Interpretação*: **Luísa Cruz, Júlia Correia, Fernanda Cardoso, Teresa Mónica, Pedro Arrabaça, Marques d'Arede, Nestor de Sousa, Cisela Cañamero, António Fonseca, Bibi Perestelo, Fernando José Oliveira, João Cabral, Cármen Santos, João Coutinho, Vera Mónica S. Alves e Jorge Sequerra.** *Theatro do Gymnásio*/**2-10-1987.**

Rosaura sonha no barracão do campo de concentração nazi visto, como se fosse uma fotografia, onde vai sendo reduzida a nada. Este o sonho de Rosaura: uma multidão de operários, homens e mulheres, velhos e crianças, avança para o campo da morte a fim de os libertar. Sobre aquela coluna da esperança paira uma imensa bandeira vermelha, sinal de todas as libertações ede todas as revoltas. Rosaura sonha: atrás ela uma enorme cortina vermelha desceu, ocultando o espaço da casa, construção onde há, uma sugestão de Chirico. Rosaura sonha e por momentos acreditamos no seu sonho, no sonho da Revolução. A vida é sonho, referência matricial calderoniana desta peça de Pasolini, pode ser substituída por a revolução é sonho. Um sonho impossível — Basílio di-lo claramente: todos os teus sonhos podem tornar-se realidade, este é o único que nunca o será (é então que a cortina cai ao chão). Revolução é de facto um sonho, conclui Pasolini o que desde logo iliba o seu texto da precariedade epocal com que alguns comentadores quiseram limitá-lo.

Esta é uma peça cuja matéria é feita de sonho mas também de ruínas, ruínas do exterior, ruinas do interior, como no título de filme de Sá Caetano. Este o primeiro deslumbramento do esectador português: ao entrar na sala depara com o vento vazio do teatro do Ginásio, espaço alucinante, obra-prima de degradação comparada com a qual o teatro Bouffs du Nord, também el na mesma situação de destruição mas onde Peter Brook tem criado tão belos espectáculos (são outras civilizações!), o espaço parisiense é uma banalidade.

Este espaço destruído foi produtivamente conciliado com um dispositivo cénico fortemente construído, criado pelo arq.º José João Freitas, constituido por uma fachada com várias aberturas a dois níveis, ambos utilizados, e ao centro um espelho, e ainda por elementos também eles muito concretos que simulam os interiores da casa. Esta estupenda articulação entre as ruínas do Ginásio (o espanto daquelas escadas de ferro que na parede do fundo levam ao alto da teia! a teatralidade que um espaço socialmente contaminado mesmo que degradado e inutilizado impõe!) e a clareza, a geometria das foras direitas onde não existe nenhuma ambiguidade, essa articulação impõe desde logo a relação fulcral do texto — entre o sonho e o real, entra a matéria e a sua conceptualização, melhor, a sua poética.

Os sonhos, portanto, e as palavras da realidade, da erspectivação filosófica e política do real, que nos transportam de Calderón («A Vida É Sonho» surge no texto como referente dupla — as personagens e a citação da fábula) até Maio de 1968, passando por referências concretas a personalidades e a movimentos que Pasolini utiliza na sua dialéctica discursiva: Brecht («o ballet brechtiano do marxisto amargo», por exemplo), Picasso, Buñuel, Velasquez que é utilizado como forma dramatúrgica, a guerra civil espanhola, Franco e o fascismo, o nazismo, a juventude, etc.

O discurso pasoliniano, fortemente literário, impondo o texto como componente essencial, recuperando formas essenciais do teatro como um ritual da Palavra e da Ideia, evoca obsessivamente, no entanto sêm por isso se circunstancializar, os textos de filmes que fizeram a delícia de alguma cinefília dos anos 70 de que os «Cahiers du Cinéma» eram, para usar o cliché, a bíblia. Filmes de Straub e de Godard, por exemplo.

No entanto, este excesso de verbalização é recuperado, por um lado, pelo sentido ao mesmo tempo poético e teatral da palavra pasoliniana, por outro, e no caso deste espectáculo, pela maneira admirável como Mário Feliciano resolveu os espinhosos problemas da presença por vezes antiteatral do verbo e a sua relaboração em termos estritamente cénicos.

Antes de chegar aí devemos, no entanto, voltar aos sonhos, tendo em conta um dos muitos recados de Pasolini: a figura de uma personagem feminina, que se desdobra, como catalisador desses sonhos — talvez uma homenagem do autor à Mulher. Tenha-se em atenção que na peça de Calderón a principal personagem é Segismundo.

No primeiro episódio, Rosauro pertence a uma família aristocrática da Catalunha, com ligações estreitas a Franco. Um dia acorda junto da irmã, Estrela, mas não aceita a realidade que esta lhe quer impor. O seu sonho consiste na paixão por Segismundo que regressa do exílio, um homem que traiu a sua classe apoiando os republicanos, como a própria Doña Lupe, mãe de Rosaura, que voltaria ao redil. É o próprio Segismundo que nega a Rosaura a possibilidade do seu amor porque ela é filha dele. De regresso a Espanha ele violara Doña Lupe, vingando-se assim da sua traição ao seu amor e aos seus ideais de juventude. Rosaura ama Segismundo um homem derrotado e é amada por um médico psiquiatra, outro homem derrotado, demenciada pela impossibilidade do seu amor, Rosaura é internada, o que a liga à demência da última Rosaura, como demonstração do carácter de circularidade da peça, apontada pelo encenador.

No segundó sonho, Rosaura e a irmã, Carmen, são prostitutas, filhas de um servente de pedreiro. A aristocracia e grande burguesia, sucede, portanto, o lupem-proletariado. Um jovem é metido à força no quarto dela mas, como na primeira história, não chegam a fazer amor, embora também entre eles a paixão surja, violenta, já que o jovem, também ele, abandonou a família rica para assumir um destino revolucionário.

Desta vez é a um padre (que surge um desdobramento da personagem, como os dois irmãos da primeira Rosaura, marcado com muito rigor), a quem compete dar a notícia a Rosaura: ela não pode amar Pablo porque ele é filho dela. Entre o pai e um filho, Rosaura parece condenada ao incesto.

A terceira Rosaura, com uma situação social menos definida, entre a pequena e a média burguesia, casada e com filhos; o seu marido é precisamente Basílio que era suposto ser seu pai na primeira história, continuando com a irmã, agora Agostina. Aqui Rosaura recusa o seu sonho, não a sua realidade, e para o ocultar assume uma personalidade afásica, trocando o significado das palavras. No entanto, a sua cura, garante o médico, que pode ser o mesmo da primeira história, virá na Primavera, ou seja em Maio (1968). O verdadeiro sonho de Rosaura aquele que não poderá (não poderá?) ser realidade. O sonho de um real que é um pesadelo: o campo de concentração nazi, a libertação que é aqui sinónimo de revolução.

O texto de Pasolini, como é evidente, põe em questão as suas velhas obsessões: burguesia, fascismo, revolução, classe operária, amor, criação, poder e marginalidade. Fá-lo duma forma fascinante com aquela pujança verbal, aquela clareza (palavras e situações, mesmo sexuais, surgem sem véus), aquela convicção que o distingue. Certamente que há excessos que retiram ao texto e por isso ao espectáculo a energia de comunicação necessária, o que também provoca um tempo de espectáculo demasiado longo; no cômputo final, no entanto, esses excessos surgem absorvidos pela força dramática do texto e pela qualidade invulgar do espectáculo. Mário Feliciano, a exemplo do que fizera com o seu primeiro espectáculo português, com «A Casa de Bernarda Alba» («DL»/4-2-83), optou por uma contensão das tensões exteriores do texto através de formas geometrizadas levantadas através do dispositivo cénico já ferido (em que a cortina vermelha é o grito da disssonância necessária), dos figurinos, cujas cores e formas constituem produtivos jogos semânticos (contrastes, relações entre figuras, etc.); através da marcação, pela recusa do naturalismo, o uso de ritmos e formas precisos; pela própria marcação verbal, pela clareza da articulação, como raramente se escuta no nosso teatro.

António Fonseca e Júlia Correia numa cena de «Calderon»

Se hesito em considerar este espectáculo ao mesmo nível da criação com «A Casa de Bernarda Alba» deve-se isso a dois factores a ter em conta: porque o texto de Lorca é uma obra-prima enquanto o texto de Pasolini apesar da sua grandeza, capacidade de questionamento de problemas políticos, refinamento a elaboração dramatúrgica, é um texto teatralmente maculado pelos excessos referidos; porque era evidente a superioridade do elenco do Teatro Nacional (um notável trabalho de orquestra de câmara com alguns solos magistrais) sobre o elenco do espectáculo com «Calderón», no qual existem irregularidades que prejudicam irremediavelmente a homogeneidade do conjunto, com a agravante dessas irregularidades serem mais evidentes pelo carácter repetitivo e circular do espectáculo.

Por isso, não se pode deixar de distinguir o trabalho de alguns grupos de actores: caso de Luísa Cruz, a primeira Rosaura, um trabalho muito convincente pela assunção da personagem, caso de Carmen Santos que faz uma terceira Rosaura inesquecível, com aquilo a que é de uso chamar justamente força interior; caso de Júlia Correia que passa de irmã para irmã dando a cada uma personalidade específica, num trabalho triplo extremamente criativo; caso de Marques D'Arede, em Segismundo, um trabalho surpreendente de tranquilidade e de tensão, o melhor trabalho que lhe vimos; caso de António Fonseca que dá aos seus médicos as inquietações que o marcam; caso em papéis mais circunstanciais de Jorge Sequerra, em Henrique, o jovem revolucionário enviado de Maio, também o melhor papel que lhe vi, de Fernando José Oliveira e Pedro Rabaço. Pelo contrário, Bibi Perestelo, na segunda Rosaura não conseguir colocar-se ao mesmo nível, o que prejudicou o equilíbrio do espectáculo, embora por vezes consiga exprimir as matizes da personagem, que tem uma composição dramática mais forte; é o caso de Nestor de Sousa cuja voz, clara embora, como a máscara são pobres em registos e aquela, mesmo com um metal desagradável que prejudica a música pasoliniana; é o caso em parte de Fernanda Cardoso, ainda com pouca rodagem porque entrou a substituir Eugénia de Bettencourt e que confirma capacidades de expressão já reconhecidas. No entanto, os melhores e os menos bem, e ainda outros como Teresa Mónica, João Cabral, Gisela Cañamero e os pequenos João Coutinho e Vera Mónica S. Alves, não mantendo a homogeneidade e o equilíbrio que se desejaria, mantém um nível que é no nosso teatro, excepcional.

Como é excepcional este espectaculo pelo que nele há de polemico, tanto sob o ponto de vista ideológico como teatral, pela solução da encenação, pela fulgurância de algumas das passagens do texto, pela qualidade geral da interpretação. Um espectaculo que é indispensável ver.

Ficheiro do absurdo

KARTOTEKA, **de Tadeusz Rózewicz.** Encenação: **Antonino Solmer.** Música: **Carlos Zíngaro.** Interpretação: **Abílio Luís, Alfredo Nunes, Ana Maria Pereirinha, Antonino Solmer, Carla Branca, Carlos do Rosário, Inês Nogueira, Maria Emília Castanheira, Sofia Trincão, Zé Alexandre.** Grupo Contra Regra. **Caixa Económica Operária/3-10-87.**

Um título esquisito — **Kartoteka** — que significa, diz-se no programa, «dossier», arquivo, ficheiro (como os castelhanos traduziram), de um autor polaco pouco conhecido embora já representado em Portugal pela extintíssima Companhia Nacional 1/Teatro Popular, num espectáculo inesquecível dirigido por Fernanda Lapa com a peça «Casamento Branco», aliás bem mais interessante do que este «Ficheiro»... Sequências desta peça foram incluídas pelo Contra Regra no espectáculo «Ofício número barra oitenta e cinco».

Rózewicz nasceu em 1921 e iniciou-se na vida literária 17 anos depois como poeta. Participou na guerra como resistente e tem vivido em várias cidades polacas. É considerado o mais marginal dos dramaturgos marginais do seu país, tendo publicado numerosos livros de poesia e de teatro. A peça «Kartoteka» foi escrita em 1958 o que coloca o dramaturgo polaco, como é de justça, a par dos dramaturgos que lançaram, sem querer, o movimento que viria a ser chamado de teatro do absurdo, com Adamov, Bekkett, Ionesco (o autor com quem é mais identificável, parece-me), isto tendo em atenção o facto de que uma peça como «Casamento Branco» se situa noutros parâmetros. Por isso não é facil aceitar a exclusão do seu nome da conhecida obra de Martin Esslin, «Teatro do Absurdo», embora aquele historiador viesse a inclui-lo no v olume seguinte: «Para Além do Absurdo», onde aliás reconheceu que Rózewicz, com outros, está na origem da irradiação do teatro do absurdo na Europa do Leste.

É pois de interesse especialmente histórico a apresentação desta peça que nos dá novas perspectivas sobre aquele movimento embora as fórmulas utilizadas tenham perdido algum do seu impacte, mesmo que se mantenha viva a problemática do homem mergulhado na sua solidão e rodeado pela estupidez universal, de resto tese favorita do teatro do género.

Antonino Solmer, apesar dos poucos meios, conseguiu um trabalho bastante produtivo tanto no que se refere à maneira como levantou a complicada rede de conflitos que a peça contém como à maneira como jogou com os elementos jocosos, que não perderiam em ser acentuados, e ainda à maneira como individualizou cada personagem. Para isso contou com a experiência de Maria Emília Castanheira e com a sua própria, e trabalhou bem a inexperiência dos restantes intérpretes conseguindo um rendimento vocal bem marcado no caso do coro, e um espaço bem definido e povoado. O encenador foi também o intérprete do heroi da peça, aliás, do antiheroi, um excelente trabalho de composição e expressão. A música de Carlos Zíngaro não me agradou não por falta de qualidade mas porque o espectáculo pedia, parece-me, um outro tipo de música, digamos que mais absurda (ou quis-se contrastar?).

Talvez seja este um espectáculo que não vai muito longe porque o texto em que se baseia, repete-se, perdeu parte da sua energia, mas é um espectáculo suficientemente inventivo, bem representado, para valer a deslocação.

Carlos Porto

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

QUE SORTE DANADA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

JAMES BOND 007 — RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

JAMES BOND 007 — RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

QUE SORTE DANADA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930

LA BAMBA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

ENCERRADO

Berna
— T. 776098

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio
— T. 372358

SEXO AO VIVO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

CLUBE DA MEIA-NOITE — VAMP
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

AS NOITES QUENTES DE DALAS
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

INSTRUTOR DE KUNG-FU
(maiores 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 9434773

AS VIOLETAS SAO AZUIS
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

JOVENS, BELAS E LOUCAS
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

HISTÓRIAS DE UM QUOTIDIANO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

O PREDADOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

SUPERMAN II — AVENTURA CONTINUA
(n/acons. m. 13 anos)
15.30 e 18.30 h
SUPERMAN I
(n/acons. m. 13 anos)
21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

LA BAMBA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

A COSTA DO MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini
— T. 734009

JAMES BOND 007 — RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

PREDADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134

DELINQUENTE E DETECTIVE
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

O PREDADOR
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

QUE SORTE DANADA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

FREIRAS PERVERSAS
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

O BAR DO SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

ACTO SELVAGEM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama
T. 326305

A SELVA DE JADE
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

O CLANDESTINO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
2010, O ANO DO CONTACTO
(maiores 6 anos)
23.30 h

Sala 2

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(n/acons. m. 18 anos)
23.45 h

Sala 3

MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

WHAT?
(maiores 18 anos
23.45 h

Sala 4

O SACRIFÍCIO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A CARAVANA DA CORAGEM
(maiores 6 anos)
24.00 h

Roma
T. 889192

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

CROCODILO DUNDEE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

OS INTOCAVEIS
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 h

Sala 2

FULL METAL JACKET
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

JAMES BOND 007 — RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715

FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 24.00 h

Star
— T. 804210

CLUBE DA MEIA-NOITE — VAMP
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595

QUE SORTE DANADA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

OS TARADOS DOS FLIPERS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480

A TURMA DOS CHANFRADOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Vingador Solitário», às 21.30 h (maiores 16 anos).
AMADORA — Cinestúdio — «O Predador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «Quem é aquela Garota», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Humilhação», às 21.30 h (maiores 18 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Sahara», às 15.00 e 21.30 h (maiores 6 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Expresso da Meia-Noite», às 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «007 — Risco Imediato», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «Piratas», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Infielmente Tua», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Os Dias da Rádio», às 15.15 e 21.30 h (maiores 6 anos).

Sala 2 — «O Predador», às 15.30 e 21.45 h (maiores 6 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Encontro Inesquecível», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «007 — Risco Imediato», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Sala 2 — «Os Dias da Rádio», às 15.30 e 21.45 (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Os Malditos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).
ALMADA — Cinestúdio Almada — «La Bamba», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).

ALMADA — Incrível Almadense — «A Floresta Esmeralda», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «O Perito em Miami», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «007 — Risco Imediato», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Selvagens da Rua», às 16.15 e 21.45 h (maiores 18 anos).
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Novo Símbolo do Terror», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

PODER

DO ATLÂNTICO AO PACÍFICO

O Museu de Marinha apresenta a partir de hoje, na sala de exposições temporárias, uma exposição de fotografias intitulada «Do Atlântico ao Pacífico», da autoria do publicista Vasco Calixto, que recentemente se deslocou à América do Sul.

Esta mostra é composta por 90 imagens, a cores, obtidas pelo autor durante uma viagem que efectiou por estradas de quatro países - Brasil, Uruguai, Argentina e Chile - ligando assim o Atlântico ao Pacífico desde o Rio de Janeiro a Valparaíso e volta, num total de 9563 quilómetros, com uma dupla travessia dos Andes, a 3151 metros de altitude.

Constituindo um documentário fotográfico de muito interesse, nesta nova exposição de Vasco Calixto salientam-se as imagens que retratam a notável presença de Portugal no Brasil e no Uruguai, a escalada dos Andes e o rio Paraná, na Argentina, e no Chile a curiosa presença do nosso país nas ruas de Santiago, bem como a chegada ao Pacífico. Esta exposição pode ser visitada até 5 de Novembro, das 10 às 17, todos os dias excepto segundas e feriados.

Uma das fotos de Vasco Calixto expostas no Museu da Marina: «Em Gramado, no Sul do Brasil»

EXPOSIÇÕES

GALERIA DO PÁTEO ALFACINHA: inauguração da nova temporada desta Galeria de Arte, agora orientada pelo dr. Silva Santos, com uma mostra de Pintura de Francisco Gaia. Patente até 29 de Outubro, das 15 às 22.

MUSEU DA MARINHA (sala de exposições temporárias): exposição fotográfica «Do Atlântico ao Pacífico», da autoria do publicista Vasco Calixto.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 27 de Outubro, uma exposição de Thomaz de Mello/Tom, intitulada «De Luanda ao Cais do Sodré com paragem na Bahia». Patente todos os dias das 15 às 24.

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): exposição «A Galeria Nasoni na Altamira» com obras de Albuquerque Mendes, Armando Alves, Arpad Szenes, Darocha, Domingos Pinho, Gerardo Burmester, Joaquim Rodrigo, Jorge Pinheiro, José de Guimarães, Júlio Resende, Maria José Aguiar, Mário Américo, Pedro Tudela, Rui Aguiar e Vieira da Silva. Até 11 de Novembro, de segunda a sábado das 10 às 19.

TRIANGULO 48 (Av D. Vasco da Gama, 48-A):Pintura de Jorge Freire até 5 de Novembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52-Alvalade): escultura de Luís Newparth até 7 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

GALERIA DE ARTE A GRADE (Aveiro): pintura de Taraio até 23 de Outubro, das 10 às 12,30 e das 14,30 às 19.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 8 de Novembro, a exposição «A Heráldica nas Artes Decorativas Portuguesas», patente das 9 às 19.

ÓBIDOS (solar da Praça de Santa Maria):exposição sobre Pintura em Porcelana, até 27 de Outubro das 10 às 13 e das 14 às 18.

GALERIA VIRAGEM (Av. Marechal Carmona-Cascais): 1ª Exposição Viragem de Desenho e Gravura, patente todos os dias das 15 às 19. Artistas representados: Albertina Sousa, Ana Galvão, Ana Parreira, Carlos Amado, Ema Berta, Fernando Cruz, Graça Antunes, Ilda Reis, Isabel Pena, João Samina, Jorge marcel, José Júlio, José Paulo Ferro, Luisa Nogueira, Lurdes Leite, Maria gabriel, Maria Irene Ribeiro, Matilde Marçal e Teresa Black.

GALERIA MONUMENTAL: até 20 de Outubro, a exposição de Geraldine Zwanikken, «A Tenda», com pinturas, objectos, colagens, instalação, video, performances, diaporama.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL (Porto): exposição bibliográfica «Os Almadas», até 31 de Outubro.

GALERIA EMI (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 5 de Novembro, exposição com obras dos cinco artistas escolhidos para participarem na 19ª Bienal de S. Paulo no Brasil: Joaquim Bravo, Pedro calapez e Teresa Magalhães (pintura) e José Pedro Croft e Rui Sanches (escultura). De terça a sábado das 15 às 19.

MERIDIEN LISBOA (foyer do 2º andar): máscaras de cerâmica metalizada da autoria de Domingos Oliveira, até dia 19 das 9 às 23.

TEATRO MIRITA CASIMIRO (Estoril): por iniciativa da Câmara Municipal de Cascais, a exposição «Oeiras por 5000 Anos» - uma mostra fotográfica sobre as várias campamhas de escavações já realizadas. Dado o carácter essencialmente didático desta mostra, vocacionada para as escolas, o gabinete de Arqueologia da Câmara de Cascais aceita marcações de visitas.

GALERIA ALMADARTE (Shoping Center Marimar-Costa de Caparica): duas exposições até 31 de Outubro: uma colectiva de pintura, escultura, cerâmica, tapeçaria, colagem e serigrafia com trabalhos de Louro Artur, Cargaleiro, Ana Palacin, Artur Bual, Francisco Almada, Francisco Simões, Jorge Pé-Curto, Maria Viana, Rico Sequeira, Ribeiro Farinha, Hogan, António Carmo, José Azevedo, Rogério Amaral, Álvaro Perdigão, Kira, Agostinho Nogueira Lopes, Rui Matos, Francisco Nunes Oliveira, Katy e José Guimarães; uma exposição individual (pintura) de Rui Viana. Estas mostras podem ser visitadas às sextas, sàbados e domingos das 15 às 22 horas.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): até 31 de Outubro, de terça a sábado das 14 às 20, uma exposição de esculturas (ardósias de Valongo) da autoria de Luís Cruz.

GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas): pintura de Carlos Carreiro, Lima de Freitas, Noronha da Costa e Rogério Amaral. Até 2 de Novembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 16 às 18.

GALERIA MUNICIPAL DO MONTIJO: Exposição II Prémio de Artes Visuais da Cidade do Montijo. Até 25 de Outubro, de terça a domingo das 15 às 21 horas.

GALERIA FONTE NOVA (Centro Comercial da Est. de Benfica, 503): pintura de Kira até ao dia 22, diariamente das 10 às 24.

GALERIA DE ARTE ARCADA (Parque do Estoril): exposição de Helena Lousinha - grafite sobre papel. De terça a domingo das 11 às 20.

BRAGANÇA (Museu do Abade de Baçal): exposição de gravuras da Colecção Calouste Gulbenkian, patente até 15 de Novembro.

CENTRO CULTURAL SÃO LOURENÇO (Almancil): exposição de pintura de Jules Heyndels, «O Outro Algarve», até 14 de Novembro. Em exposição permanente no Centro Cultural, João Cutileiro, Gunter Grass, José de Guimarães, Jorge Mealha, Susan J. Norrie e Glyn Uzzell.

GALERIA GILDE (S. Torcato-Guimarães): pintura e gravura de Paiva Raposo, de terça a domingo das 15 às 19.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): gravura em metal de Maria Irene Ribeiro, «Um certo jardim em Angra». Até 3 de Novembro, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19 .

FORUM PICOAS: patente até 25 de Outubro uma exposição única de fotografia profissional inglesa, da Associação de Moda, Publicidade e Fotógrafos Editoriais. Diariamente das 12 às 24.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 25 de Outubro, patentes ao público três exposições: «Fotografia Jovem», «25 Fotografias de Eduardo Gageiro» e «Incêndios Florestais - Uma Agressão à Vida», por iniciativa do Gabinete do ministro adjunto e da Juventude.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de escultura de José Esteves.

GALERIA DO MERIDIEN PORTO: exposição de escultura de Carlos Barreira, Carlos Marques, João Antero e Zulmiro de Carvalho.

BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande, 83): exposição sobre o matemático e poeta José Anastácio da Cunha (1744-1787), no bicentenário da sua morte, organizada pela Biblioteca Nacional e pela Comissão de Lisboa de Homenagem. Patente de segunda a sexta das 10 às 17, até 13 de Novembro.

GALERIA IAM (R. da Misericórdia, 92-1º): pintura de Tilda Thamar até 23 de Outubro, das 10 às 13 e das 15 às 19.

ANIKIBOBÓ (R. da Fonte Taurina, 36-à Ribeira/Porto): a Galeria Monumental apresenta a exposição colectiva que esteve patente na Marca-Madeira-87.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO (R. da Voz do Operário, 13): colectiva de A. Folgado, A. Castilho, Pedro Monteiro e José Mouga (desenho e pintura), até 30 de Outubro das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

BAILADO

TEATRO S. CARLOS: às 21 horas, «Giselle», bailado em dois actos com coreografia de Jorge Garcia, segundo Coralli, Perrot e Petipa, música de Adolph Adam e cenários de Feruccio Villagrossi. Artistas convidados: Ludmila Semeniaka e Yuri Posokov, do Bolchoi de Moscovo. Pela Companhia Nacional de Bailado do S. Carlos, director artístico Armando Jorge. Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional de S. Carlos com direcção musical de Manuel Ivo Cruz.

MÚSICA

GRÉMIO LITERÁRIO: às 22 horas, recital de cravo, na sala da biblioteca, por Felipe Silvestre, com obras de Carlos Seixas, J. Ph. Rameau, Scarlatti e J. S. Bach.

IGREJA DA GRAÇA: VIII Jornadas de Música Antiga às 21,30, com Música Catalã do Século XVII.

LIVROS

SPA (Av. Duque de Loulé, 31): Soledade Martinho Costa e Editorial Presença apresentam. às 18,30, o livro «15 Poemas do Sol e da Cal», com a participação do actor Rui de Carvalho.

POESIA

TAVIRA (Cine-Teatro): a Casa-Museu Álvaro de Campos apresenta um Recital de Poesia Completa de Álvaro de Campos, com a participação de vários profissionais do Teatro (entre outros, Diogo Dória, Paulo Lages, Graça Lobo, Luís Lucas e Isabel Pereira). A terminar o programa de manifestações comemorativas do aniversário de Álvaro de Campos e da inauguração da Casa-Museu, amanhã no Palácio da galeria, às 21,30 uma mesa-redonda.

TEATRO

TEATRO NACIONAL D. MARIA II: inauguração da temporada com a reposição da comédia de António José da Silva (O Judeu) «Guerras do Alecrim e Mangerona», com encenação de Carlos Avilez, cenários e figurinos de Helena Reis e apoio coreográfico de Águeda Sena. Interpretação de Manuel Coelho, João de Carvalho, Carlos Pimenta, S. José Lapa, Catarina Avelar, Paula Mora, Fernanda Borsatti, António Anjos e Vítor Ribeiro.

ESPECTACULAR

ESPECTACULAR

Os telespectadores viram, certamente com agrado, aquele espectáculo em que participaram tantos e tantos dos nossos melhores cançonetistas. Estes, uma vez mais, trabalharam graciosamente.

Agora, porém, faziam-no em favor deles próprios. Está certo.

O produto revertia a favor da construção da Casa de Repouso do Artista. Além da participação dos artistas, contaram ainda com os réditos da publicidade. Muitos dos tostões adquiridos vieram ainda de um leilão de coisas verdadeiramente preciosas, algumas autênticas relíquias como o xaile com que a Amália Rodrigues cantou a primeira vez no Olimpiá.

Nos Estados Unidos há todos os anos uma festa para a sua Casa dos Artistas. Não sei se mete leilão. Pra vender o quê, se eles não têm antiguidades?

Também na Inglaterra há a Gala da Rainha, já nossa conhecida, e também com os mesmos fins.

Lá, como cá para tranquilidade de suas velhices, têm os artistas de pedir e leiloar. Com o Poder a assistir no camarote. E a rir...

José Miranda

Farmácias

Lisboa — **PERMANENTE — AJUDA: Moura**, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALCÂNTARA: Vieira Rosa**. R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); **AREEIRO: Vera Cruz**, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ESTAÇÃO - URUGUAI: Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAMÕES: Sanitas**, P. Luís de Camões, 22-24 (T. 322798); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **GOMES FREIRE: Salutar**, R. Conde Redondo. 9-B (T. 683694); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Novais**, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 544324); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 2-I (T. 7584144); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS - CHILE: Antolin**, Av. Almirante Reis. 88-B-C (T. 821773); **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU: Frazão**, R. das Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano de Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS - LICEU D. DINIZ: Lopes Cortez**, R. Rui de Sousa, lote 65-A, loja B (T. 886565); **SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — **ALMADA: Central**, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-. Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2286119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233038). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340127). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — **ALGÉS: Miraflores**, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — **AMADORA: Dias & Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940118). Permanente; **Carmele**, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 9375566). Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173-E (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

DL TEATROS

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a 6.ª-feira, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, às 16.00, 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«TOMA LÁ REVISTA«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 [illegible]

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez.

Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64. Telef. 875610. De 3ª a sáb. às 21.30. Dom. às 16

KARTOTEKA, de Tadeusz Rozewicz, pelo Contra Regra. Enc. de Antonino Solmer. Música de Carlos Zíngaro.

Sala Covo Portuense

R. de Camões, 578. Telef. 28344. De 3ª a dom. às 21.45.

TIO VÂNIA, de Anton T 13.16 kov, pelo Seiva Enc. de Fernando Umaña

Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108. Telef. 22550. D 2ª a dom. às 21.30. Sáb. às 20.30 e 23. Dom. às 16 e 21.30.

AQUI HÁ FANTASMAS, de Henrique Santana. Direcção de João Quintão.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Teatro Ginásio

R. Nova da Trindade, 5 — Tel. 32 03 96

De terça a domingo, às 21.00

«CALDERÓN«, de Pier Paolo Pasolini. Tradução: Mário Feliciano e António Barahona. Encenação: Mário Feliciano. Cenários: José João Freitas. Figurinos: José Gonçalves. Interpretação: António Fonseca, Bibi Perestrelo, Cármen Santos, Fernanda Cardoso, Fernando Oliveira, João Cabral, Jorge Sequerra, Júlia Correia, Luísa Cruz, Marques d'Arede e Teresa Mónica. Últimas representações.

Teatro dos Modestos

Rua Gonçalo Cristóvão, 190. telef. 20412. Dias 1,2 e 3 às 21.30. Dia 4 às 18.

A NOITE DA SENHORA LUCIANA, de Copi, por Os Comediantes. Enc. de Fernanda Lapa.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettecourt — Tel. 73 43 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 11.00

«CHARCUTERIE FINE«, de François-Louis Tilly. Tradução de Luiza Neto Jorge. Direcção de Jean-Pierre Tallhade. Interpretação de José Carvalho, Fernanda Neves, Luís Castro, Cremilda Gil e F. Pedro Oliveira.

Inst. Franco Português

Av. Luís Bivar, 91 (Telef 544574/544389.

De 2ª a sáb. às 21.30. Domig. às 16.00

«SOCORRO SOU UMA MULHER DE SUCESSO», de Allosio Colli Gaber. Cen. João Rocha. Enc. Io Apolloni. Canções de Nno Gomes Santos. Interp. Io Apolloni.

TEATRO ABERTO

P. Espanha, Metro Palhavã — Tel. 770969

De 4.ª a sáb., às 21.30; sábado e domingo, às 16.00

«A DAMA DO MAXIM'S», de George Feydeau. Versão de Luís Francisco Rebelo, Vera San Payo de Lemos e João Lourenço. Música de Eduardo Paes Mamede. Fig. de Vera Castro. Cen. de Nuno Carinhas. Enc. de João Lourenço.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Rossio, Telef. 372246. De 3.ª a sáb., às 21.30, sáb. e dom. às 16.

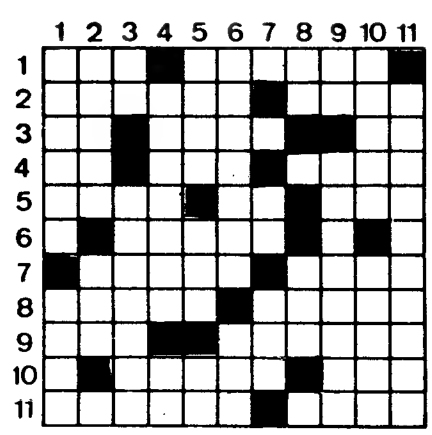
GUERRAS DE ALECRIM E MANGERONA, de António José da Silva. Enc. de Carlos Avilez, Int. de Manuel Coelho, João de Carvalho, Carlos Pimenta, S. José Lapa, Catarina Avelar, Paula Mora, Fernanda Borsatti, António Anjos e Vítor Ribeiro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 160

HORIZONTAIS:

1 Artigo indefinido. Esposa.
2 Bálsamo (pl). Recua.
3 Item. Dar aviso de alguma coisa em voz alta. Antes do meio-dia.
4 Cálcio (s.q). Bigorna de aço sem hastes. Nome de fruto.
5 Sílaba acentuada. Apelido. Chiste.
6 Metes em aspas.
7 Aumento de preço de valor (pl). Comer à ceia.
8 Amuletos. Película cinematográfica.
9 Estava. Debulham cereais.
10 Divulgação (fig). Cubro de iodo.
11 Sorte. Nome de flores.



VERTICAIS:

1 Exclusivas. Mal parecida.
2 Assassinar. Oásis.
3 Viração. Temperava com sal.
4 Abomina. Artigo definido.
5 Cidade da Arábia. Utensílios domésticos. Medida japonesa igual a dois decilitros.
6 Empregasses. Ruim.
7 Carta de jogar. Nota musical.
8 Existe. Pestana.
9 Era cristã. Exemplo (pl).
10 Saíra frequentemente à rua. Querida.
11 Afiaremos.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º 17 159

HORIZONTAIS:

1 QUEIJO. É. Má.
2 Urrô. Pi. BOM.
3 Ira. Cremara.
4 Nasal. Léu.
5 Tacos. Cr.
6 Arruma. Aura.
7 Airosas. Id.
8 Ar. Avó.
9 Ab. Dó. Armas.
10 Damos. Ad.
11 Ora. Obras.

VERTICAIS:

1 Quinta. DADO.
2 Urra. Ra. Bar.
3 Eras. Ri. Má.
4 Io. Aturado.
5 Clamorosa.
6 Rio. Cãs.
7 PELO. AVARO.
8 Mesas.
9 Baú. Amar.
10 Mor. Crivada.
11 Amarrados.

PROVÉRBIO: Queijo é bom dado pelo avaro.

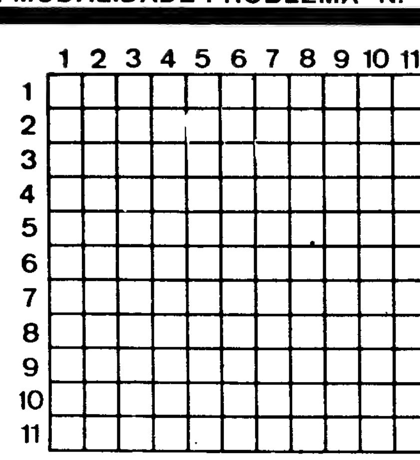
NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 985

HORIZONTAIS:

1 Cidade da Grécia, ao Norte do Epiro. Cidade da Alemanha.
2 Cidade da Arábia. Riscai.
3 Espertalhão. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
4 Aguçaremos.
5 Seguia. Fortifico. Utensílios domésticos.
6 Césio (s.q). Enterro.
7 Prendes. Acolá.
8 Composição poética. Lista.
9 Caras (pop). Voz onomatopaica imitativa de choro ou riso.
10 Enfeitas.
11 Ligeiramente frio. Européo (s.q).

VERTICAIS:

1 Ilha inglesa das Grandes Antilhas. Abreviatura de Telégrafo (ou Telefonia) sem fio.



2 Figura gigantesca que simboliza o cabo Tormentório.
3 Imperador romano célebre pela sua crueldade. Modere.
4 Oferecessem em sacrifício.
5 Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África. Medida de capacidade hebraica.
6 Torturado.
7 Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Guarneço de asas.
8 Cidade da Alemanha. Acrescentando uma vogal é deus do vinho (inv). Nota musical.
9 A parte mais elevada das cidades gregas, que em geral servia de cidadela. Despido.
10 Nota musical. Nome de peixe.
11 Liga. Adicionais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 984

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Guetim. Fato.	1 Guilheiro.
2 Urraca. Ares.	2 Uraí. Erra.
3 Ia. Castigas.	3 Er. Michigão.
4 Limasses. Re.	4 Tacanho. An.
5 In. Ca.	5 Iças. Agadir.
6 Encharcadas.	6 Massaruca.
7 Hogue. Or.	7 Te. Céu. Am.
8 Rei. Acudira.	8 Faísca. Daca.
9 Orgada. Adir.	9 Grã. Adoidar.
10 Rani. Acame.	10 Tear. Arrima.
11 Cão. Remaram.	11 Ósseos. Arem.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

14.55: Panorama, da obra de Schumann; **16.30**; Álbum musical; **17.00**: Estórias da História; **17.40**: Trechos, de ópera; **18.40**: Interpretações, da Orquestra de Franck Pourcel; **19.00**: Integrais; **19.30**: Música coral sinfónica; **2.40**: Música, para violino; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: Sonata, op. 78, «Fantasia», de Schubert; **22.00**: Música vocal comentada; **23.30**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

Canal 1

Rede Nacional de OM/FM

15.00: Terceira Vaga; **18.00:** Jornal da tarde e Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Fim de Tarde; **20.00:** Programa da Lar; **20.30:** Cidade Nova: **21.00:** Luzes da Ribalta; **23.00:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial; **23.55:** Meditando: **00.00:** O Sol da Meia-Noite; **02.00:** O Correio da Noite: **05.00:** Homens da Terra; **06.57:** Sementes de reflexão.

Canal 2

Rede Nacional de FM Estéreo

20.00: Serra da Estrela; **22.00:** Oceano Pacífico; **00.00:** O Último Metro; **02.00:** A Ilha dos Encantos; **03.00:** As Noites Brancas da RFM; **06.00:** A Casa do Sol Nascente.

Voz do Alentejo

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca (Canal 1); **18.30:** Transmissão do Terço (Canal 1); **19.00:** Grande Bazar.

TELEVISÃO

RTP

17.31 - Sumário
17.35 - Brinca Brincando
«O Vento nos Salgueiros» e «A Mascarada»

18.25 - Missões de Paz
Último episódio

18.55 - O Império de Carson
4º Episódio: Bill vai de avião a Ballarat para trazer a testemunha para Melbourne, mas no voo de regresso o avião cai e Bill e a testemunha morrem.

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorologico

20.08 - Direito de Antena
«Associação de Secretárias Portuguesas», «Associação Portuguesa de Bancários para a Cooperação» e «Associação Nacional de Supermercados»

20.15 - Roque Santeiro
4º Episódio: O delegado e o perfeito descobrem que retiraram o nariz da estatua de Roque Santeiro. Uma operação policial de grande envergadura é rapidamente montada para descobrir o pedaço da estatua. Porcina lê atentamente o guião do filme e pede a Gerson que corte a parte que refere o noivado de Roque Santeiro com Mocinha, antes do casamento com ela. Porém Mocinha exige a sua presença no filme ameaçando fazer escandalo nos jornais no caso do corte se verificar. Giló tropeça no nariz da estatua, mas não repara.

21.05 - Sete Folhas

21.15 - Primeiro Andamento «Sonatas de Beethoven por Sequeira Costa»
Esta é a primeira transmissão integral das 32 Sonatas de Beethoven, que a RTP tem vindo a gravar desde 1985 com o pianista Sequeira Costa.

Nesta 1ª fase de 6 semanas será apresentada a Sonata Op-Aurora

21.45 - Telemundo
«Os Misseis de Cuba»

22.20 - E As Trevas Cobriram a Terra
Situada em Espanha, nos finais do século XV, esta série aborda dois sentimentos permanentemente em foco: o poder e a culpa. A principal personagem é o Padre Thomas Torquemada, um homem infame que em 1478, com 58 anos de idade foi nomeado chefe da Inquisição em Espanha e que, passados poucos anos, se considerva o criador do «Reino de Deus na Terra». A história cobre os últimos treze anos de vida de Torquemada, de 1485 a 1498, e centra-se no seu relacionamento com Diego Menente, o seu jovem secretário

Às 15.35 no 2º canal, o 1º episódio da série «As Blue Bell»

23.30 - 24 Horas
00.05 - Remate

RTP 2

15.35 - As Blue Bell
1º Episódio

16.30 - Trinta Minutos Com...
17.00 - Countdown
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Simon Show

19.55 - Hitchcock Apresenta...
96º Episódio: Seymour Johnstone não suporta a ideia do pai ter deixado a herança a uma tia, em vez de lha ter deixado directamente a ele. E, como não está disposto a ter de esperar pela morte da tia para ficar rico, põe em prática uma ideia «brilhante» para apressar os acontecimentos.

20.20 - Os Malucos do Circo
10º Episódio

20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Shoah
3º Parte

«Sonatas de Beethoven por Sequeira Costa», no 1º canal às 21.15

AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.31 - Sumário
17.35 - Brinca Brincando
18.00 - Memória Audio-Visual
18.50 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.00 - Sete Folhas
21.05 - Mobil nos Caminhos de Portugal
21.20 - E As Trevas Cobriram a Terra
22.15 - O Programa das Festas
22.45 - 24 Horas
23.15 - Remate
23.25 - Pela Noite Dentro

RTP-2

13.16 - Os Imigrantes
14.00 - Agora Escolha!
15.35 - O Mundo é Um Palco
16.30 - Trinta Minutos Com...
17.00 - Countdow
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Simon Show
19.45 - Alamanaque
20.00 - Hitchcock Apresenta...
20.30 - Os Malucos do Circo
20.55 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.00 - Shoah
23.50 - Troféu

ESPECIAL FÉRIAS/87

NO HOTEL DO PARQUE

✧✧✧✧

VIANA DO CASTELO

1972-1987: 15.º ANIVERSÁRIO

No ano do seu 15.º aniversário, o Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou, para si, um programa especial «Férias 87» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre, no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, etc.

7 dias – 12 250$00 p. pessoa em quarto duplo no mês de Outubro. Pequeno suplemento em ocup. single. Peça-nos programa detalhado «Especial Férias 87» por escrito. Código Postal (C.P.) 4900 – Através dos teles. 24151/5 – Telex 32511 ou no seu agente de viagens.

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1
E As Trevas Cobriam a Terra

RTP 2
Shoah

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça 17
Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telef. 4197570

"O Império de Carson"

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 / 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 15-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira: 55$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

A Comissão da CEE criou uma unidade especial para reforçar a luta contra as fraudes com dinheiro comunitário - revelou hoje um porta-voz em Bruxelas. O grupo de dez membros, operando sob a responsabilidade directa do presidente da Comissão europeia, Jacques Delors, vai coordenar o trabalho das células anti-fraudes em vários departamentos daquele orgão. O reforço da acção anti-fraude não se dirige apenas ao sector agrícola, onde foram descobertos vários casos de má utilização de subsídios comunitários, em diferentes países. Esta medida aplica-se também aos fundos social e regional, à ajuda ao desenvolvimento e aos problemas científicos.

Nobel da Química para dois americanos e um francês

Três cientistas, dois norte-americano e um francês, dividem este ano o Prémio Nobel da Química, ontem atribuído em Estocolmo. Trata-se dos americanos Charles Pedersen e Donald Cram e do francês Jean-Marie Lehn. O prémio foi atribuído pelo trabalho dos três cientistas na criação de compostos relativamente simples que realizam as mesmas funções que as proteínas naturais. «Fizeram-se grandes progressos nos últimos 20 anos para se alcançar este objectivo e são os feitos pioneiros neste domínio particular que agora se reconhecem», refere a declaração da comissão que atribui o Prémio Nobel.

Deputado do PSD salvou-se da morte sob projector no Parlamento Europeu

Um projector de iluminação de 100 quilogramas soltou-se do tecto da sala de plenário do Parlamento Europeu, caindo no lugar habitualmente ocupado por um deputado português, Manuel Pereira, do PSD.

Nenhum dos eurodeputados foi atingido pelo projector, que se despenhou de uma altura de 15 metros, quando acabava de falar o presidente da República da Irlanda.

Quanto ao deputado português, foi salvo por uma delegação Académica de Coimbra, que fora recebida na altura no seu gabinete.

O Parlamento Europeu, de imediato, requereu um inquérito judicial para determinar as causas do incidente.

No grupo liberal, Manuel Pereira senta-se atrás da ex-ministra francesa Simone Veil.

Entretanto foram retirados da sala todos os outros projectores de tecto, que eram utilizados para cobertura televisiva do Parlamento.

Governo belga apresenta demissão

O primeiro–ministro belga, Wilfried Martens, apresentou hoje a demissão do seu governo ao rei Balduíno, depois de ter sido incapaz de resolver uma questão de ordem linguística qie se arrasta há muito tempo.

«O primeiro–ministro apresentou a demissão do seu governo ao rei, que está a reflectir antes de tomar uma decisão», disse um porta–voz.

Martens, de 51 anos, que dirige pela sexta vez o governo belga, foi ao palácio real depois de não ter conseguido obter o apoio da coligação de centro–direita para um plano que se destinava a resolver uma crise relacionada com um funcionário de um enclave flamengo numazona rural de língua francesa.

A crise começou quando José Happart, presidente da Câmara do enclave de Voeren (Fourons em francês), recusou demitir–se mesmo depois de um Tribunal ter anulado a sua eleição de 1982.

Nos últimos anos a questão Happart tem afectado o governo Martens composto por democratas–cristãos e conservadores, divididos por razões linguísticas,

Há exactamente um ano, a mesma questão causou uma crise governamental que foi resolvida depois do rei recusar a demissão de Martens.

DECARAS

MANUEL DA FONSECA faz anos hoje. Quantos? Não se pergunta a um poeta quantos anos tem. O autor de «Rosa dos Ventos» tem a idade dos seus poemas, tem a juventude dos seus contos, tem a agilidade da prosa dos seus romances. Tem a vida da sua obra. E, por isso, o romancista de «Cerromaior» e de «Seara de Vento», vence os anos. A conversar e a erguer figuras que protagonizam as histórias reais que inventa, o Manuel da Fonseca está, todos os dias, mais jovem. Um aniversário, entre os cinquenta e os oitenta, passa hoje.

CORAZON AQUINO efectuou uma visita inesperada à província de Bulacan, onde tropas governamentais e rebeldes comunistas travaram o mês passado violentos combates. Assessores da Presidente filipina disseram que Aquino se deslocou de helicóptero até à área para falar com os habitantes de uma localidade piscatória da daquela província, a 32 quilómetros de Manila. O secretário adjunto de Imprensa, Benedicto David, afirmou que a Presidente se deslocou a Bulacan em cumprimento da sua promessa eleitoral de «consultar o povo». «Não é uma manobra publicitária. Ela faz isto muitas vezes», disse David.

GEORGE SHULTZ, secretário de Estado norte–americano, informará o Conselho Atlântico dos resultados das suas conversações em Moscovo sobre o princípio do acordo de desarmamento global dos mísseis nucleares da NATO e do Pacto de Varsóvia. Fontes Atlânticas anunciaram ontem que a reunião de Shultz com os responsáveis dos Assuntos Exteriores dos países da NATO está prevista para 24 de Outubro.

CARDOSO E CUNHA, comissário das Pescas da Comunidade Europeia, chega hoje a Portugal para uma visita que se prolonga até sábado. Cardoso e Cunha visitará os portos piscatórios de Peniche, Matosinhos e Aveiro, bem como unidades fabris do litoral norte dedicadas à transformação dos produtos da pesca. O comissário português reunirá ainda com organizações de produtores e com associações de armadores.

MAGALHÃES MOTA ficou em primeiro lugar no concurso efectuado para a direcção dos assuntos jurídicos do Parlamento Europeu, a larga distância de San–Bento Menezes. Foi referido expresamente aos jornalistas que houve por parte da Presidência da República e do Governo tentativas de influenciar o Parlamento Europeu na nomeação do funcionário português, tentativas que foram classificadas como «um conjunto de pressões muito fortes». Hoje o «bureau» do Parlamento Europeu vai analisar o assunto, admitindo–se, inclusivamente, que o concurso venha a ser anulado e, nesse caso, Portugal poderá perder o direito ao lugar.

ANTÓNIO FERNANDES: um dos irmãos de Venceslau é notícia. Imaginem só: na África do Sul, durante uma corrida «clandestina», agrediu com uma roda de bicicleta o italiano Rabuschi, que o agarrara pelos calções impedindo-o de vencer um «sprint». Uma vez mais (estamos certos) a Federação Portuguesa de Ciclismo sacudirá a água do capote, proclamando que nada sabe da presença de Fernandes (e outros colegas) no país marcado pelo «appartheid»...

Temporal no Norte causa danos materiais no Porto e em Braga

O temporal que assolou a região Norte do País durante a madrugada de hoje continuou esta manhã, causando danos materiais ainda de cálculo difícil. No Porto, as fortes rajadas de vento derrubaram algumas árvores, e ainda há pocas horas o Batalhão de Sapadores Bombeiros acorria à desbstrução das vias, segundo informação de um responsável daquela corporação ao «DL».

Quedas de taipais e tapumes, ou de andaimes de prédios em obras, contribuíram também para a danificação de vários veículos estacionados. Segundo a Brigada de Trânsito da GNR do Porto não houve acidentes a registar.

Registaram-se mais de 30 saídas dos sapadores bombeiros durante a madrugada: removeram-se 14 árvores, algumas delas de grande porte, retiraram-se as chapas soltas que ameaçavam desprender-se em 8 prédios e socorreram-se de7 casas para o escoamento da água que inundava as caves.

O Instituto Geofísico da Universidade do Porto, com observatório instalado na serra do Pilar, registou como máxima ua rajada de vento de 91 quilómetros por hora às 4 e 58 de hoje, com rumo Sul/Sudoeste, e a precipitação de 38,2 litros por metro quadrado ntre as 9 horas de ontem e as 9 de hoje.

A agitação do mar, com ondulação de sete metros, levou também ao encerramento da barra do Douro e do porto de Leixões.

"DL" oferece bilhetes para as finais Renault

O «DL» vai oferecer aos seus leitores bilhetes para as finais das Copas Renault Europa, que se realizam neste fim de semana, no Autódromo do Estoril.

Estes bilhetes serão entregues pessoalmente aos primeiros leitores que os solicitem.

Os interessados deverão dirigir–se á Rua Luz Soriano, 44, hoje, das 21 às 23 horas, ou amanhã até ás 13 horas.

As finais Renault Europa vão movimentar cerca de 300 pilotos de diversos países.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 324

Evocando o olhar de Murilo Mendes e a sua poesia

É hoje inaugurada ao fim da tarde, na Sala de Exposições Temporárias do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, a exposição que reúne «a colecção europeia de Murilo Mendes», quase toda resultante de dons dos próprios artistas. Como diz Marisa Volpi, professora de História de Arte Contemporânea na Universidade de Roma, «as obras de arte que a compõem estão ao abrigo de polémicas ideológicas, de perversões, de mercantilismos e são todas elas e na sua diversidade, portadoras duma espécie de **genius loci**: o olhar do poeta».

Nascido em Juiz de Fora, no Brasil, em 1901, e falecido em Lisboa em 1975, Murilo Mendes foi o autor de livros como **Poemas, História do Brasil, Tempo e Eternidade, A Poesia em Pânico, O Visionário, As Metamorfoses, O Discípulo de Emaús, Mundo Enigma, Poesia Liberdade, Contemplação de Ouro Preto, Tempo Espanhol**... e deixou inéditos mais dez livros, alguns dos quais em italiano e francês.

Sobre ele escreveu Manuel Bandeira:»... Murilo/ Grande poeta/ Conciliador de contrários/ Incorporador do eterno ao contigente.» E Carlos Dummond de Andrade: «Estes poetas são meus. De todo o orgulho, /de toda a precisão se incorporaram/ ao fatal meu lado esquerdo. Furto/ a Vinicius/ sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo./ Que Neruda me dê sua gravata chamejante. Me perco em Apolinaire. Adeus, Maiakovski.»

João Cabral de Melo Neto falou dele nestes termos: »... Sua poesia me foi sempre mestre, pela plasticidade e novidade da imagem. Sobretudo foi ela quem me ensinou a dar precedência à imagem sobre a mensagem, ao plástico sobre o discursivo.»

Uma larga evocação de Murilo acompanha em Lisboa a inauguração desta mostra do «seu olhar»:

Terça-feira 20, na sala da mostra, tem lugar, às 18 e 30, uma mesa-redonda com a participação de Luciana Stegagno Picchio, da Universidade de Roma, Federico Brook, do Instituto Latino-Americano de Roma, David Mourão-Ferreira e Fernando de Azevedo.

No dia 22, Sílvia Chicó guia uma visita à exposição, à mesma hora.

Dia 27, sempre às 18 e 30, no Auditório Três da Gulbenkian, o embaixador Alberto Costa e Silva, Sophia de Mello Breyner e Luís Miguel Cintra (que lerá poemas) estão num «encontro com Murilo Mendes».

Aqui ficam depoimentos de Luciana Picchio, Ruggero Iacobbi, e Marisa Volpi sobre o poeta, seguidos de um excerto da «Nota Liminar» que o próprio Murilo escreveu para a sua «Antologia Poética», editada pela Moraes em 1964.

«Poeta brasileiro dos maiores do século XX, combatente de todas as batalhas para libertar o homem da opressão dos seus semelhantes e para franquear a palavra, forma expressiva peculiar dos humanos, de todas as tiranias: dos anos, das academias, do uso burocrático e apoético da língua.»

Luciana Stegagno Picchio
(no texto escrito para o catálogo da Exposição)

«Murilo Mendes é, com Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Lima, um dos três poetas mais importantes da segunda geração Modernista; I geração de resto riquíssima de nomes de alto valor. Mas é indubitável que a visão barroca e apocalítica de Jorge, a pungente e muitas vezes cruel humanidade de Drummond, a mensagem libertária e ecuménica de Murilo constituem os três pontos cimeiros desta fase do movimento renovador. Nas obras deles tudo o que havia de polémico e de experimental no Modernismo de 1922 cede o passo a uma pesquisa madura da linguagem e a soluções pessoalíssimas, mas abertas sobre interesses universais.

O lirismo casto e comovido que era a glória de Manuel Bandeira ligado a uma experiência privada, alarga-se agora a uma problemática bem mais rica e complexa, de ordem ética, religiosa e abertamente social.»

Ruggero Iacobbi
(In «Paese Sera». Roma 23-6-61)

Foto Giovanna Pilemonti

Murilo Mendes

«Murilo Mendes, que era brasileiro e que aos vinte anos participou no movimento 'modernista' local, desde cedo entrou em contacto com as vanguardas literárias e artísticas europeias (já em 29 se correspondia com Chagall) que formaram um estrato da sua escritura. Mas só tarde veio à Europa. Era casado com Maria da Saudade Cortesão, filha dum conhecido historiador português, exilado no Brasil. Portugal era então dominado por Salazar e a Espanha por Franco; deste último, Murilo teve um *non placet* quando ali pretendia ir exercer uma missão cultural. Foi então nomeado para Bruxelas e para a Holanda, em cujas universidades ensinou, mas sempre na mira de Paris. Para aí deviam guiá-lo idealmente seus amigos, os pintores Vieira da Silva e Arpad Szenès. Chegou tarde, mas pleno de entusiasmo, ao lugar onde a sua poesia tinha raízes: à cidade de Baudelaire, de Mallarmé; de Eluard, de Cocteau, que, como Bernanos, René Char, Albert Camus e Magnelli foram seus amigos.

(...) Em Paris existia um clima intelectual com que se identificava, uma fé na imperecível força da arte e a utopia que a conotava conscientemente à vertente das vanguardas, tanto no sentido político como no linguístico.

Com a sua timidez, o seu olhar profundo, sonhador, levemente melancólico, Murilo trazia-nos aquela mensagem, e uma fé, não proclamada em palavras mas vivida, dia após dia, com nobreza, sensibilidade e uma indignada rejeição de tudo o que turbava ou perturbava a sua lisura.

A sua própria presença nos induzia a uma tal fé, a nós, então demasiado jovens para compreender sejam os limites sejam as raízes dessa fé. A que caracterizou uma geração entre as duas grandes guerras mundiais e animou escritores e artistas de nacionalidades diversas, a maior parte delés polarizados em torno a Paris como lugar de liberdade e de plenitude criativa.

Entre eles cultivava-se então o sonho de um melhoramento dos destinos humanos, da elevação social de cada um dos nossos semelhantes, sonho de que foi participante activa uma certa esquerda intelectual daqueles anos. Tinham a convicção de constituir um núcleo e, apesar do dessarreigamento nacional, reconheciam uma raiz mais profunda numa comunidade ideal, respeitadora da cultura.»

Marisa Volpi

Excertos do texto escrito para o Catálogo

«Dedico este livro aos escritores portugueses meus amigos, não só aos de hoje como aos de outros tempos: de Camões, Gil Vicente e Bernardim Ribeiro a Camilo, Antero e Eça, de António Nobre e Cesário Verde a Camilo Peçanha, Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Ao distinguir estes grandes nomes honro o próprio instrumento do meu ofício, a nossa poderosa língua portuguesa.

É óbvio que muito tempo passou, muitos caminhos imprevistos percorri, bebendo em inúmeras outras fontes, que não as portuguesas. Mas os fundamentos da minha cultura estão ali. Apontando-os reconstituo os elementos básicos da minha téssera de escritor. E embora partidário do presente e até mesmo do futuro, reconheço a validez da tradição viva.

Quanto a esta antologia, penso ser lícito indicar que é o livro-resumo de alguém que desde adolescente crê na força da poesia como técnica social e individual de interpretação da rude matéria da vida; que visto crer, outrossim, na convivência entre os homens, na metamorfose contínua das coisas, na possibilidade de se reedificar um mundo mais civilizado, onde as ideias de paz e de justiça se respirem como um canto, um ritmo, condena o processo de desumanização extrema da arte, o qual se desenrola em nossos dias.

Poderão, na oficina-laboratório do poeta, ser eliminados os contrastes entre o espaço do cérebro e o espaço do coração humano, também 'máquina' vivíssima de cultura? Poderão encontrar-se os conceitos de autonomia e de heteronomia da arte? 'That is the question'.»

Murilo Mendes

Roma, 29 de Fevereiro de 1964.

(Da *Nota Liminar* à «Antologia Poética», Morais Editora, Lisboa, 1964)

Luís Veiga Leitão: a "figuração" do real

Isabel Pires de Lima

UMA antologia que se propõe dar conta de 40 anos da actividade criadora de um poeta tem, forçosamente, que se tornar num ajuste de contas com a própria poesia. É exactamente o que acontece, de um modo muito acentuado, no *Longo Caminho Breve* de Luís Veiga Leitão (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s/d [1985]), um caminho percorrido entre 1943 e 1983 (o subtítulo da antologia, excelentemente prefaciada por Fernando Guimarães, diz *Poesias Escolhidas 1943-1983*).

«O poema principia no fim», lê-se no último verso do livro:

Tudo principia no princípio
o nascimento e a morte
o dentro e o fora de mim
tudo principia no princípio
— O poema principia no fim

E este verso, se diz a dimensão infinita e eterna da poesia, a sua força, é também uma espécie de delimitação do seu poder. A poesia começa onde acaba a vida, isto é, onde o verbo, o poeta e a vida se desencontram e desagregam. «A vida de um Poeta, seja qual, é sempre maior que a sua poesia, qual a maior» — esta é a primeira frase de um curto texto posto em epígrafe no início do volume, o qual joga com aquele último verso que destacámos. A vida precede a poesia; a ética, a estética. «O poema principia no fim» não tanto no momento em que a vida se esgota, mas onde a palavra se fractura ao atravessar o poeta, por isso o poema é «um canto de derrota: silêncio e voz de fracturas» —é ainda o poeta que o diz no referido texto em epígrafe. E se insistimos na epígrafe é porque ela é, como toda a epígrafe, uma chave, um convite a que enveredemos com o poeta por este *«longo caminho breve»* em que se faz o balanço da poesia.

São «Íngremes / os passos dos poetas», diz-nos Luís Veiga Leitão a propósito de um seu encontro com Neruda. O caminho da poesia nunca é o mais fácil, é sempre arriscado — «o risco do ofício / suor das palavras. / O risco da nudez». Ela implica um certo despojamento, um esvaziamento do poeta de forma a deixar que as palavras brotem, irrompam «fracturadas» da palavra inicial, intacta, de que o poeta é depositário: «(a alma do poeta é nua / e a sua nudez / a própria nudez a cobre.)», nudez de metal, linear e fria, porém, apta a ser cinzelada.

A poesia é também apreendida como contradição, ou, talvez mais exactamente, como prática de superação dos contrários. Se a justaposição dos opostos parece ser o traço grandioso que une os poetas de 'Dísticos' — Gomes Leal, Antero e Fernando Pessoa —, a sua subversão aparece como traço permamente da prática poética de Luís Veiga Leitão, desde *Latitude* até aos belíssimos poemas de *Figurações*. O domínio alquímico da poesia, sendo «o domínio / que transmuda / pedras e metais», é capaz de proporcionar a con-fusão primordial, isto é, é capaz de libertar o homem das peias restritivas impostas pela «lógica» ilógica do quotidiano «emparedado», assegurando-lhe o acesso à plenitude ou, pelo menos, à sua «figuração».

É pelo trabalho do poeta que a pedra, que a *Noite de Pedra,* feita de sombra, ferros, lama, amarras, silêncio, pode levantar «o sonho num facho a arder»; é pelo labor da poesia que num mundo «emparedado» («Nesta parede que me veste / da cabeça aos pés, inteira»), habitado por «estátuas de pedra», onde o «céu (é) de pedra escura» e a «boca de pedra», pode relampejar fulgurantemente o fogo, a vida, e, então, as «Pedras se iluminam e ardem». Se há «uma fome que não teme / o fogo e a pedra», que abole o que, em aparência, é irremediavelmente contrário, ela é saciada pela poesia. Esta a força «subversora» que firma a relação libertadora do ser encarcerado (designadamente o poeta de *Noite de Pedra e de Dispersos*) com a realidade imediata, que permite ao pássaro engaiolado ser ainda pássaro:

Isto de sangrar saudades
largando, esfarrapando as penas
de encontro ao muro, de encontro às grades,
é ser um pássaro apenas

e ao poeta dizer de Redol que «A vida o levou, não a morte».

Aliás, o exemplar poeta realista que Luís Veiga Leitão é, no (s) verdadeiro(s) sentido(s) da palavra, revela-se, em boa parte, na capacidade para captar plenamente o real, ou seja, para apreender simultaneamente todas as dimensões contraditórias que a realidade pode ter, que lhe são mesmo inerentes: «Teu corpo/ leveza que pesa», diz o poeta, como diz dos «Cavalos suspensos no ar / com cascos na terra» e com «curtas (longas) patas finas». Uma sabedoria aforística e epigramática especialista na captação multifacetada do real perpassa pela poesia de Luís Veiga Leitão desde a primeira hora, intensificando-se embora nos poemas mais recentes e fazendo acentuar um subtil traço irónico, sempre também presente:

O sábio das coisas simples
olhou em torno e disse:
não há profundidade
sem superfície

O poeta, realista, porém, actua ainda pela meticulosa e fotográfica notação da realidade, alçando-a depois a uma dimensão transcendente, como acontece no belíssimo poema «Gavião Real», onde o «Desterrado rei do reino dos Andes», no Zoo do Rio de Janeiro, é o arquétipo de «sombra / da liberdade livre», ou actua, o poeta realista, pela apreensão da realidade como espaço do humano, ou seja, como espaço onde o homem consegue objectivar o imanente - é o caso no poema «Rio Homem», mas «homem da raça de Orfeu», cujo «ofício» é fazer com que «a beleza e a rebeldia / não se percam». Eficácia realista excepcional retira-a o poeta da contensão rigorosa, que vai adquirindo à medida que os anos vão passando, obtida através duma escolha depurada da palavra exacta e do apagamento dos traços narrativos, designadamente ao nível da estruturação sintáctica: «José (Arnaldo)» ou «No Café Diplomata» são exemplos desse exercício de concisão.

Ler o real é com certeza também ler o seu país e, no caso de Luís Veiga Leitão, ter dele uma visão telúrica onde dureza granítica e erosão, como bem nota Fernando Guimarães, coexistem: «Flor de saibro», mas «flor de pedra» também. E a tensão entre estas duas forças é poética e tragicamente apreendida pelo poeta logo em poemas de *Latitude* e depois em poemas posteriores como «Filho do povo criado nas alturas» ou «Acre e dura carne». Trata-se de uma tensão contida mas pronta à explosão.

Na pedra mais pedra mais secreta
abre-se e rasga-se uma boca
onde um pássaro canta e dejecta.

Ler o seu país e ler a «sua» cidade de hoje, e já de ontem — o Porto: a granítica «Cidade equestre» rematada emblematicamente por uma «Torre de pedra e nuvem/De pássaros de fogo» é ainda e sempre captar a realidade onde habitam os contrários, mais uma vez a pedra e o fogo.

Ser realista é, na poética de Luís Veiga Leitão, ser capaz de assimilar a contradição e de desfrutar e convidar ao desfrute desse lugar utópico e tão humano «onde o amor e a morte/bebem pelo mesmo nácar», é, ao contrário de Ulisses (cf. «Marinheiro de Ulisses»), não se prender ao mastro do navio, deixar-se encantar pelo canto «bruxo» das sereias, com o perigo e o fascínio inerentes ao percurso de quem aceita os desafios:

Quem escolhe o caminho das pedras
ama o amor na raiz do lume

Quem escolhe o caminho das pedras
equilibra-se nos fios da morte.

(Transcrito, com a devida vénia, de Colóquio/Letras, n.º 96, Março-Abril de 1987)

Nos últimos tempos, Luís Veiga Leitão mantinha assiduamente em *Ler/Escrever* a secção *Pescador à Linha*, constituída pelos pequenos nadas de quanto é a vida

O último
Pescador à Linha

ANDOU, viu e morreu. Quem...? Luís Veiga Leitão. Sexta-feira, dia 10 de Outubro, em Niterói, Brasil. O 'Pescador à linha' sentiu-se de súbito preso no anzol que tudo apreende e capta. E terá pensado (Livro da Paixão): «Minhas mãos já não podem tocar em nada».

Como poeta, longa tinha sido a sua caminhada. Ele vinha da «Noite de Pedra», um livro da década de 50, um livro insurgindo-se contra a falta de liberdade de então. Quem não se lembra da bicicleta que o libertou...?

Por motivos políticos aprisionado («Nesta parede que me veste / da cabeça aos pés, inteira»), eis que o poeta dá com os olhos numa bicicleta toscamente desenhada na cela da sua prisão. Um prisioneiro que o precedera tinha-a concebido naquele mesmo lugar escuro. Luís vai utilizá-la sem que os carcereiros de tal se apercebam.

É uma verdadeira fuga! Uma fuga que nenhum muro pode deter, que nenhuma arma paralisa com um tiro final, que nenhuma lei pode impedir. E quão frágil, no entanto, não é uma bicicleta!

Ao longo da fuga (quarenta anos de palavra precisa e solar), Luís vai-se detendo nas estações dos seus livros outros: «Latitude», «Noite de Verão», «Ciclo de Pedra», «Crónicas de Andar e Ver», «Livro da Paixão»... E as mãos do poeta em tudo tocavam. Tocavam em liberdade a liberdade.

E é assim que qualquer um chega à conclusão de que as palavras do seu último livro («Minhas mãos já não podem tocar em nada») não correspondem à nossa mais íntima verdade. As mãos de Luís também são as nossas mãos — e, assim, em tudo tocaremos livremente. Até da longínqua bicicleta nos poderemos servir. Tão leve que ela é!

E também do anzol com que Luís pescava à linha. Ei-lo em nossas mãos tirando das águas uma água só de matar sede: a sede que sempre habita o homem inacabado.

LerEscrever

Arte e tecnologia de ponta (1)

Da «Serendipitia Cibernética» aos dias de hoje

E.M. de Melo e Castro

A exposição «Serendipitia Cibernética» realizou-se em Londres no ano de 1968 e, folheando hoje o seu catálogo, tem-se a ambígua sensação de estarmos perante um documento arqueológico da utilização da «hig tech» no domínio da criação artística. É que essa exposição realizada no ICA e organizada por Jasia Reichart com uma vasta equipa internacional, foi também o primeiro sinal organizado de algo inteiramente novo: a ligação estruturada entre os resultados da investigação científica e aquela área da produção humana a que se chama arte.

Então (1968) dizia com prudência Jasia Reichart: «Não há proclamações heróicas a fazer porque os computadores até agora não revolucionaram a música, nem a arte, nem a poesia do mesmo modo que revolucionaram a ciência.» Hoje haverá ainda quem gostaria de poder subscrever esta frase, mas ela merece ser perspectivada à luz dos drásticos e vertiginosos desenvolvimentos e aplicações produzidos nos últimos 20 anos no campo da investigação científica. Desenvolvimentos e aplicações que vieram precisamente aproximar a ciência e a tecnologia, da criatividade e da arte, esclarecendo e estreitando as suas indissolúveis relações.

Em 1968 seria difícil prever (embora já estivesse no horizonte) que a revolução na arte realizada pela informática seria, de facto, executada pelos utilizadores desses instrumentos privilegiados que são os microcomputadores e os PC (então inexistentes) e não pelos cientistas criadores desses mesmos computadores. Por outro lado, os computadores de grande porte dos anos 60 e 70, que hoje fazem o papel de dinossauros, não possuíam uma característica que só os pequenos aparelhos pessoalizados e difundidos em larga escala demonstraram ter. Refiro-me à capacidade de, pelo seu uso, modificarem a percepção da realidade de quem os utiliza e, assim, se transformarem em instrumentos viabilizadores duma diferente sensibilidade que irá originar novas criações artísticas de um tipo antes imprevisível. Porque não são as habilidades ou capacidades do hardware ou do software, tanto no campo da produção de imagens como de sons, que constituem, em si próprios, as obras de arte. Essas capacidades são apenas um reportório de possibilidades. É o uso que o homem criativo inventa para as descobertas tecnológicas que determina a produção de novos objectos, a que se deve chamar artísticos, por serem capazes de significar algo até aí inexistente e surpreenderem quem os produz e quem os usa.

Esta perspectiva correcta não era obviamente possível em 1968 e, ainda hoje, ela encontra resistência, pois a desconfiança em relação aos produtos da ciência parece ser uma espécie de inércia específica das pessoas que se consideram detentoras da cultura. Tal inércia produz geralmente dois tipos de atitude negativa: ou a rejeição dogmática da tecnologia avançada como instrumento adequado para a produção de arte ou a já estafada argumentação da perigosa desumanização. Tais reacções recobrem, no entanto, um traumatismo mais profundo, característico da cultura ocidental: as relações conflituosas entre o homem e a máquina. Esta é vista como um alter ego fictício. Máquina que, sendo a criação do próprio homem e sendo fictícia, produz o temor de algo não humano, capaz de suplantar e destruir o seu próprio criador. E, eis a ameaça nuclear a justificar tal filosofia! No entanto, está na mão do próprio homem — de todos nós — o impedir que tais ameaças se concretizem, porque nada do que nós fazemos é por natureza não humano.

No entanto, quer a rejeição da tecnologia avançada quer a sua adopção emocional, no que diz respeito à criatividade e à produção de arte, devem ser consideradas criticamente como oriundas de atitudes de tipo romântico, perfeitamente inadequadas à complexidade das questões e à riqueza potencial das novas oportunidades criativas. Tanto os mitos de desumanização como os mitos da glorificação da máquina, da velocidade ou do progresso, típicos das primeiras vanguardas deste século, arriscam-se hoje a parecer caricaturas perante as reais possibilidades que a «hig tech» nos proporciona, a um nível generalizado e democrático, já nos dias de hoje.

As utopias negativistas (Wells, Huxley, Orwel, etc.) tiveram um esboço miserável de realização, certamente a contragosto dos seus autores, no nazismo e no fascismo característicos da primeira metade do século XX. Por outro lado, Marshall McLuhan, teorizador dos meios de comunicação de massas, não previu a grande transformação dos anos 70 e 80: a invenção do «ship» que, permitindo a democratização da informática e colocando o computador nas mãos de toda a gente (particularmente dos jovens) vem contrariar as utopias da opressão cibernatizada. Uma época pós-utópica está já entre nós, contrariando os apelos, quer de um niilismo fácil e até confortável, quer das cinzentas perspectivas de um apocalipse obscurantista. É que está surgindo um novo humanismo que não ignora os avanços da tecnologia e sim, toma consciência das suas conquistas para realçar o papel do homem na sociedade e valorizar o poder da sua mente e dos seus sentidos. O poeta de hoje, equipado cibernèticamente, já não é o homem isolado frente ao mundo, vivendo de seus recursos naturais directamente e com eles rudemente lutando, mas sim o homem instrumentalizado com todos os produtos da sua inteligência, agindo sobre o mundo e fazendo da alta tecnologia o meio através do qual opera essa acção.

É verdade que a alta tecnologia pode também ser usada para fins destrutivos e negativos, mas compete aos poetas usá-la na perspectiva positiva da construção de uma nova sociedade, pois é o homem quem modela a sua própria paisagem interior e exterior, assim como a sua vida e, é claro, a sua arte.

Citando Denis Gabor, verificamos que a alta tecnologia, através da criação da alta fidelidade no som, da criação da rádio e da televisão, do vídeo e dos processos «scanner» para a reprodução das obras de arte, veio democratizar o princípio aristotélico segundo o qual «não vale a pena fazer nada que não tenha a máxima qualidade». De facto as tecnologias atrás referidas vieram proporcionar uma difusão cultural de alta qualidade a um número cada vez maior de seres humanos, criando-lhes novas exigências e novos padrões de apreciação estética.

Se recuarmos o nosso olhar apenas de um século, verificaremos que numerosos inventos tecnológicos alteraram deste então, a nossa percepção do mundo, fazendo-nos senhores de uma realidade impensável ainda há 100 anos. A luz eléctrica altera-nos a relação da percepção claro-escuro; o automóvel modifica-nos a percepção da velocidade e da capacidade de deslocamento; o avião altera a percepção do espaço e do tempo à escala global; os corantes sintéticos, primeiro, e o vídeo depois, ampliam e modificam a percepção colorística; etc., até que os microcomputadores e os meios interactivos modificam, a nosso favor, a relação com o poder. Estas alterações múltiplas são produtoras de um espaço também múltiplo e polissémico, onde a criatividade tem um lugar privilegiado. Mas, é necessária uma epistemologia do novo, para a criação das novas categorias da criatividade e da sua fruição de que hoje dispomos.

Derivada de *criação* a palavra *criatividade* tende a perder certas conotações metafísicas que rodeiam a criação, justamente pela consonância com *actividade*, o que lhe confere uma conotação activa, facilmente entendível como *actividade do homem*. A criatividade será assim uma manifestação da actividade do homem através da qual ele produz coisas (objectos, ideias ou conceitos) que antes não existiam e, assim, se apresentam como novas. É neste sentido que se pode dizer que novo é aquilo que ainda não existe ou de que desconhecemos a existência. Esta tonalidade subjectiva do novo é, no entanto, limitada pela nossa ignorância e pela nossa capacidade ou incapacidade para dele nos apercebermos. Assim, deve reservar-se para o novo um conceito mais objectivo e socializante, dizendo que o novo é tudo o que, pelo seu aparecimento, é capaz de transformar uma sociedade, mesmo que os membros dessa sociedade o não entendam ou até o recusem.

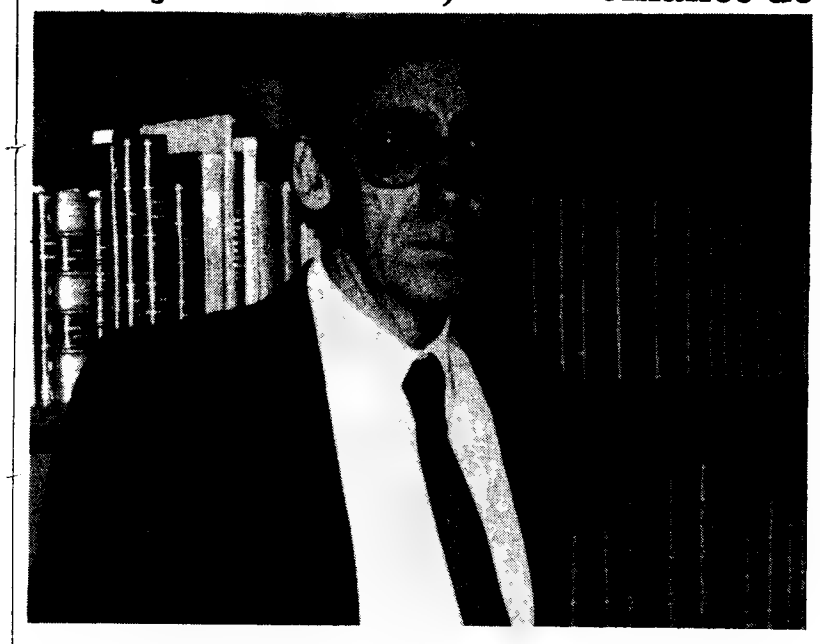
Novo foi o domínio do fogo, nova foi a invenção da roda, novo foi o mundo renascentista, novas foram as ideias da revolução francesa, novas foram as aplicações tecnológicas já referidas, nova foi a bomba atómica mas também a penicilina, cada um nos seus respetivos tempos. Já apenas como novidade tomaremos, numa escala mais imediata, aquilo que nos pode surpreender, acrescentando alguma coisa ao nosso conhecimento. Assim falaremos em novidades económicas ou políticas: factos ou objectos que hoje são diferentes do que eram ontem e, amanhã, serão provavelmente apenas esquecidos.

Simplesmente *diferentes* são a maioria das coisas que o marketing nos apresenta como novidades ou até pretensiosamente como novas.

A moda, quer no vestuário quer nos objectos de consumo, sugere-nos e impõe-nos novidades que mais não são que modificações ou recuperações transformadas, melhoradas ou apresentadas diferentemente, de opção e objectos já existentes e nossos conhecidos. Como novidade serão também encaradas ideias e objectos importados de outras culturas, partes do globo ou há muito esquecidas e em desuso. Vemos assim o valor relativo dos conceitos de *novidade* e de *diferença*, em termos sociológicos. Em termos psicológicos, tais conceitos confundem-se, por vezes, com a originalidade individual ou de pequenos grupos. Grande parte da chamada *criação artística*, destinada ao consumo mesmo de conhecedores e especialistas, tem apenas o carácter de originalidade estilística do momento ou da moda e está longe de poder ser considerada como nova. A produção do *novo*, essa, reside principalmente numa atitude profunda e activa de quem se propõe pesquisá-lo e produzi-lo. Tal produção assume hoje a característica de um processo em aberto, ligando interactivamente a invenção científica e a criação poética, ganhando em ambas a noção de pesquisa, num papel interdisciplinar. Pesquisa individual no campo da poética, mas no entanto, já Lautreamont advertia que «a poesia deverá ser feita por todos». Pesquisa colectiva no laboratório científico, mas em que a intuição individual é por vezes o motor indispensável. E se a pesquisa científica contribui principalmente para aumentar os instrumentos do poder, a pesquisa poética, essa, deve criar formas de transgressão e contestação desse mesmo poder, que sejam cada vez mais eficazes e transformadoras da realidade. O uso e apropriação da tecnologia de ponta pelos poetas é, assim, a resposta ao aumento do poder cibernetizado e às investidas de imbecilização das massas que esse poder provoca. Ao poeta cumpre apoderar-se desses meios e torná-los seus, em vez de os hostilizar fútil e inutilmente, em nome de conceitos do passado.

Tentando uma sistematização das manifestações criativas realizadas através da tecnologia de ponta (high tech) devem considerar-se as mais diversas possibilidades que hoje se vão concretizando, tais como: a videopoesia, a poesia informática ou infopoesia; a holopoesia; a escultura de gravidade zero, isto sem entrar no vasto campo da música informatizada, da electrografia ou das mais variadas utilizações de dispositivos electrónicos e informáticos como novas maneiras de estabelecer relações com o corpo humano. Em próximos artigos trataremos da videopoesia, da infopoesia e da holopoesia.

«Março Desavindo», novo romance de Mário Ventura



«Março Desavindo» é o título do novo romance que Mário Ventura se prepara para lançar já em Novembro, desta vez sob a chancela da Editorial Caminho, para onde se «transferiu» de armas e bagagens.

Depois do sucesso que foi o romance «Vida e Morte dos Santiagos» (prémios Pen Club e Município de Lisboa), publicado em 1985, o novo livro de Mário Ventura, **Março Desavindo**, aborda uma das datas históricas mais controversas e complexas do post-25 de Abril — o 11 de Março de 75.

Com essa data por fundo, Mário Ventura conta uma história que envolve em primeiro plano uma prostituta e um militar, mas na galeria de personagens aparecem também jornalistas que são mais que jornalistas, banqueiros e homens de negócios que são também mais do que isso, velhas burguesas, gente comum.

Um livro a ser aguardado com grande curiosidade.

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

Sófocles e Eurípides

Quem sai do Mito

Pedro Alvim

Viemos donde, quem somos, para onde vamos...? Friamente, só podemos chegar à seguinte conclusão: somos seres mitológicos, encontramo-nos sempre no ovo do Mito. Quer fujamos das palavras de Sófocles, quer optemos pelas palavras de Eurípides, a verdade é que aquela interrogação primeira tem sempre fugido a uma resposta definitivamente exacta. Somos «palavras, palavras, palavras». Será que neste momento, Outono (estação de livros novos), quer entre nós, quer no estrangeiro, surgirá enfim uma nova linguagem impressa que do Mito nos tire e nos concilie com as nossas mais fundas interrogações...? Para quando uma literatura que seja uma resposta...? Ou será que iremos repetir a leitura de factos já mil vezes contados...?

ENTRE uma linguagem que vem do fundo dos tempos e uma linguagem que nos dá o presente, qual delas é mais perceptível, mais racional, mais clara, mais interlocutora...? Antes de nos adiantarmos, porem, na eventual resolução deste Binómio, acentuemos desde já que entendemos por *racional* não uma adjectivação acabada susceptível de ser aplicada à compreensão das coisas, mas sim a tentativa preciosa de simultaneamente nos irmos compreendendo a nós próprios e a tudo quanto nos rodeia. Significa isto que temos do racionalismo a noção de um processo evolutivo, tendente para o Belo e para o Bom, o que, de certa maneira, nos remete já para a *palavra* da Antiguidade Clássica. Assim, encarando Sófocles e Eurípides, temos no primeiro a palavra que vem do Mito, enquanto no segundo vamos encontrar a palavra que anseia por ser compreensível, nítida de intenções, fraterna mesmo. Menosprezo pelo Mito...? Não. E isso porque no Mito reside, no cômputo das suas linhas, essa busca da nossa razão de ser, que uma busca posterior viria a localizar numa linguagem mais despojada de lenda, mais circunscrita ao quotidiano, mais (porque não...?) experimental. Coloquial, em suma.

Ora é precisamente essa coloquialidade, essa troca de impressões com o público das suas representações, que nos dá Eurípides como atento observador do mundo ateniense de então. Contemporâneo de Sófocles, e obviamente tendo assistido às suas tragédias, Eurípides teria notado que o público (conhecedor de antemão do Mito que se representava) reagia por vezes a um mero facto ocasional, isto é, a um simples gesto de um ou outro actor em cena, a uma inesperada entoação da métrica do coro, a uma cor que subitamente sublinhava uma situação havia já muito tempo conhecida...

Embora pecando por exagero, talvez possamos afirmar que Eurípides descobria nos habitantes da *polis* uma outra espécie de manifestação até ao momento esmagada pela carga cultural, religiosa e mítica: o sentimento, a sensação, o «não» à lógica da arquitectura ideal dos arquétipos. Era, enfim, a *aesthesis*, isto é, um outro comportamento estático face ao que um homem poderia contemplar de Bom e de Belo. Logo: a racionalidade não se limitava somente à perfeição do Mito, também teria de englobar dentro dos seus parâmetros determinados excedentes que uma representação mitológica comportava. Entre um *passado* muito recuado, arquetípico, pleno de leis rígidas, e um *presente* que subitamente se desdobra em múltiplas formas de ser, eis que o ateniense se dá conta do quotidiano multiforme. Arriscando tudo contra o mundo cultural ateniense, Eurípides opta por essa nova reacção do público, o que equivale a dizer que transita das obras ditadas pelo *inconsciente* para as obras escritas a mando do *consciente*.

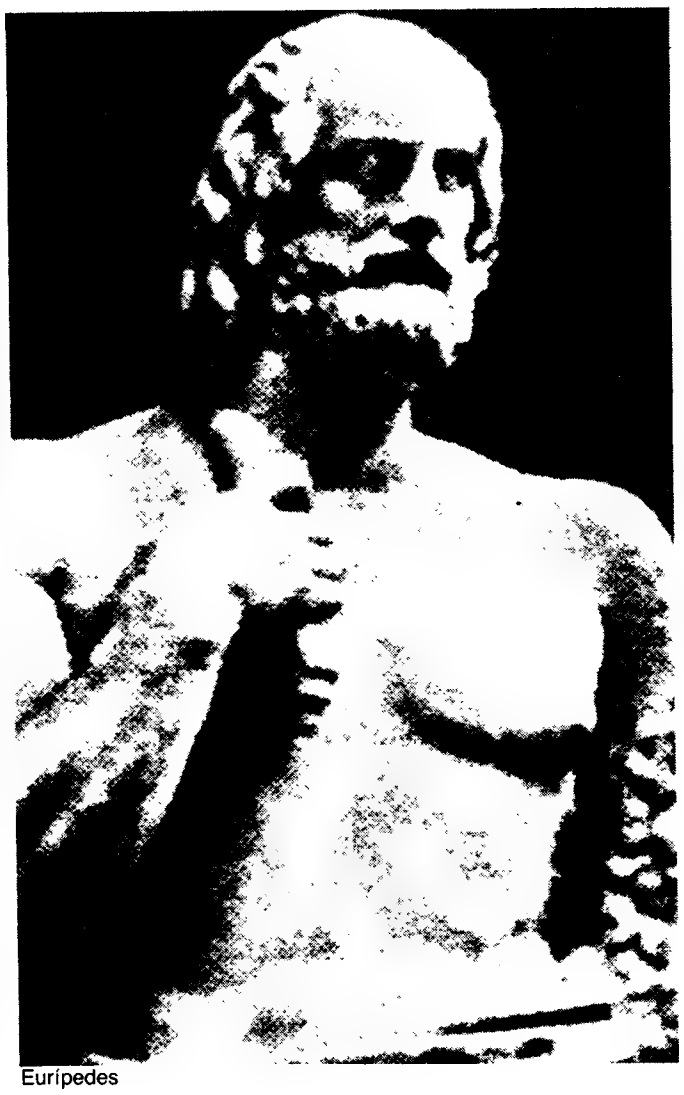
Se nos debruçarmos sobre *A Origem da Tragédia*, de Nietzsche, leremos que «Eurípides é o primeiro dramaturgo que segue uma estética consciente. Intencionalmente procura o mais compreensível: os seus heróis *são* realmente tal como falam. Mas dizem tudo o que são, enquanto que os caracteres esquilianos e sofoclianos são muito mais profundos e inteiros que as suas palavras; verdadeiramente só balbuciam acerca de si. Eurípides cria os personagens enquanto ao mesmo tempo os disseca: perante a sua anatomia já não há nada oculto neles. Se Sófocles disse de Ésquilo que este faz o correcto, porém inconscientemente, Eurípides teria tido dele a opinião de que faz o incorrecto, *porque* o faz inconscientemente. (...) Em torno de Eurípides há (...) um resplendor refractado, peculiar aos artistas modernos: o seu carácter artístico quase neogrego pode resumir-se com toda a brevidade no conceito de *socratismo*. 'Tudo tem de ser consciente para ser belo' é a tese euripidiana paralela à socrática 'Tudo tem de ser consciente para ser bom.' Eurípides é o poeta do racionalismo socrático.»

Sócrates, Eurípides, Platão — eis aqui três nomes que, por caminhos diversos, vão expurgar a *polis* da linguagem recuada do Mito. O último, por exemplo, em *A República*, repudia os poetas (Homero incluído), afirmando que eles desorientam a juventude. Para Platão, a Cidade-Estado só pode ter entre os seus muros um único poeta: o Filósofo. Como idealista objectivo. Platão, na esteira de Sócrates, é pelo rigor do pensamento — e Eurípides, pelos dois influenciado, assume a posição que, como dramaturgo, temos vindo a caracterizar: uma clara anatomia exposta aos olhos do público.

Ora é aqui, quanto a nós, que se põe a questão com que iniciámos este breve escrito, expressa nos seguintes termos: Entre uma linguagem que vem do fundo dos tempos e uma linguagem que nos dá o presente, qual delas é mais perceptível, mais racional, mais clara, mais interlocutora...?

Estamos em crer que ambas: a primeira, *por recuada*, leva a que nos interroguemos sobre as nossas origens, sobre o que somos, sobre o que estamos *aqui* a fazer; e a segunda, *por próxima de nós*, mostra que o ser perpetuamente se desdobra, multiplicando-se a cada instante (inclusive em novos Mitos, a cada instante nos dando através da Razão uma expressão mais perfeita da realidade. Convém repitamos mais uma vez que devemos entender por *racional* não uma adjectivação acabada susceptível de ser aplicada à compreensão das coisas, mas sim a tentativa precios de simultaneamente nos irmos compreendendo a nós próprios e a tudo quanto nos rodeia, o que significa (como aliás já também dissemos) termos do racionalismo a noção de um processo evolutivo. Evolutivo até que limite...? Estamos em crer que nunca o saberemos, pelo que continuaremos sempre no ovo do Mito, quer nos regozijemos com os arquétipos de Sófocles, quer nos coloquemos no solo das palavras de Eurípides. O limite seria a assunção plena do Belo, mas é o próprio Platão (*Hípias Maior*, 304 e) que nos cita um provérbio (quem primeiro o formulou?) que afirma que «o Belo é difícil». Se assim é, qual é a facilidade, Eurípides, do nosso raciocínio presente...?

Sófocles



Eurípedes

Nietzsche

A guilhotina e o imaginário do terror

Chaké Matossian

Com a aproximação do bicentenário da Revolução Francesa surge, entre os primeiros estudos especializados, o de Daniel Arasse: *La guillotine et l'imaginaire de la terreur,* **onde o autor decifra as projecções da terrível máquina, o seu papel no imaginário, as suas relações com a medicina, o político, a ética, a estética, a metafísica.**

É a Guillotin, médico francês eleito deputado do «Tiers-État» em 1789, que a máquina deve o seu nome, mas por engano, como indica Arasse, uma vez que outras espécies de guilhotinas já existiam na Itália, na Alemanha e na Inglaterra, e que «o verdadeiro criador do mecanismo será o doutor Louis». Quando Guillotin propõe o uso da máquina de decapitar, é para tornar mais humano o sofrimento do condenado; mas assim transforma a concepção da pena, passando a morte a ser mecânica, e revela também a mudança do pensamento médico, que considera o corpo uma máquina; o que levará, de resto, a inúmeros debates, em que os médicos tentarão saber se a cabeça separada do corpo ainda pensa e sente (tomando como exemplo a cabeça de Charlotte Corday, que corou quando o carrasco a esbofeteou).

Do ponto de vista metafísico, a guilhotina acentua o «instante», o «punctum temporis», atingindo o cúmulo do sublime e o domínio do sagrado com a decapitação do rei Louis XVI, momento crucial para o imaginário da história e para a história do imaginário, momento que evidencia toda a diferença existente entre a Revolução Francesa e a «doce revolução reformista americana». Daniel Arasse sublinha o facto de os textos históricos contemporâneos da revolução mostrarem sempre uma versão «realista» e uma versão «republicana» dos factos, os realistas assimilando o povo a um rebanho de «canibais» os republicanos insistindo na dignidade da presença do povo; os primeiros contando o discurso do rei como último discurso inacabado, interrompido, os outros relatando o mesmo na sua integralidade.

Altar dos jacobinos

A guilhotina, altar dos jacobinos, é sobretudo um teatro onde a tragédia nunca é a mesma, onde o actor principal só pode desempenhar uma e única vez o seu papel, onde o único actor que continua a subir ao palco para cada representação é o carrasco. Ese surgia, no antigo regime, como um ser marginal e sinistramente sagrado, um reverso do rei. Assim, quando o desejo do rei foi substituído pela vontade do povo, o doloroso suplício pela morte instantânea e mecânica, quando a morte foi tornada igual para todos, serial e mecânica, quando todo o imaginário se modificou a nível político, metafísico, científico, estético, é óbvio que o papel do carrasco devia também mudar. Deste modo, o carrasco acedeu à «cidadania» porque, por um lado, era a máquina que matava e já não a sua mão, e, por outro lado, ele cumpria a «Lei», defendia a «Justiça».

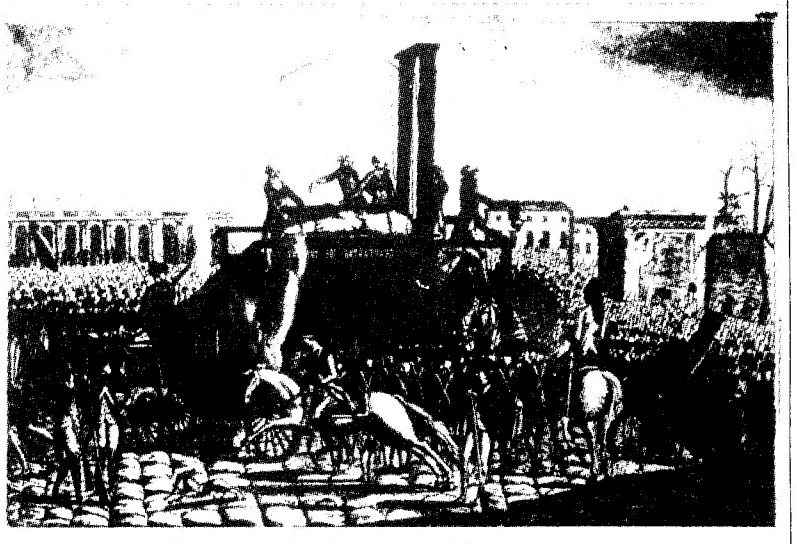
O carrasco seria até a essência do cidadão jacobino, o seu ideal enquanto aniquilação da singularidade, mero (e puro) executor da lei. Neste teatro, cabia ao actor desempenhar correctamente o seu papel: Daniel Arasse relata como o povo apreciava a dignidade dos condenados e como ficava irritado quando estes caminhavam para a guilhotina cantando e rindo. Outra característica importante deste teatro eminentemente catártico: o percurso efectuado na cidade pelas carretas dos condenados, percurso que demonstrava mais do que nunca, o elo entre o poder e o espaço.

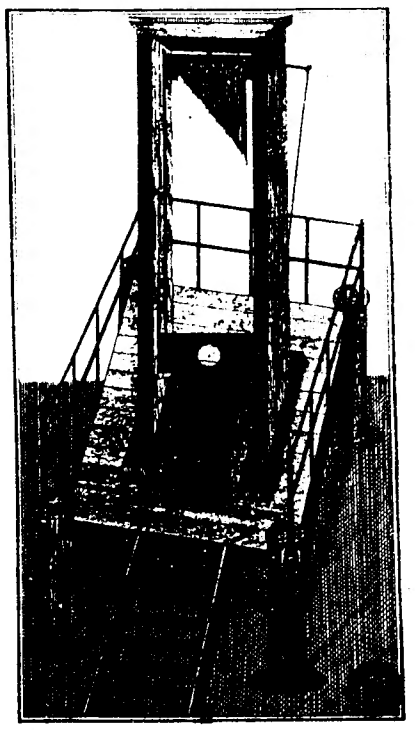
Em conclusão, Daniel Arasse propõe uma leitura estética da guilhotina: a máquina fatídica seria uma câmara, o retrato do guilhotinado uma fotografia tirada «sur le vif» onde o autor vê também o «eco revolucionário da Verónica».

Chaké Matossian

Daniel Arasse, *La Guillotine et l'imaginaire de la Terreur,* **Flammarion, 1987, 213 págs., 95 F.F.**

Flammarion





A Sul da Memória, Cecília Barreira, Europress

«O bairro onde habito é uma aldeia onde se / adormece com os joelhos dobrados e se / brinda o vinho na descompassada luz de / uma candeia em lamento. (...) / O tejo em fundo lembra uma aguarela dessas que / envelhecem nas feiras da ladra, de outras / feiras, em outras vilas. O bairro onde habito / não tem nome nem se assemelha a nada que / eu conheça. Atravessa-se numa emoção / espelhada e nítida.»

Detenhamo-nos na simplicidade deste poema em que o espaço geográfico, habitado pela poeta, é referido. Porquê? Atravessa-o a limpidez de um olhar sensível que nos envolve com um encantamento pacato. Esse de um quotidiano onde nos situamos desenvoltamente. De resto, esse mesmo ritmo se experimenta ao ler-se: «O cheiro da minha rua confunde-se com a / transição da chuva na lenta metamorfose de / um dia de mistério. Por isso a minha rua é / uma antecâmara de alpendres, fugaz / aparência de um gesto, tão simples, tão / eterno, comboio de uma insinuação. (...) Moro / naquela árvore defronte, vês? Será bastante / para que o cansaço se repouse e as cores se / reclinem?»

De uma lisura descritiva, portadora de serenidade, a palavra vai-se espraiando por fantasias em que o onírico se assume o estar da autora. Esse solipsismo onde a dúvida se instala para, de ora em quando, perturbar a pacata liquidez nele expressa. Cito: «As árvores queimam-se em frenesim. / (...) / Perguntam-me dos velhos modos com que se / roubavam palavras e se amanhecia na prata / dos rios, bailando ao sabor daqueles traços / de muros de Outono que se quedavam na / pele do tempo. / (...) / Mas eu não sei que esforço de horas me solta / a miragem de uma outra cidade. / Por isso, / inquieta, me devoto a este lado da bruma.»

A «Cidade a Sul», primeiro conjunto temático deste livro, caracteriza-se por um rítmico fluir em que a serenidade vai sendo substituída pela dor. E tudo isto acontece como se a autora fosse um hábil intérprete de uma sinfonia em si nascida espontaneamente.

O lugar e a subjectividade surgem em luminosas metáforas de escorreita escrita. De uma escrita precisa, sempre consciente da sua durabilidade no espaço e tempo do poema. E, contudo, apresenta-se-nos a subtil sensibilidade como a voz marcante. É a poeta um assumido sentir, elegantemente, depurado pelo entendimento.

«Sob o Signo de Capricórnio», a segunda unidade poética deste livro, desenvolve-se num outro plano. O da afectividade amorosamente pensada. Por isso, um gostoso erotismo se corporaliza na palavra. Cito: «(...). Gosto de contornar o teu / corpo de sul para norte, da fantasia para o / claustro, do sonho para o sono. (...) Mas, por enquanto só oiço o / ressoar do teu canto. / E nele me estendo, / sonambulamente.»

Em «Túlipas, Ritual da Noite», a palavra forma-se na memória. Na nostálgica evocação de amada perda. Sem estremecimentos. Ela é ainda a manifestação de uma geometria cultora do equilíbrio. Cito: «Uma única morte me apeteço. A da minha / viagem dentro da tua ausência. E no entanto / as tuas mãos ainda me residem. E a tela do / teu rosto. E nem por um instante se dobram / os sinos, nem se aplacam os lábios que dos / teus restaram». Ou: «De há muito que te aguardo no jardim do / Príncipe Real, lugares, sonos, desvanecimento, / domingos que se morrem em bancos de / azáfama. Não pertenço a este imponderável frio que me isola a pele dos remos e dos / lagos. Mas existo neste espaço. De há muito / que te aguardo. E não é de agora que me / condoo no entardecer das colinas. No jardim / do Príncipe Real. Ao abrigo de um solar / oitocentista.»

Em «A Sul da Memória», o último grupo de textos, assiste-se ao corolário de tudo o que foi dito nos anteriores poemas. Assim, a geografia funde-se na nomeação amorosa. De um modo esfíngico no seu respirar sentimentos. Cito: «A sul da memória ainda se reúnem os / tempos nas colheitas de um outro sentir. / Ofereço-te a cidade que me flutua na quase / noite para te ancorar nos braços de uma / saliva antiga, aquela com que te sulquei / breve, feroz, febril, tanto o ofício de cores e / de explosões me foi dado cativar nos olhos / que eram os teus. / Hoje é o último dia do / sul da minha memória. Imóvel, atravessá-lo-emos, / sem que me perdoes esta regular / saudade, eu sei, de objectos quebrados. / Lentas metamorfoses. Último sul. A memória / que um sul de ti se me desprendeu, / cinzeladamente».

O livro «A Sul da Memória» aparece-nos como um dos mais interessantes entre os de poesia escritos ao longo deste ano. Acontecimento a salientar até porque (como se pode ler numa das suas páginas) é a sua autora muito jovem. Contudo, ao leitor deixo o privilégio de decidir da justeza das minhas considerações. De resto, imprecisas sombras são da plena claridade que é «A Sul da Memória» de Cecília Barreira.

Ana Paula Portugal

Esmalte

ESTOU vermelho como o sangue
que me escorre das veias.
Abri as duas, a esquerda e a direita,
e também despejei o frasco inteiro na
goela,
desta vez, meus queridos, adeusinho,
não deve falhar.

Pouco deixo, paciência, para mim é
muito:
estas palavras e os dois filhos que a elas
vão dar.

Brevemente a banheira estará cheia
fecharei a torneira de água quente e
sentirei
ainda três ou quatro gotas geladas
rolarem-me nos dedos. A água, que já
está vermelha
permitir-me-há saber, finalmente, a
que ponto estou vivo
antes de adormecer em paz. O vizinho
vai bater
mais uma vez com a porta, já sei. Vai
tornar a dizer
à mulher, que estas paredes são finas,
que é uma puta
porque o merceeiro lhe trouxe
margarina antes da hora
só para a poder galar.

Então lembrar-me-hei talvez da última
vez
acho que foi há um mês. Deve ser
possível nessa altura
ouvir cronometricamente os últimos
segundos passar.
Dizem que nesse instante se vai logo ao
cinema
ver passar a ferro e brasa o passado em
fotogramas
contados sovinamente para não
quebrar o ritmo do final.

Abri também o gás. Fechei janelas
sobre tudo.
Tomei as minhas providências, estou
feliz.
Não me queiram meter mais tubos
dentro do nariz.

Adeus, queridos, vou em paz,
deve haver mais guerras, mais
mulheres,
mais florestas onde circular com o
sangue,
depois da vítima entre vós acabar
de limpar o esmalte da banheira.

Estou feliz, dizia. E é primeira vez.
Não a derradeira.

Manuel Cintra

«O Meu Coração é Árabe»

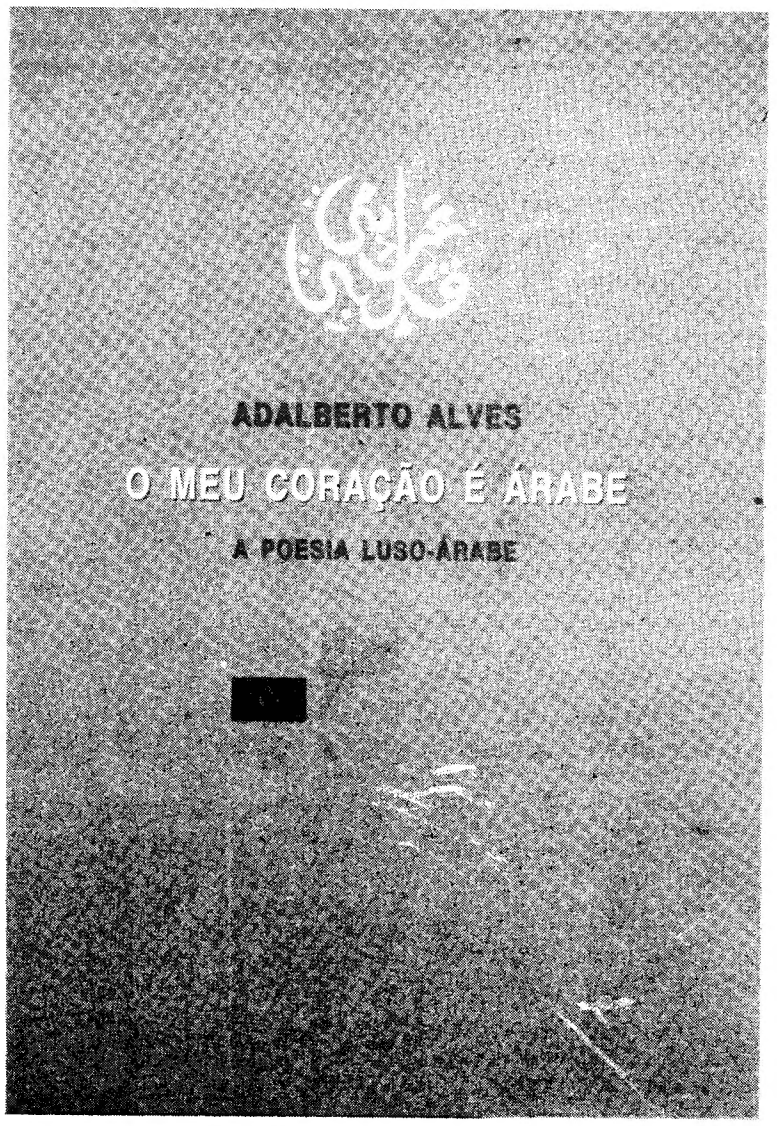
Quantos portugueses saberão da existência, a sul do Tejo, entre os séculos IX e XIII, de muitos e notáveis poetas de expressão árabe?

Adalberto Alves, bancário de obrigação e poeta e arabista por afeição, é um dos raros especialistas da influência islâmica no sul português. Durante três pacientes e intensos anos, o autor desta belíssima antologia, «O meu coração é árabe»(que a Assírio e Alvim vai lançar em Novembro), percorreu «a rota dos laranjais e cisternas das palavras dos poetas do Crescente» para levantar das «alcovas de sombra e olvido» antepassados nossos que foram de Beja, Silves, Évora, Mértola, Lisboa, Alcabideche, Alcácer ou Santarém.

De ascendência algarvia e alentejana, «e pedaços de infância em terras de Beja entre ciganos e campaniços» de quem ouviu tantas histórias «contadas no vértice da calma à sombra da mourisca ermidinha de Santo André ou ao relento da noite alta banhada do céu iluminado», Adalberto Alves vem exorcizar o «fantasma do infiel» e levantar os proscritos de uma quase devastadora Reconquista cristã, contada ainda hoje de forma manipuladora.

«Tal como o México se reclama, com orgulho, da componente azteca, também Espanha redescobre o seu Islão medieval com a alegria de quem vê de volta o parente estimado que há muito não se via», recorda-nos o autor ao referir como o estudo da língua árabe ganhou no país vizinho «direito de cidade, do liceu à cátedra».

Adalberto Alves critica neste seu livro, cujo título foi buscar a uma canção árabe que o povo cantava nos tempos de Gil Vicente(e que este utilizou na sua Comédia de Rubena), o «eterno e afrancesado embasbacamento» e a subserviência



tura em português e que explica que saibamos tudo de Rimbaud ou de Aragon mas ignoremos Valle Inclán ou Pio Baroja».

«E no entanto— escreve ele numa extensa e também poética introdução aos 40 poetas antologiados— esses mouros da lenda iluminaram a Idade Média, arrastados pelos noventa e nove nomes de Alá. E como os ventos que sopravam nos desertos de onde vinham, trouxeram à mistura os aromas e o fulgor de todas as civilizações que então se conheciam. E foram filósofos, matemáticos, poetas, santos e heróis».

Recorda, a propósito, as palavras que um cativo alarife(arquitecto) árabe gravou nas pedras da Sé Velha de Coimbra, ocupada pelos cristãos desde 1064 : «Deixo escrito como recordação perene de quanto sofro/ A minha mão perecerá um dia, mas a grandeza permanecerá».

«A singularidade da cultura ibérica relativamente à Europa radica fundamentalmente na influência árabe», conta ainda Adalberto Alves, insistindo no «grande peso» dessa poesia dos séculos IX e XII nas medievais cantigas de amor e de amigo e, até, na posterior lírica portuguesa.

de certas elites culturais portuguesas, «contra a qual António Sérgio tanto lutou» e que—sublinha—«nos impede de pensar a nossa cul-

E lembra que o célebre trovador do século XII, o duque Guilherme de Aquitânia, «sabia árabe» e que as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, radicam em boa parte na poética árabe que o rei sábio mandou tradu-

zir para castelhano.

Assinala também o empenhamento de Goethe, Nerval, Byron, Gide, Mallarmé, Loti, Wilde, Lamartine e Lorca, entre outros, na «defesa da herança da civilização árabe» e recorda a recente «Mensajem de Amor a Espanha» do poeta sírio Nizar Kabbani: «...Com Espanha temos nós Árabes contraída uma larga história de amor; mais ainda, a mais longa história de amor que jamais existiu entre dois povos e que dura há mais de mil anos... Acaso haveis ouvido falar de uma conquista que deixou atrás de si mil livros de poesia, mil alvercas de água e plantados mil pés de jasmim?...».

A. Borges Coelho(autor de «Portugal na Espanha Árabe»), também citado, escreveu que do Islão não vieram apenas as técnicas da rega, a bússola o papel e a poesia. Lembrou o historiador, poeta e ainda apaixonado arabista a influência económica e cultural que para nós tiveram, trazidas do norte africano, as hortas de limões, laranjas, pêssegos, nêsperas, ameixas, alfarrobas, amêndoas, os meloais, o alambiques, alquitarras, azenhas, os cavalos de Alter, muralhas, almenas e abóbadas, azulejos, estuques, taipas, esteiras, alcofas, capachos, tapetes, alguidares, couros, arreios...e por aí fora.

«Sem tudo isto e sem a poesia árabe, seríamos outros, talvez menos apaixonados, talvez mais tecnocratas, talvez mais nórdicos, mas irremediavelmente outros», conclui Adalberto Alves sobre esse tempo hispano-árabe em que os vizires eram escolhidos «só porque eram poetas».

Um livro apaixonante e obrigatório de que transcrevemos três poemas, um dos quais da autoria de Al-Mutamid, natural de Beja(século XI), um dos grandes poetas árabes de sempre.

Eugénio Alves

BEM CEDO o Destino nos fustiga...
E para trás rastos vão ficando.
Esconjuro-te! Deixa que te diga:
Não chores por sombras, tudo é ilusão.
Ai de quem com quimeras vai sonhando
Entre as garras e os dentes do leão!
Que a vida não te iluda e entorpeça já,
Para a vigília são teus olhos feitos.
Ó noite, que do teu ócio nos afaste Alá,
E dos que ao teu feitiço estão sujeitos!
Teu prazer engana, víbora escondida
Detrás da flor: Morde quem a quer colher.
Quanta geração foi de Alá querida!
O que ficou? Poderá a memória responder?
Quem pode a menor coisa pretender.
E talentoso ou bom, deveras, ser?
Quem pode dar rescompensa ou castigar?
Quem põe fim ao sopro da desgraça?
Quem é que a Danação pode afastar
Ou a tragédia que o destino traça?
Ó vã generosidade, ó vão valor!
Quem me defenderá do opressor
— Calamidade em noite de aurora —
Quem? Se já não há regra a respeitar
E o que resta é um silêncio imposto?
Quem é que apagará o amargo gosto?
Que nunca ninguém pode apagar?

IBN ABDĒN (Évora, Séc. XI)

SÓ EU SEI quanto me dói a separação!
Na minha nostalgia fico desterrado
À míngua de encontrar consolação.
À pena no papel escrever não é dado
Sem que a lágrima trace, caindo teimosa,
Linhas de amor na página de face.
Se o meu grande orgulho não obstasse
Iria ver-te à noite: orvalho apaixonado
De visita às pétalas da rosa.

AL-MUTAMID (Beja, Séc. XI)

Nocturno Indiano, de Tabucchi

Nocturno Indiano, de Antonio Tabucchi: um dos mais belos livros de ficção saídos este mês entre nós. É uma edição da Quetzal, que o publica na colecção Graffiti, onde saíram Marguerite Duras, Nico Orengo, e onde sairá o próximo Mário Cláudio. O narrador procura um amigo português que se perdeu na Índia, e talvez tenha perdido, durante a busca, o desejo de o encontrar. Eis como arranca o texto de Tabucchi, cuja leitura aconselhamos vivamente:

O chofer de táxi usava pêra, uma redezinha no cabelo e um rabicho atado com uma fita branca. Pensei que fosse um *sikh*, porque o meu guia descrevia-o exactamente assim. O meu guia intitulava-se: *India, a travel survival kit*, tinha-o comprado com Londres, mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa, porque fornecia sobre a Índia informações bastante bizarras e, à primeira vista, supérfluas. Só mais tarde me daria conta da sua utilidade.

O homem guiava depressa de mais para o meu gosto e tocava a buzina com fúria. Pareceu-me que roçava os peões de propósito, com um sorriso indefinível que não me agradava. Na mão direita usava uma luva preta e também isto não me agradou. Quando meteu por Marine Drive pareceu-me acalmar-se e alinhou tranquilamente numa das filas do trânsito, do lado do mar. Com a mão enluvada indicou as palmeiras ao longo do mar e do arco do golfo. «Ali é Trobay», disse, e à nossa frente fica a ilha de Elephanta, mas não se vê. Com certeza há-de querer visitá-la, os barcos partem de hora a hora do Gateway of India».

Perguntei-lhe porque estava a percorrer Marine Drive. Não conhecia Bombaim, mas procurava seguir o seu percurso no mapazinho que tinha em cima dos joelhos. os meus pontos de referência eram Malabar Hill e o Chor, o mercado dos ladrões. O meu hotel ficava entre esses dois pontos e, para lá chegar, não era preciso percorrer Marine Drive. Estávamos a seguir na direcção oposta.

«O hotel que me indicou fica num bairro miserável», disse afavelmente, «e a mercadoria é de má qualidade, os turistas que vêm a Bombaim pela primeira vez vão parar a lugares pouco recomendáveis, levo-o para um hotel mais próprio para uma pessoa como o senhor». Cuspiu pela janela e piscou o olho: «E com mercadoria de primeira classe». Exibiu um sorriso viscoso de grande cumplicidade, o que me agradou ainda menos.

«Páre aqui», mandei, «imediatamente».

Ele voltou-se e olhou para mim com ar servil.

«Mas aqui não posso», disse, «há o trânsito».

«Então desço na mesma», proferi abrindo a porta e segurando-a bem.

Ele travou bruscamente e começou uma litania numa língua que devia ser o marathi. Tinha ar furibundo e creio que as palavras que sibilava entre dentes não deviam ser das mais educadas, mas não me importei nada. Levava comigo apenas uma pequena mala que tinha ao meu lado, por isso nem sequer foi preciso sair para me dar a bagagem. Deiei-lhe uma nota de cem rupias e desci para o enorme passeio de Marine Drive; na praia havia uma festa religiosa ou uma feira, sabe-se lá, com uma grande multidão apinhada em frente de qualquer coisa que não consegui distinguir; ao longo do mar havia vagabundos deitados no paredão, miúdos que vendiam quinquilharia, mendigos. Havia também uma fila de *rickshaw* a motor, saltei para dentro de um cubículo amarelo ligado a uma motoreta e gritei ao homenzinho a rua do meu hotel. Ele carregou no pedal de arranque e partiu a toda a mecha, enfiando-se no trânsito.

O «Bairro das Gaiolas» era muito pior do que eu imaginara. Conhecia-o através de algumas fotografias de um fotógrafo célebre e pensava estar preparado para a miséria humana, mas as fotografias fecham o visível num rectângulo. O visível sem moldura é sempre uma coisa diferente. E depois aquele visível tinha um cheiro demasiado forte. Melhor dizendo, muitos cheiros.

Quando entrámos no bairro caía o crpúsculo e, o tempo de percorrer uma rua, de repente, como acontece nos trópicos, caiu a noite. Uma grande parte das construções do «Bairro das Gaiolas», é de madeira e de esteiras. As prostitutas estão em casotas de tábuas desconjuntadas, com a cabeça de fora através de um postigo. Algumas daquelas casotas eram pouco maiores do que a guarita de uma sentinela. E depois havia barracas e cortinas de farrapos, talvez lojas ou outras actividades comerciais, iluminadas com candeeiros de petróleo, diante das quais havia magotes de gente. Mas o hotel Khajuraho tinha uma pequena tabuleta iluminada e ficava quase à esquina de uma rua com edifícios em construção. O vestíbulo, se assim se pode chamar, tinha um aspecto equívoco sem ser sórdido. Era uma sala na penumbra com um balcão alto como os balcões dos *pubs* ingleses, de cada lado do balcão havia dois abajures vermelhos e atrás estava uma mulher de idade. Vestia um sari vistoso e tinha as unhas pintadas de azul, pelo aspecto podia ser europeia, embora usasse na testa um dos muitos sinais das mulheres indianas. Mostrei-lhe o meu passaporte e disse que tinha feito a reserva por telegrama. Ela fez um gesto de assentimento e pôs-se a copiar os meus dados de identificação com ostensiva diligência, depois deu-me a ficha para assinar.

«Com ou sem casa-de-banho?», perguntou-me, e especificou os preços.

Escolhi o quarto com casa-de-banho. Pareceu-me que a pronúncia da recepcionista tinha um ligeiro sotaque americano, mas não aprofundei.

Destinou-me o quarto e deu-me a chave. O porta-chaves era de celulóide transparente com uma decalcomania dentro a condizer com o hotel.

«Quer jantar?» perguntou-me: Olhava-me com desconfiança. Percebi que o local não era frequentado por ocidentais. Era evidente que perguntava a si própria o que fazia eu ali, com uma bagagem insignificante, depois de ter telegrafado do aeroporto.

Respondi que sim. A ideia não me atraía particularmente, mas tinha muita fome e não me parecia oportuno andar pelo bairro àquela hora.

«A sala de jantar fecha às oito», disse, «depois das oito só servimos no quarto».

Disse que preferia jantar em baixo, ela conduziu-me até uma cortina do outro lado do vestíbulo e entrei numa saleta abobadada com as paredes pintadas de escuro, onde havia mesas baixas. As mesas estavam quase todas livres e a luz era muito fraca. O menu prometia uma infinidade de pratos, mas depois, ao perguntar ao empregado, fiquei a saber que justamente naquela noite tinha acabado tudo. Havia só o número quinze. Jantei rapidamente arroz e peixe, bebi uma cerveja morna e voltei para o átrio. A recepcionista ainda estava sentada no seu lugar e parecia absorvida a dispor pedrinhas coloridas numa espécie de espelho. No pequeno sofá do canto, junto à porta da entrada, estavam dois rapazolas muito escuros, vestidos à ocidental, com calças à boca de sino. Pareceram não dar por mim, mas eu senti imediatamente um certo mal-estar. Parei diante do balcão e esperei que fosse ela a falar. De facto falou. Disse números com uma voz neutra e indiferente, não percebi bem do que se tratava e pedi-lhe para repetir. Era uma tabela. As únicas quantias que percebi foram a primeira e a última: dos treze aos quinze anos, trezentas rupias, depois dos cinquenta, cinco rupias.

«As mulheres estão na saleta do primeiro andar», concluiu.

Tirei uma carta do bolso e mostrei-lhe a assinatura. Sabia o nome de memória, mas preferi mostrar-lho escrito, para não haver equívocos.

«Vimala Sar», disse eu. «Quero uma rapariga que se chama Vimala Sar.»

Ela lançou um olhar rápido aos dois rapazolas sentados no sofá.

«Vimala Sar já não trabalha aqui», disse, «foi-se embora».

«Para onde foi?», perguntei.

«Não sei», respondeu, «mas temos raparigas mais bonitas do que ela».

As coisas não começavam muito bem. Pelo canto do olho pareceu-me que os dois rapazolas faziam um ligeiro movimento, mas talvez fosse apenas impressão minha.

«Procure-ma», disse rapidamente, «eu espero no quarto». Por sorte tinha no bolso duas notas de vinte dólares. Deixei-lhas entre as pedrinhas coloridas e peguei na minha maleta. Enquanto subia as escadas tive uma pequena inspiração ditada pelo medo. «A minha embaixada sabe que estou aqui», disse em voz alta.

O quarto parecia limpo. Estava pintado de verde pálido e nas paredes havia gravuras com esculturas eróticas de Khajuraho, pareceu-me, mas não tinha muita vontade de me certificar. A cama era muito baixa e ao lado havia uma poltrona esfarrapada e um montinho de almofadas coloridas. Na mesinha-de-cabeceira havia vários objectos de forma inconfundível. Despi-me e peguei em roupa interior lavada. A casa de banho era um cubículo lacado que tinha na porta um poster com uma loura montada numa coca-cola. O poster estava amarelecido e manchado dos insectos, a loura usava o cabelo à Marilyn Monroe, tipo anos cinquenta, o que aumentava a sua incongruência. Ao chuveiro faltava o crivo, era simplesmente um cano donde jorrava um jacto de água a altura da cabeça, mas lavar-me pareceu-me a coisa mais voluptuosa do mundo: tinha no pêlo oito horas de avião, três horas de aeroporto e a travessia de Bombaim.

Não sei quanto tempo dormi. Talvez duas horas, talvez mais. Quando as pancadinhas na porta me acordaram, fui abrir maquinalmente, ao princípio nem sequer me apercebi onde me encontrava. A rapariga era pequena e vestia um bonito sari. Estava a suar e a maquilhagem começava a desfazer-se ao canto dos olhos. Disse «Boa noite, senhor, eu sou Vimala Sar». Ficou de pé no quarto, de olhos baixos e braços caídos como se me desse oportunidade de a examinar.

«Sou um amigo de Xavier», disse eu.

Ela levantou os olhos e li uma grande surpresa no seu rosto. Tinha colocado a carta dela sobre a mesinha-de-cabeceira. Olhou para ela e começou a chorar.

«Porque é que ele veio parar a um lugar destes?», perguntei. «O que fazia aqui? Onde está agora?»

Ela começou a soluçar baixinho e eu percebi que tinha feito demasiadas perguntas.

«Acalme-se», disse.

«Quando soube que eu lhe tinha escrito, zangou-se muito», disse ela.

«E porque me escreveu?»

«Porque encontrei a sua direcção na agenda de Xavier», disse ela, «sabia que vocês tinham sido muito amigos, em tempos».

«Porque é que ele se zangou?»

Ela levou a mão à boca como para impedir o choro. «Nos últimos tempos tornara-se mau», disse, «estava doente».

«Mas o que é que ele fazia?»

«Fazia negócios», disse ela, «não sei, não me contava nada, já não era bom».

«Que tipo de negócos?»

«Não sei», repetiu, «não me contava nada, às vezes andava calado dias e dias, e depois, de repente, ficava muito agitado e tinha grandes explosões de fúria».

«Quando é que ele chegou aqui?»

«No ano passado», disse ela, «vinha de Goa, fazia negócios com eles, depois adoeceu».

«Eles, quem?»

«Os de Goa», disse, «de Goa, não sei». Sentou-se no sofazinho junto da cama, deixara de chorar, parecia mais calma. «Compre qualquer coisa para beber», disse ela, «naquele armariozinho há licores, uma garrafa custa cinquenta rupias».

Fui ao armariozinho e peguei numa pequena garrafa cheia de um líquido amarelado, um licor de tangerina. «Mas quem eram esses de Goa?», insisti, «lembra-se pelo menos do nome, qualquer coisa?»

Ela abanou a cabeça e começou outra vez a chorar. «Os de Goa», disse, «de Goa, não sei. Estava doente», repetiu.

Fez uma pausa e deu um longo suspiro. «Às vezes parecia indiferente a tudo», disse, «mesmo a mim. A única coisa que o interessava um pouco eram as cartas de Madrasta, mas depois, no dia seguinte, voltava ao mesmo».

«Que cartas?»

«As cartas de Madrasta», disse ela ingenuamente, como se fosse uma informação suficiente.

«Mas de quem?», insisti, «quem lhe escrevia?»

«Não sei», disse, «uma sociedade, não me lembro, nunca me deixou lê-las».

«E ele respondia?», perguntei ainda.

Vimala ficou absorta. «Sim, respondia, penso que sim, passava muitas horas a escrever.»

«Por favor», pedi, «tente fazer um esforço, o que era essa sociedade?»

«Não sei», disse, «era uma sociedade de estudo, creio, não sei, senhor». Fez outra pausa e depois disse: «ele era bom, a sua vontade era boa, mas a sua natureza tinha um destino triste». Tinha os dedos entrelaçados, uns dedos compridos e bonitos. Depois olhou para mim com uma expressão de alívio como se lhe tivesse vindo à memória uma recordação. «Theosophical Society», disse. E pela primeira vez sorriu.

«Ouça», disse eu, «conte-me tudo com calma, tudo o que se lembrar, tudo o que possa dizer-me».

Servi-lhe mais um copo. Ela bebeu e começou a contar. Foi uma história longa, prolixa, cheia de detalhes. Falou-me da história deles, das estradas de Bombaim, de excursões alegres a Bassein e a Elephanta. E ainda de tardes no Victoria Garden, deitados na relva, dos banhos em Chowpatty Beach, sob as primeiras chuvas da monção. Soube como Xavier tinha aprendido a rir e do que ria; e de quanto gostava do pôr do Sol no mar de Oman, quando passeavam ao fim da tade, à beira-mar. Era uma história que ela tinha cuidadosamente limpo de torpezas e de misérias. Era uma história de amor.

«Xavier tinha escrito muitas coisas», disse ela, «depois, um dia, queimou tudo. Estava aqui, neste hotel, pegou numa bacia de cobre e queimou tudo».

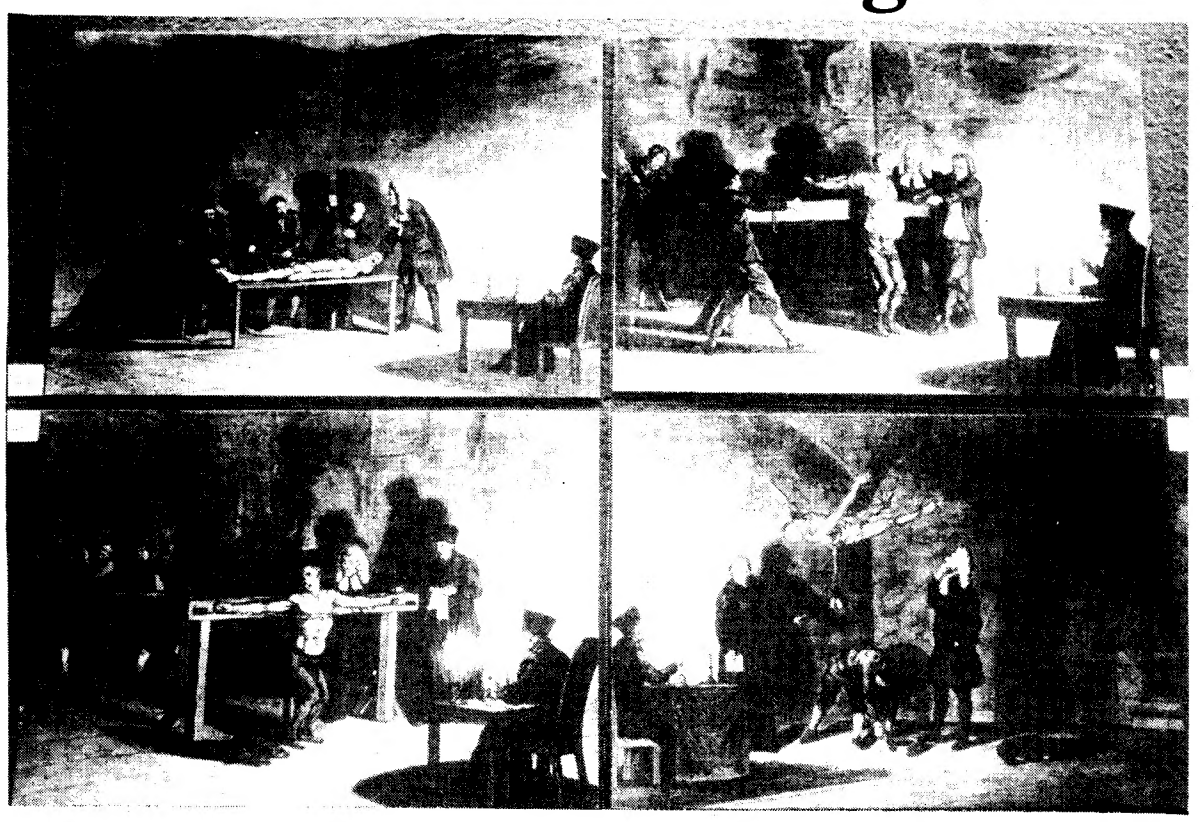
«Porquê?», perguntei.

«Estava doente», disse ela, «a sua natureza tinha um destino triste».

Quando Vimala se foi embora a noite devia estar no fim. Não olhei para o relógio. Corri as cortinas da janela e estendi-me na cama. Antes de adormecer chegou até mim um grito distante. Talvez fosse uma oração ou uma invocação ao novo dia que estava a nascer.

António Tabucchi, Nocturno Indiano, ed. Quetzal

Acabados de chegar



■ **Judaísmo e Inquisição, estudos, Maria José Pimenta Ferro Tavares, Presença**

É um importante trabalho, que desenvolve o tema em que a autora vem fazendo pesquisa desde há vinte anos. Em cinco estudos, Maria José Ferro Tavares analisa a transformação da minoria judaica em minoria cristã-nova «e a luta desta para permanecer individualizada, o *outro* de uma sociedade que se queria ideologicamente una».

O baptismo forçado, o estabelecimento do Santo Ofício, a reprodução clandestina da tradição judaica, surgem como sintomas da aventura atribulada de um corpo ideológico e social *diferente*, em luta pela sua identidade. Ao mesmo tempo, o ensaio analisa as condições que levaram ao estabelecimento da Inquisição em Portugal. A autora explica que o texto agora dado à estampa está integrado num complexo mais vasto, que é o estudo dos cristãos-novos portugueses e sua diáspora, no século XVI.

■ **A Renúncia Impossível, Agostinho Neto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, col. Escritores dos Países de Língua Portuguesa**

Precedido por um interessante estudo de Manuel Ferreira, este «Renúncia Impossível» foi pela primeira vez editado em Luanda em Setembro de 1982, celebrando o sexagésimo aniversário do nascimento de Agostinho Neto. Faziam, então, parte do espólio deixado pelo «poeta presidente», e o INALD angolano explicava que «inéditos de um poeta que é, simultaneamente, memória ainda recente e sempre viva de um homem público de valor e génio reconhecidos, não necessitam de razões para serem publicados».

Cronologicamente organizados, os poemas que integram a antologia vêm de 1947 a 1952. Só o último escapa à regra, pela sua extensão.

Manuel Ferreira diz, no prefácio-apresentação, acerca do sujeito desta poesia: «Autodestruindo-se, o sujeito personaliza colectivamente a raça negra, pratica masoquistamente o masoquismo sacrificial, mas no interior do texto, no palimpsesto, está o riso do homem negro porque se entende que a solução não reside no desaparecimento do negro para tranquilidade da consciência do branco, mas sim na viagem dolorosa do negro, bem dentro do universo do Outro, que leve à Redenção, que o transporte à Celebração».

■ **Diário Íntimo, Manuel Laranjeira, ed. Vega, colecção «Clássicos da Literatura Portuguesa»**

O diário de Manuel Laranjeira, personalidade nebulosa que pôs termo à vida em Fevereiro de 1912, em Espinho, era uma peça que faltava para o conhecimento do homem que privou com Amadeo de Souza Cardoso, Teixeira de Pascoaes, António Patrício, António Carneiro, João de Barros... se pensarmos que a sua primeira edição, datada de 1957, e que ficou a dever-se à iniciativa de Alberto de Serpa e foi, então, editada pela Portugália, desapareceu há muito das livrarias e dos armazéns.

Agora prefaciado por José Manuel de Vasconcelos, o «diário íntimo» de Laranjeira revela a crise profunda desse médico atacado de tuberculose, divulgador de ideias políticas, sociais e científicas modernas, polemista, herdeiro da geração de 70 e intérprete do espírito do «finis patriae» e que é possível integrar na multifacetada corrente pessimista do fim do século, onde se encontram nomes como os de António Nobre, José Duro, Antero, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro.

■ **Entre Fialho e Nemésio, II, Óscar Lopes, Imprensa Nacional/Casa da Moeda**

Com o segundo volume agora saído na IN/CM conclui Óscar Lopes a publicação do seu importante estudo. Análise detalhada de autores, correntes literárias, sua ligação à realidade das ideias e da sociedade portuguesa, esta segunda parte de «Entre Fialho e Nemésio» inicia-se sob o signo do Primeiro Modernismo e de Cesário, e vem até aos últimos poetas da «Presença». Quem recorda a «História da Literatura» que Lopes publicou com António José Saraiva encontrará aqui a mesma erudição, o mesmo rigorismo do investigador e a informação cuidada do professor universitário que nunca descansou sobre louros passados. Não se trata, porém, de um trabalho de divulgação: antes está vocacionado para funcionar, durante décadas, como mais uma obra de referência, das poucas publicadas nos nossos dias, sobre a herança da geração de 70 que se estende até aos derradeiros modernos.

■ **Círculo Matarese, Robert Ludlun, Europa-América**

Tal como Le Carré em **O Espião Que Saiu do Frio,** Ludlun ultrapassa neste seu romance os limites do tradicional romance de **suspense.** Os «contrários» são já tradicionais: CIA e KGB. Ambos os lados têm uma série de cadáveres e factos passados por explicar: a morte de Trotsky ou Beri, dos Kennedy ou de Martin Luther King... Dois génios de espionagem confrontam-se: descobrir o que era o Círculo Matarese. Embora político, é um romance para se ler sem quaisquer preocupações políticas... E aí é que está a graça! Tradução de Sophie Penberthy.

■ **Amantes e Jogadores, Jackie Collins, Europa-América**

Por este romance de quase 500 páginas perpassa um «supergaranhão» do **rock and roll,** acordando nas jovens sonhos de amor e desejos eróticos. Um itinerário com muitas cidades: Londres, Nova York, Hollywood, Rio de Janeiro... Até (veja o leitor!) as selvas do Amazonas. Um livro, enfim, de puro entretenimento, servindo à maravilha para preencher os fins-de-semana chuvosos (e também frios) que se aproximam. Estes romances, assim volumosos e com muito «sexy», costumam surgir (diz-nos a experiência) quando o Inverno faz a sua entrada... Tradução de Maria João Bento.

O eu nos outros

Os fantasmas

A O passar, pensativamente, a mão pelo rosto, André M. T. apercebeu-se de que se tinha barbeado mal. A um canto da sala, distante dos outros, via a mulher em animada conversa com o jovem escritor galardoado com o Prémio de Literatura Fantástica, instituído pela editora Z., uma das mais produtivas da cidade, invadindo com os seus títulos, para além das livrarias, as bancas dos jornais e os centros comerciais mais requintados.

— Já leu o famoso livro...? — perguntou-lhe, com uma taça vazia, Elvira S. M., um leve traço de ironia pelos lábios.

— Estou tão vazio acerca do livro como essa taça que tu aí trazes.

Ela riu, pousando a taça no vão de uma estante:

— Mas vais lê-lo ou não...? Com estas frias noites de Inverno, nada há como o fantástico para nos aquecer um pouco...

André M. T. acendeu um cigarro:

— Talvez sim, talvez não. Ficarei, no entanto, a par da história. Minha mulher certamente que me contará tudo. Há mais de uma hora que está a conversar com o autor. E é sobre o livro... Foi por isso que me afastei. Há entusiasmos que não suporto. E acontece, ainda por cima, que estou mal barbeado.

Elvira S. M. meteu-lhe o braço, levou-o consigo por entre os convidados. E disse-lhe:

— Tens de compreender que ela, como crítica literária, tem a sua audiência. E o autor do livro sabe isso... Quanto muito, está a mostrar-se simpático. Aceita-se. Talvez esteja até a elogiar o seu próprio livro. Não dizes tu que um livro é como um filho...?

André M. T. acariciou-lhe o braço:

— Nunca se elogia um filho fantástico. Elogia-se um filho normal. O fantástico, na minha opinião, é sempre arbitrário. Já pensaste o que é ter um filho arbitrário...?

— Terrível, és terrível! Vem comigo até ao terraço da editora. Há tanto fumo na sala que me sinto um pouco atordoada.

Ele acedeu. Era um amplo terraço, sobre a cidade, arborizado com arbustos de plástico, numa mistura de plantas de vários climas. Tinha um aspecto...

— Não tem isto um aspecto fantástico...? — adiantou-se Elvira S. M. aos pensamentos que intuía em André. Mas logo desatou a rir, sacudida, os olhos húmidos, tomando-lhe ternamente a mão por breves instantes. Ele beijou-lhe o oiro curto dos cabelos, num gesto rápido, como quem se debruça sobre o parapeito para melhor olhar a cidade. Depois disse, a mão lentamente pelo rosto:

— Repara como todos são felizes para além daquele vidro... Para eles, é um instante que está plenamente certo. Para nós, não. Para nós é **este** instante, aqui no terraço, com as luzes da cidade prestes a aparecer. Maldito curso de Filosofia que nós tirámos! Acredita, Elvira, numa coisa: hoje, que me barbeei mal, quem me dera que a barba me crescesse num repente até aos pés e me escondesse por completo. É que, sabes?, tenho vergonha de tudo isto. Tudo, tudo uma mera brincadeira. Uma ilusão que não queremos desfazer... Fantástico, verdadeiramente fastástico, é não sabermos quem nós somos... Tudo o mais são sessões de autógrafos sobre a aparência do humano. Lamento as árvores que nos dão a celulose, o papel, a página em branco.

O editor surgiu à entrada do terraço:

— Mas que coisa fantástica! — exclamou. — Então vocês os dois estão por aqui abandonados, a olhar a cidade como dois pasmas...? É fantástico! É que são mesmo dois fantasmas!

Pedro Alvim